

MARIA JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA DIAS

**MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA:
DEMARCAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO INVESTIGATIVO DA EDUCAÇÃO**

GOIÂNIA

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

**MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA:
DEMARCAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO INVESTIGATIVO DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa Pública do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obter o título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura.

Mestranda: Maria José Pereira de Oliveira Dias

Orientador: Prof. Dr. José Maria Baldino

GOIÂNIA

2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

D541m Dias, Maria José Pereira de Oliveira.
Mal-estar docente na educação superior brasileira
[manuscrito]: demarcação bibliográfica no campo investigativo
da educação / Maria José Pereira de Oliveira Dias – Goiânia,
2015.
125 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em
Educação, 2015.
“Orientador: Prof. Dr. José Maria Baldino”.
Bibliografia.

1. Qualidade de vida no trabalho. 2. Corpo docente. I. Título.

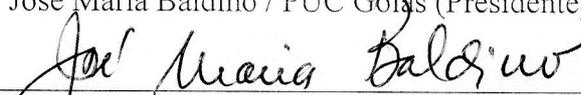
CDU 37(043)

**MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA:
DEMARCAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO INVESTIGATIVO DA
EDUCAÇÃO**

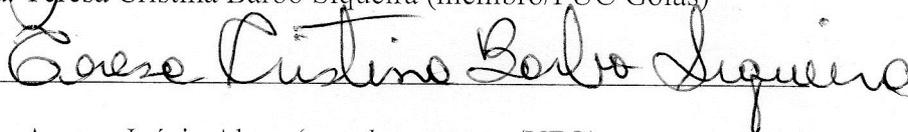
Dissertação aprovada em 12 de junho de 2015, no curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

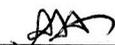
Dr. José Maria Baldino / PUC Goiás (Presidente)



Dra. Teresa Cristina Barbo Siqueira (membro/PUC Goiás)



Dra. Amone Inácia Alves (membro externo/UFG)



Dra. Lucia Helena Rincon Afonso (suplente/ PUC Goiás)

Dra. Denise Silva Araujo (suplente/UFG)

Excertos Meditações XVII- JOHN DONNE- 1572-1631

Homem algum é uma ilha, só, completa em si mesma e totalmente isolada do que a cerca.

Todo o homem partilha necessariamente com os restantes homens da Totalidade, como a ilha que, do mesmo modo necessário e igualmente indeclinável, a divide com todos os continentes.

Basta que um só grão da terra que a compõe seja levado pelo mar para que a Europa fique de imediato, mais pobre como se, não o grão de terra, mas uma montanha inteira ou a morada do amigo de um de nós ou a nossa própria o tivessem sido.

A morte de um único ser humano deixa-me fatalmente mais pobre porque eu e ele temos a ligar-nos essa íntima condição comum de humanos que indissolivelmente nos vincula um ao outro-e a mim, a mim próprio, de modo particular.

É por isso que ouvindo tu o sino que dobra na morte de alguém que não conheces, nunca deves, questionar-te por quem dobra ele: é sempre, seja qual for o caso, por Ti que ele dobra".

Poema inspirador do filme de Ernest Hemingway, Por Quem os Sinos Dobram (1940).

DEDICATÓRIA

A Deus por não ter-me deixado desanimar nem perder a fé.

Aos meus amores Marivaldo, Vitor e Lucas pela perfeita compreensão quando estive ausente e pelos magníficos carinhos quando mais precisava deles.

Aos meus pais Maria Odete e José Bezerra por terem me dado vida e força espiritual para que eu ensejasse e alcançasse grandes saltos rumo ao crescimento pessoal e profissional.

Ao meu grande Mestre Prof. Dr. José Maria Baldino por compreender os meus anseios, por sua imensa generosidade e paciência.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-me fortalecido e concedido a oportunidade de realizar este grande sonho.

Agradeço especialmente aos meus Pais por terem-me educado e ensinado as maiores das virtudes que uma Pessoa pode ter na vida, que são o respeito, solidariedade e amor ao próximo.

Ao meu grande amor Marivaldo e aos nossos filhos Vitor e Lucas por terem sido companheiros e por juntos suportarem os momentos mais difíceis na ausência da esposa e mãe.

Ao Prof. Dr. José Maria Baldino por pacientemente ter-me orientado meus primeiros passos com a pesquisa, incentivado e, com sua amizade, ensinado a mansidão e a ética.

A Filomena (assistente social aposentada pela PUC Goiás) por ter sido um marco na história da minha vida.

Aos meus colegas do mestrado Marieunice, Sullyvan e demais pela bela amizade a qual levarei eternamente...

RESUMO

DIAS, Maria José Pereira de Oliveira. *Mal-Estar Docente na educação superior brasileira*: demarcação bibliográfica no campo investigativo da educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

Nesta dissertação, propõe-se a indagar sobre quais referências embasam os estudos acerca do Mal-Estar Docente Universitário no quadro das reconfigurações educacionais formatadas pelas orientações políticas neoliberais. Trata-se de um estudo exploratório de natureza crítico-qualitativo aportado em fontes teórico-bibliográficas emoldurantes da problematização temática, expressão das sociedades contemporâneas. Recorreu-se às contribuições de Weber (1864-1920), Freud (2006), Déjours (1992), Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedito et al. (1995) e Trein e Rodrigues (2011). Perquiriu-se também o Banco de Teses e Dissertações da Capes, o BDTD e os Periódicos *RBE/Anped*, *Cedes*, *Cadernos de Pesquisas/Fundação Carlos Chagas-SP*, *Em Aberto/ MEC-INEP*, referentes ao período de 2000 a 2014, utilizando-se os filtros Mal-Estar, Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário. Questões importantes foram reveladas, entre elas, o número de trabalhos é maior sobre Mal-Estar Docente e menor quanto ao Mal-Estar Docente Universitário, o que denota uma temática pouco investigada. O seu caráter é interdisciplinar, perpassando as áreas da Educação, Psicanálise, Sociologia, Psicologia e Administração. Das palavras-chave recorrentes como Mal-Estar Docente na Educação Superior, Mal-Estar na Academia, Trabalho Docente, Precarização, Estresse Ocupacional, Trabalho Solitário, Produtivismo, sinalizam para o Mal-Estar Social. As perspectivas de transformação coletiva abstraem dos Professores a sua responsabilização como individualidade. Por isso fez-se alusão política à poética Meditação XVII, de John Donne, inspiradora de Ernest Hemingway no filme *Por quem os sinos dobram? Por nós todos!*

Palavras-chave: Mal-Estar. Mal-Estar Docente. Mal-Estar Docente Universitário. Precarização. Ansiedade e Sofrimento.

ABSTRACT

DIAS, Maria José Pereira de Oliveira. *Uneasiness on Professors at the Academy Brazilian: bibliographic demarcation in the investigative field of education.* Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

In this thesis, it is proposed to inquire about references which underlie the studies on the Uneasiness on Professors at the Academy in the context of educational reconfigurations formatted by neoliberal political orientations. It is an exploratory study of critical and qualitative nature contributed in focused theoretical and bibliographical sources of thematic questioning, expression of contemporary societies. We resorted to Weber's contributions (1864-1920), Freud (2006), Dejours (1992), Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedict et al. (1995) and Trein and Roberts (2011). It also investigated meticulously the Data of Thesis and Dissertations of Capes, the BDTD and RBE Journal / Anped, Cedes, books Research / Carlos Chagas Foundation-SP Plano Abrir / MEC-INEP, for the period of 2000-2014 using If the uneasiness teaching, Uneasiness Teaching and Professor Uneasiness. Important questions were revealed, among them, the number of jobs is greater for Uneasiness Teaching and less about the Uneasiness Professor Teaching, which denotes a subject little investigated. Its character is interdisciplinary, traversing the areas of Education, Psychoanalysis, Sociology, Psychology and Business Administration. The appellants keywords like Uneasiness Teaching in Higher Education, Uneasiness at the Academy, Teaching Work, Precarious, Occupational Stress, Work Alone, Productivism, signal to the Uneasiness Social Welfare. The prospects for collective transformation abstract Professor their accountability as individuality. It made allusion to political to the poetic Meditation XVII by John Donne, inspired Ernest Hemingway in the film For Whom the Bell Tolls? For all of us!

Keywords: Uneasiness. Uneasiness Teaching. Uneasiness on Professors at the Academy. Precarious. Anxiety and Grief.

LISTA DE SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior

CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade

FCC – Fundação Carlos Chagas (SP)

IES – Instituição de Ensino Superior

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

RBE – Revista Brasileira de Educação

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Identificação dos recortes.....	60
Quadro 2: Visualização das palavras geradoras.....	61
Quadro 3: Anúnciação das categorias de análise.....	63
Quadro 4: Mapeamento das dissertações – BDTD (2000-2013).....	73
Quadro 5: Mapeamento de Teses – BDTD (2000-2014).....	74
Quadro 6: Mapeamento de teses e dissertações – Banco de Teses e Dissertações da Capes (2011-2012).....	76
Quadro 7: Levantamento integrado dos artigos, teses e dissertações registradas nos principais veículos de publicações brasileiras com a temática Mal-Estar Docente no Ensino Superior (2000-2014).....	79
Quadro 8: As principais categorias apreendidas dos pensadores que abordaram o Mal-Estar Docente na Educação Superior.....	83
Quadro 9: Os autores referenciados nas principais publicações analisadas.....	83
Quadro 10: As palavras-chave referenciadas nas principais publicações analisadas.....	85

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Teses, dissertações e artigos publicados em veículos editoriais de pesquisas educacionais no Brasil. 2000-2013	67
Gráfico 2: Teses e dissertações registradas na Capes (2004-2012).....	74

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A: Mapeamento de Dissertações – Descritor: Mal-Estar Docente (2000-2013)	99
Apêndice B: Mapeamento das Dissertações – Descritor: Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário (2000-2013)	100
Apêndice C: Mapeamento das Teses – Descritor: Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário (2000-2014).....	103
Apêndice D: Mapeamento das Teses e Dissertações – Descritores: Mal-Estar Docente/ Mal-Estar no Ensino Superior –. Capes (2011-2012).....	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DAS TEMÁTICAS MAL-ESTAR, “MAL- ESTAR DOCENTE” E MAL-ESTAR DOCENTE UNIVERSITÁRIO: APROXIMAÇÕES NA DIVERSIDADE DE CONFIGURAÇÕES E SENTIDOS	22
1.1 CONTRIBUIÇÕES REFERENCIAIS	27
1.1.1 Max Weber, Racionalização e o Desencantamento do Mundo Moderno	27
1.1.2 Sigmund Freud e o Mal-Estar da Civilização	29
1.1.3 Christophe Déjours e a Loucura do Trabalho	34
1.1.4 Joel Birman e o Mal-Estar na Atualidade	43
1.1.5 José Manuel Esteves Zaragoza e Mal-Estar Docente como Sintoma na Formação dos Professores	45
1.1.6 Vicente Benedito et al. – Manifestação do Mal-Estar Docente nos Departamentos Universitários e as Contradições da Produção Científica na Academia	53
1.1.7 Trein e Rodrigues e o Mal-Estar Docente na Academia Universitária	54
1.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE: sofrimento, silenciamento, insatisfação, ansiedade e tensões	59
CAPÍTULO 2 “MAL-ESTAR DOCENTE” COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: BALANÇO BIBLIOGRÁFICO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA PARA A CONSTRUÇÃO E MEDIAÇÕES ENTRE O CORPUS TEÓRICO E O CORPUS EMPÍRICO DA PESQUISA	66
2.1 LEVANTAMENTO E ORGANIZAÇÃO DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: APREENSÕES EM VEÍCULOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.	67
2.1.1 Artigos Científicos.	69
2.1.2 Teses e Dissertações – Domínio Público e BDTD.	71
2.1.3 Teses e Dissertações – Capes	74
2.2 ESTUDOS ACERCA DO MAL-ESTAR DOCENTE UNIVERSITÁRIO – REVELAÇÕES ACADÊMICAS: TÍTULOS, AUTORES, CATEGORIAS TEÓRICAS APREENDIDAS, APORTES ANALÍTICOS E PALAVRAS-CHAVE	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICES	102

INTRODUÇÃO

Mas o ardil da razão universitária pelo qual a instituição leva o docente a servir à instituição dando-lhe a permissão e a disposição para servir-se da instituição, serve na verdade funções que a razão universitária não conhece, ou em todo caso, não quer reconhecer. (Pierre Bourdieu)

Estamos vivendo num mundo globalizado no qual a intensidade e amplitude das contradições estruturais e conjunturais do modo de produção capitalista materializam-se em escala mundial. Reconhecida teoricamente a nossa histórica e política configuração dependente mais longe ainda nos colocam diante do “*ethos*” político, ainda que liberal, sobre o qual se fundou ideologicamente nos marcos da Revolução Industrial Inglesa do século XVII e da Revolução Francesa de 1789, a modernidade iluminista e hoje a pós-modernidade.

Os marcos estruturais da moderna civilização ocidental consubstanciam-se no estado republicano, burguês, laico, representativo e democrático: o homem livre, as ciências sobre o primado da razão, a liberdade, o trabalho livre e alienado, os direitos humanos universais, a igualdade jurídica; dentre outras questões constitutivas republicanas.

Considerando-se a história humana como movimento dialético das lutas de classes materializadas nos confrontos pela efetivação dos direitos proclamados pela sociedade moderna, não obstante considerarmos as transformações conjunturais, localizadas e ocorridas frutos dos processos de democratização movidos e estimulados pela sociedade civil, a reconfiguração contemporânea do capital e trabalho submete a sobrevivência humana ao desemprego ou trabalho marcadamente precarizado em condições e remuneração. Os processos de trabalho são modificados e a ameaça do desemprego funciona como o grande castigo diante das possibilidades organizativas de representação e lutas sindicais contemporâneas. Impõe-se a ordem do silenciamento e a imposição das sobrecargas de trabalho.

Na área da educação escolar esta onda aprofundada pela globalização neoliberal assola e insiste ofensivamente (des)construir as conquistas já alcançadas e suas possibilidades históricas da categoria docente pela sua profissionalização. Condições de trabalho, de ensino e de vida colocam os Professores brasileiros diante de uma desvalorização tanto profissional como humana, por dentro e por fora

das instituições escolares permeiam e se reproduzem, em escala crescente, as manchetes midiáticas denunciadoras das corrupções institucionais e governamentais, as violências e os desempregos.

Seriam estes os indícios a serem considerados como o problema ou sintoma das sociedades contemporâneas?

É neste contexto e neste horizonte marcados por tantos problemas e desencantos que, no campo da educação, deve se situar o que vem tomando 'corpo' na contemporaneidade como certo Mal-Estar Docente.

O que isso significa? Seria um problema, manifestação, sintoma ou patologia? Várias áreas do conhecimento o tem tomado como objeto de investigação.

Nesta dissertação, intentou-se indagar como esse Mal-Estar Docente tem-se configurado nas pesquisas científicas sobre as quais são elaborados os trabalhos como artigos, dissertações e teses, verticalizando as produzidas no campo da educação. Em que termos conceituais e sentidos eles têm se (des)velado ou silenciado na educação superior?

POR QUE INVESTIGAR ESTA TEMÁTICA?

Ao se pensar as temáticas Mal-Estar e Mal-Estar Docente nos dias atuais, observa-se que não é uma questão exclusiva do Brasil decorrente de sua condição de subalternidade ao capitalismo central, nem de uma categoria específica de trabalhadores, no caso deste estudo, Professores Universitários, cuja problemática empírica e teórica começou a ganhar visibilidade nos últimos vinte anos. Entretanto, decorrente desta lógica neoliberal historicamente construída, muitas vezes, têm sido impostas aos Professores severas dificuldades para atender as exigências das cobranças sociais de um sistema de ensino massificado sob o discurso ideológico para atender as novas e crescentes demandas sociais.

A ausência de condições básicas para o cumprimento do trabalho do Professor o tem levado para um Mal-Estar quanto ao seu desempenho profissional, consideradas, em grande parte, as precárias condições institucionais de trabalho, salários e mesmo as condições de ensino e aprendizagem.

Segundo Pimenta (2002), o que se vê de fato na educação é um ensino cada vez mais precário e a uma profissão docente ainda mais desvalorizada e estigmatizada por parte da sociedade. Portanto, propôs-se, nesta pesquisa, compreender as diferentes configurações do Mal-Estar Docente na educação superior brasileira, no período histórico compreendido entre os anos 2000 e 2013.

Esta proposta de pesquisa decorreu-se pelo fato de que, no decorrer de nossa vida acadêmica, deparar-nos com Professores(as) que se queixavam ininterruptamente de seus alunos, de seus colegas de trabalho, de suas aulas, muitas vezes de seus próprios Professores, sem encaminharem efetivamente propostas que pudessem enfrentar o mal-estar em que se encontravam.

A relevância desta investigação está na disposição desafiadora em analisar o atual cenário das pesquisas sobre o “Mal - Estar” e “Mal-Estar Docente” no Brasil, procurando desvelar e interpretar os seus múltiplos olhares, seus conceitos e suas perspectivas teóricas. Diante do aumento das cobranças na atuação docente, ao mesmo tempo, um processo perverso de desvalorização profissional, bem como por certas expressões de desencadeamento, parecem indicar sinalizações do Mal-Estar Docente ampliado por uma onda produtivista que tem forçado o docente a redobrar o seu trabalho sem as condições necessárias, correspondentes que o reconheça em termos de importância profissional e humana. Ressalta-se que, nesta pesquisa, o foco de atenção se voltará para o Mal-Estar Docente na educação superior.

A CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Os entendimentos acerca dessas temáticas nos remetem a percorrer caminhos cruzados e transversais advindos de várias ciências humanas e sociais, aportados teórico e metodologicamente em filiações e correntes do pensamento nem sempre convergentes. Optou-se por traçar referências circulares sem prévia seleção submetida a uma determinada filiação teórico-metodológica, mesmo porque o que se busca é mapear as diferentes perspectivas e suas recorrências nos estudos realizados.

Para esboçar o que aqui se nomeia como uma arqueologia das raízes e rizomas do Mal-Estar Docente, optou-se por transitar pelos vários conceitos e

entendimentos começando pelo de racionalização e desencantamento do mundo moderno formulado por Weber (1864-1920) ao Mal-Estar da Civilização cunhado pela psicanálise de Freud (2006), perpassando pela Loucura do Trabalho de Déjours (1992) e por Birman (1999), que discute o sujeito e o sofrimento que este enfrenta na atual realidade do trabalho precarizado e alienado, ousando construir pontes e diálogos com a questão relacionada ao Mal-Estar Docente de Zaragoza (1999), finalizando com o Mal-Estar Docente no Ensino Superior de Vicente Bedito et al. (1995) e Trein e Rodrigues (2011).

As reconfigurações e a amplitude de suas expressões nos incertos tempos passados e presentes, colocadas como indagação central dos múltiplos olhares das ciências humanas e sociais, devem ser entendidas que suas essencialidades residem no estranhamento à banalização da condição humana, em que como resistência os sujeitos coletivos ou singulares reivindicam e lutam para superar sua condição de subalternidade e escravidão voluntária movida pelo medo em uma República que tanto proclama a cidadania, mas na prática os reconhecem como semicidadãos e não cidadãos integrais.

A perspectiva dialética, ao instigar a busca das contradições, também nos possibilita construir sínteses entre as aproximações e os distanciamentos. Isto significa dizer que o espírito investigativo desta dissertação não busca homogeneizar os conceitos de Mal-Estar e Mal-Estar Docente, mas, sim, abrir e registrar o espectro de olhares múltiplos convergentes/divergentes sobre um mesmo objeto não unidimensional.

Trata-se de uma pesquisa de caráter teórico-documental de natureza qualitativa que interroga como problema qual a recorrência de estudos, sentidos e aportes teóricos que fundamentam a problemática nomeada sendo de Mal-Estar Docente nas diferentes áreas do conhecimento e especificamente na educação superior. Nessa perspectiva orientou-se pelos seguintes objetivos:

a) Objetivo Geral

- Contextualizar e problematizar os estudos bibliográficos acerca do Mal-Estar e Mal-Estar Docente, com foco no Mal-Estar Docente Universitário, desenvolvidos para desvelar/explicitar sua configuração e sentidos na contemporaneidade.

b) Objetivos Específicos

- Mapear os estudos acerca do Mal-Estar, Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário (2000-2013) em diferentes veículos de divulgação científica, identificando e analisando títulos, autores, categorias, aportes teóricos e palavras-chave.
- Esboçar um mapa teórico conceitual das aproximações e distanciamentos teóricos entre as categorias apreendidas de estudos clássicos com as produções expressas em artigos científicos, teses e dissertações.

O Professor Universitário brasileiro contemporâneo tem sofrido muitas pressões para converter-se pelo neoliberalismo global a um trabalhador flexível e submetido à lógica da produtividade, e suas estratégias de positivação e reprodução intensificam-se na precarização da vida e do trabalho docente, gerando diferentes formas de violência em suas múltiplas dimensões, ignorando a ambivalência analisada por Déjourns (1992) do prazer e sofrimento no trabalho entre outros. Na educação escolar são vários os estudos que têm comprovado como este contexto perverso atravessa as instituições escolares, os processos de formação e dos modos de ser professor incorporando novos *habitus* e estados de sofrimento.

A prática pedagógica, de forma inconsciente, passa também pelas ações incorporadas ao longo da vida acadêmica, profissional e pessoal que o *habitus* transformou e que pode ser observado em seu repertório e nas diferentes técnicas constituídas no ato da profissão do Professor. Perrenoud (1997, p. 42) afirma que:

[...] é preciso admitir que, no âmbito das práticas pedagógicas, se fala bastante da mudança, ainda que ela nem sempre surja identificada na acção pedagógica, salvo para considerar a evolução nas últimas décadas, ou, no máximo, nos últimos cinquenta anos. O que só dá crédito à tese de uma génese do hábitus como interiorização dos constrangimentos objetivos. Pois se é verdade que houve reformas nas estruturas escolares ao nível do sistema, da organização do ensino secundário, por outro lado, não se pode ignorar que as condições de trabalho na sala de aula pouco se alteraram. Nota-se que houve um aperfeiçoamento dos equipamentos, uma diminuição progressiva dos efectivos, uma flexibilidade relativa dos planos de estudo e das directivas metodológicas, a modernização do curriculum. Mas são apenas variações – muito lentas, aliás – num esquema de base onde não se verificam mudanças!

Os processos institucionais de formação profissional não podem ignorar os *hábitus* que os Professores trazem internalizados. Perrenoud (1997, p.40) nos diz que “o *hábitus* é, justamente, essa espécie de computador que, funcionando em tempo real, transforma estes dados numa acção mais ou menos eficaz, mais ou menos reversível”.

TRAÇOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, de natureza teórico-bibliográfico, com o tratamento dos dados e informações quanti-qualitativos. As fontes bibliográficas foram buscadas nos principais veículos de divulgação de pesquisas, como revistas e periódicos científicos, dissertações e teses (2000-2013), com intuito de apreender, compreender e desvelar o Mal-Estar Docente Universitário no Brasil. A organização com vistas às análises dos resultados foi sistematizada por meio de matrizes analíticas/resumos, tabelas e quadros/mapas comparativos.

A perspectiva investigativa foi orientada pelo método dialético, com aporte no materialismo histórico, fecundos em possibilidades de apreensão científica de múltiplos olhares interpretativos considerando os diversos sintomas ou sinais do Mal-Estar Docente como expressões de conjunturas sociais e culturais contraditórias as quais insistem na ofensiva para desvalorizar o Professor, transformando-o em instrumento de avaliação e manobra de um sistema ideológico de julgamentos cujas raízes têm dimensões institucionais e coletivas.

As conjunturas e os cenários das duas últimas décadas foram marcadas sobremaneira pelo avanço do neoliberalismo que impôs à sociedade um novo modelo societário e econômico, colocando em cheque princípios, valores e verdades. No campo da educação escolar, os reordenamentos e as configurações do trabalho do Professor e do ensino são marcantes. Precarizaram-se as condições de trabalho, ensino e salários. A autoridade docente sofre derrocada (desmoronamento), e a própria instituição de ensino perde sua identidade decorrente da relevante emergência de novos espaços de formação.

Para a sistematização dos registros nas fontes bibliográficas selecionadas e nos artigos divulgados pelas revistas científicas *Cedes*, *RBE*, *Cadernos de*

Pesquisa/FCC, Em Aberto/Anep, Educação & Sociedade e Domínio Público, da Capes, Biblioteca Virtual (teses e dissertações na área de educação) e Banco de Teses e Dissertações da Capes, foram definidos os seguintes marcadores de busca: Mal-Estar, Mal-Estar Docente, Mal-Estar na Educação, Mal-Estar do Professor Universitário.

Com os registros encontrados, optou-se pelo veículo com maior número de publicações, recorrendo as leituras e compreensões de todos os resumos dos trabalhos cotejados, segundo a abordagem do problema, as referências teóricas orientadoras, bem como as palavras-chave [Matriz Analítica: título, autores, ano, autores referenciados, palavras-chave].

A metodologia da análise do conteúdo de Franco (2003) possibilitou esboçar os marcos conceituais dos vários sentidos atribuídos ao Mal-Estar Docente na educação superior por serem considerados, neste nível de formação, que os mantos e véus dos estranhamentos e sofrimentos são mais invisíveis, assim como os dilemas e os diferentes sintomas tendem a ser silenciados e individualizados.

A ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação inicia-se com uma Introdução em que se apresenta o plano geral da investigação destacando-se quatro subitens orientadores: o primeiro denominado de Por Que Investigar Esta Temática?; o segundo chamado de A Construção da Problemática; o terceiro intitulado Traços Metodológicos; e o quarto, A Organização da Dissertação.

Na sequência de seu plano de exposição, a dissertação se desenvolve em dois capítulos articulados, buscando a diversidade de fontes e perspectivas interpretativas das duas temáticas selecionadas que se entrecruzam: Mal-Estar e Mal-Estar Docente Universitário.

No Capítulo 1, denominado de Fundamentos Teóricos para Compreensão das Temáticas Mal-Estar, Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário: aproximações na diversidade de configurações e sentidos, são apresentadas as contribuições referenciais das diversas contribuições analítico-conceituais do objeto

desta dissertação: Weber (1864-1920), Freud (2006), Déjours (1992), Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedito et al. (1995) e Trein e Rodrigues (2011).

O Capítulo 2, denominado de Mal-Estar Docente como Objeto de Investigação no Campo da Educação Superior: balanço bibliográfico da produção acadêmica para a construção e mediações entre o *corpus* teórico e o *corpus* empírico da pesquisa, apresenta um Levantamento e Organização das Referências Bibliográficas, fruto das apreensões em veículos de divulgação científica no campo da educação brasileira contemporânea, buscado pela recorrência à metodologia da análise do conteúdo (FRANCO, 2003). Esse levantamento se organiza em três subitens: Artigos Científicos, nas fontes *RBE*, *Cadernos de Pesquisa/FCC*, *Em Aberto/INEP* e *Educação & Sociedade/Cedes*, com os descritores: Mal-Estar Docente, Mal-Estar Docente Universitário e Mal-Estar Docente no Ensino Superior, no período de 2000 a 2013; Teses e Dissertações, nas fontes Domínio Público/Capes e BDTD, com os descritores Mal-Estar Docente, Mal-Estar Docente Universitário e Mal-Estar Docente no Ensino Superior, no período de 2000 a 2013; Teses e Dissertações, na fonte Capes, com os descritores Mal-Estar Docente, Mal-Estar Docente Universitário e Mal-Estar Docente no Ensino Superior, no período de 2011 a 2012.

Esse segundo capítulo apresenta ainda Estudos acerca do Mal-Estar Docente Universitário: as revelações acadêmicas, em que são identificados e analisados títulos, autores, categorias teóricas apreendidas, aportes analíticos e palavras-chave.

Na sequência, são apresentadas as Considerações Finais, uma lista de Referências citadas e recomendadas e os Apêndices.

CAPÍTULO 1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA COMPREENSÃO DAS TEMÁTICAS MAL-ESTAR, MAL-ESTAR DOCENTE E MAL-ESTAR DOCENTE UNIVERSITÁRIO: APROXIMAÇÕES NA DIVERSIDADE DE CONFIGURAÇÕES E SENTIDOS

Assim como a liberdade de que dispõe o docente constitui uma maneira de fazer com que sirva ao sistema, a liberdade de que dispõe o sistema para produzir seus próprios valores conforme a lógica de suas tensões internas, talvez seja a melhor maneira de fazer com que o sistema se ponha a serviço de funções externas. Tal sucede porque a possibilidade deste novo desvio dos fins encontra-se inserida na lógica de um sistema que cumpre muito melhor suas funções justamente quando parece perseguir exclusivamente seus próprios fins. (Pierre Bourdieu)

Ao investigar as temáticas “Mal-Estar” e Mal-Estar Docente no Brasil, o pesquisador enfrenta primeiramente uma dificuldade decorrente da origem do conceito. O Dicionário da Língua Portuguesa *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira* apresenta o termo da seguinte forma: “1.indisposição orgânica; 2.situação incômoda; desconforto, embaraço” (FERREIRA, 2008, p. 531).

Quando busca-se o conceito de indisposição, registra-se “1.pequena alteração na saúde; mal-estar. 2.briga, desavença” (FERREIRA, 2008, p.474). De qualquer maneira, ainda que genéricas, essas conceituações remetem a situações de sujeitos que passam por algum tipo de sintoma de mal-estar que, de certa forma, causa incômodos significativos em suas vidas. Porém a questão que se coloca é caracterizar ao que está sendo atribuída a nomeação Mal-Estar Docente e na educação superior brasileira.

Neste capítulo, considerando-se a diversidade conceitual do termo Mal-Estar Docente, buscar-se-ão quais as raízes constitutivas de um conceito diverso e em construção para esse termo. As escolhas teórico-conceituais para esboçar um quadro analítico explicativo não pretendem buscar simplificações e uniformizações, e, sim, explorar dialeticamente a riqueza dos conceitos exatamente num universo de encontros e desencontros com vistas à anunciação de suas categorias teóricas.

Optou-se por iniciar as formulações com os conceitos de racionalização e desencantamento do mundo moderno advindo da sociologia weberiana (1864-1920),

mas é impossível não reconhecer a contribuição do criador da Psicanálise Sigmund Freud com a sua obra *Mal-estar da civilização* (2006).

Na sequência, buscam-se, na tradição histórica da psicodinâmica francesa de Déjours (1992), suas formulações teóricas, tomando o trabalho precarizado e flexível como produtor de determinadas manifestações de prazer e sofrimento em sua obra *A loucura do trabalho*, a partir da década de 1940. Integra ainda esse quadro Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedito *et al.* (1995) e Trein e Rodrigues (2011).

Nas últimas décadas a sociedade brasileira tem enfrentado transformações decorrentes da expansão internacional do capitalismo: a reorganização e reconfiguração do poder político, as modificações no mundo do trabalho e emprego, os desafios históricos e a emergência de novas políticas sociais públicas, os velhos e novos problemas da violência, os movimentos sociais afirmativos e não meramente reivindicativos, dentre outros. No geral tem-se atribuído a natureza dessas transformações à própria dinâmica complexa da expansão da globalização neoliberal.

A educação superior brasileira, campo privilegiado para esta dissertação, tem sofrido os efeitos dessas transformações e se reconfigurada em termos de finalidades, organização do trabalho docente, organização das formações profissionais, aprofundamento das relações e condições de trabalho em especial um intenso processo de precarização entendido como um aprofundamento das exigências da produção flexível, instabilidade de carga horária, remunerações incompatíveis com as exigências cada vez maiores dos estudos inerentes à profissão causando manifestações de sofrimentos e novas patologias constituintes de um quadro nomeado como um Mal-Estar Docente.

Diante disso, torna-se necessário precisar conceitualmente as discussões que tem gravitado em torno dos chamados de Mal-Estar e Mal-Estar Docente para desvelá-los e compreendê-los.

No quadro contraditório da realidade das instituições de ensino, professores e alunos equilibram-se para acompanhar as diversificadas e novas situações que cada dia desafiam o campo educativo universitário. Conforme vão surgindo os desafios, esses sujeitos têm sido obrigados a enfrentar problemas e reflexos, nem sempre conseguindo alterar o rumo dos acontecimentos. Nos discursos de

culpabilidades o pêndulo ora desloca-se para os professores, ora para os alunos, e, dependendo do nível de formação humana, entram em cena os pais e a família.

No centro desse processo arbitrário (hegemônico) da estruturação econômica, política, social, cultural e até mesmo relacional, encontra-se o Professor na tentativa diária de atender o ensino e ao mesmo tempo se vendo obrigado a enfrentar as imposições cotidianas. Em função desse processo aligeirado de mudanças na sociedade, muitos Professores não conseguem acompanhar efetivamente esse expressivo movimento, e por razões óbvias acabam sucumbindo-se em um estado de frustração, desânimo e mal-estar.

Dessa forma, ao entender o mal-estar docente na contemporaneidade, é fundamental ao pesquisador historicizar as diferentes concepções que o caracteriza, para entranhar na essência da investigação pretendida. Para compreendermos o processo desse estudo, optou-se por trilhar o método dialético de investigação formulado por Karl Marx em suas pesquisas, na tentativa de romper e superar o conhecimento existente revelador das aparências, com vistas à apreensão de novas interpretações.

Frigotto (1997, p. 73) ao analisar a teoria marxista ressalta que a concepção dialética materialista histórica é primeiramente uma postura, e, ao mesmo tempo um método que nos faz apreender a essência principal da realidade compreendida “enquanto práxis, isto é, unidade de teoria e prática na busca de transformação e de novas sínteses no plano do conhecimento e no plano da realidade histórica”.

Embora o caminho da dialética seja complexo, esse acesso é coerente e pertinente ao contexto de uma pesquisa. No âmbito do método dialético, ao tentar-se interpretar o Mal-Estar Docente universitário na atual sociedade brasileira precisa-se, primeiramente, historicizá-lo partindo dos primeiros desdobramentos registrados nos seus tempos sociais e culturais respectivos da história, para, enfim, compreender-se de fato o que deve ser desvelado para interpretá-lo, além de somar forças coletivas para sua superação.

Diante do exposto, pretende-se adentrar nas diversas questões relacionadas ao mal-estar docente, com intuito de interpretá-lo em um determinado contexto social, a educação superior. No entanto, é necessário compreender todos os aspectos ligados ao Mal-Estar Docente, procurando entendê-lo a partir da seguinte indagação: quais são as diferentes concepções que de fato caracterizam o Mal-Estar Docente na educação superior brasileira contemporânea?

Ao se dispor a refletir sobre as diferentes indagações levantadas, é importante compreender que o Mal-Estar Docente¹ se instaura com base em alguns sinais e pode ser compreendido como um conjunto de diversos sintomas que de maneira negativa afetam a condição humana dos Professores.

Esses sintomas, geralmente, são considerados como reflexos das rápidas mudanças sociais em que os Professores são submetidos as jornadas de trabalho e condições de vida insuportáveis e constantemente responsabilizados por problemas que os governantes não assumem. Quando os docentes são responsabilizados por diversas mazelas sociais e educacionais, acabam desenvolvendo uma autodesvalorização que geralmente é carregada de sentimentos de baixo valor e depreciação que podem desencadear uma crise de identidade profissional e pessoal.

Vale ressaltar a importância de desvelar o fenômeno Mal-Estar Docente para compreender que, apesar de ser pouco recorrente na academia e nas principais pesquisas científicas, sua discussão é fundamental e de extrema necessidade nos dias atuais.

Para fundamentar este primeiro *corpus* teórico, optou-se por perquirir rigorosas reflexões aportadas em sete pensadores/tendências interpretativas, a saber:

a) Weber (1864-1920), que discorre acerca da racionalização e o desencantamento do mundo moderno, conceitos muito usados em suas obras no final do século XIX para o início do século XX;

b) Freud (2006), no campo da psicanálise, com seu escrito intitulado *Mal-estar da civilização*;

c) Déjours (1992), em *A loucura do trabalho*, escrito pela primeira vez na década de 1940;

d) Birman (1999) e o *Mal-estar na atualidade*;

e) Zaragoza (1999) e *O Mal-estar docente*;

f) Benedito et al. (1995), que tratam da questão relacionada ao Mal-estar Docente Universitário; e

g) Trein e Rodrigues (2011), que analisam o mal-estar docente na academia e a questão do produtivismo científico.

¹ Considera-se que a análise descrita foi conceituada pelo autor Isaias, na Enciclopédia de Pedagogia Universitária – Glossário INEP, vol. 2, p. 372.

Conforme apresentado, o percurso da exposição inicia-se com Max Weber (1864-1920) com o sentido atribuído ao desencantamento do mundo objetivo ao entender a sociedade humana como um “processo de crescente racionalização da vida, de abandono das concepções mágicas e tradicionais como justificativas para o comportamento dos homens e para a administração social” op.cit. (RODRIGUES, 2007, p.62).

Na sequência, buscam-se as raízes sobre as quais Freud (2006) construiu o conceito de mal-estar da civilização, referindo-se à sociedade moderna capitalista, portanto, a sociedade burguesa no início do século XX no qual se ideologizam ao mesmo tempo, discursos de igualdade, fraternidade e solidariedade e efetivam-se, no cotidiano, práticas de exploração e reprodução das desigualdades culturais e sociais.

Outra importante contribuição teórica advém de Birman (1992), destacando o Mal-Estar na atualidade. Acresce-se a noção conceitual de Mal-Estar Docente, na visão do pesquisador espanhol Zaragoza (1999), em que se enfoca, sobretudo, os desafios enfrentados pelos Professores a partir da década de 1980. Em seguida, amparado nas pesquisas realizadas pelos espanhóis Benedito *et al.* (1995), será desenvolvida uma reflexão sobre o seu entendimento de Mal-Estar Docente e o modo como é constituído e constituinte nos departamentos universitários.

Na perspectiva de integralizar um campo teórico orientador do leque de interpretações, recorre-se a Trein e Rodrigues (2011), com a sua compreensão do problema Mal-Estar Docente no contexto da academia universitária com foco no cenário da pós-graduação e pesquisa. Ressalta-se explicativamente que considerando-se que o Mal-Estar Docente manifesta-se em todos os níveis e modalidades de ensino, apresenta-se uma breve trajetória da temática nos diferentes processos educativos, ressaltando, porém, que o foco desta pesquisa abordará este fenômeno mais geral especificamente na educação superior.

1.1 CONTRIBUIÇÕES REFERENCIAIS

1.1.1 Max Weber, Racionalização e Desencantamento do Mundo Moderno

Segundo Pierucci (2003), o conceito “Desencantamento do Mundo” em Max Weber surgiu no início do século XX retomando o estudo desenvolvido pelo filósofo alemão Friedrich Schiller (1750-1805). No entanto, enfatiza Pierucci que o conceito desenvolvido por Weber foi mais ousado e avançado, pois propunha desvelar o sentido da racionalização humana e as artimanhas de um sistema capitalista que começou a despontar a partir do século XVI depois da Reforma Protestante.

Max Weber baseou-se nesse período de transição religiosa e científica para analisar como essas mudanças influenciaram a sociedade moderna e um desencantamento do homem por um mundo abstrato que vivia, onde ficava sob controle de princípios religiosos para explicar e desenvolver um tipo de conhecimento. Esse desvelamento, para Max Weber, permitiu ao homem ver o que antes estava no mundo abstrato e que a Igreja Católica propunha, justamente, para que a autonomia do homem não aflorasse sua liberdade de escolha.

Assim, o que de fato Max Weber (1989) queria entender era o principal objetivo do capitalismo moderno em desenvolver um sistema econômico singular e, portanto, acumular riquezas e bens materiais por meio da racionalização do trabalho considerado objetivamente profissional. O trabalho, nesse sentido, era uma ação necessária ao homem para desenvolver uma permanente vocação em um sistema organizado, sistemático e de grande compromisso para agradar a Deus. Diante desse modo de produção, o homem passa a não ter a liberdade de gastar o que ganhava, mas era seu dever acumular e se privar dos prazeres mundanos, pois isso sempre era tido como agradável aos olhos de Deus.

Conforme Lutero, as atividades profissionais surgem como uma manifestação de amor ao próximo e todas elas são abençoadas por Deus. O cumprimento dos deveres temporais é a única maneira de agradar a Deus, e somente esta é a vontade de Deus. Na leitura de Weber, o conceito de vocação de Lutero não rompeu com o modelo tradicional da salvação por mérito, pois o entendimento do trabalho como vocação era aceito como determinação de Deus e, portanto, o indivíduo precisava conformar-se, submeter-se (BARROS NETA, 2009, p. 138).

Segundo Barros Neta (2009), Lutero arquitetou algumas ideias que se contrapunham aos conceitos estabelecidos pela igreja católica. E a principal delas era reconhecer no trabalho a vocação como eixo principal para uma vida próspera do homem perante Deus. Portanto, o homem não tinha outro caminho diferente além da subserviência, pois seu propósito seria realmente ser compreendido e aceito por Deus com a obra realizada por meio do trabalho de suas mãos.

O pensamento de Max Weber sobre o desencantamento do mundo surge desse rompimento do homem com a forma abstrata de compreender por meio da fé, que transforma isso em objetivação e racionalização por meio do trabalho. Com isso, o tempo passa a ser essencialmente importante no aspecto do trabalho e necessário para não perder a visão de Deus. De fato, nesse aspecto, o trabalho torna-se um combustível para o homem viver intensamente a vida com Deus e, assim, contribuir também para o desenvolvimento social e econômico do país.

A ascese protestante aprofundou e valorizou a ideia do trabalho consciente, racional, ainda que por baixos salários, e acrescentou a essa noção a ideia de dever, de vocação como meio para alcançar a aprovação e a graça divina. O cumprimento do dever como vocação visando receber a graça de Deus e a ascese imposta pela Igreja, principalmente nas classes pobres, foram forças decisivas para estimular a produtividade do trabalhador moderno e a atitude aquisitiva dos empresários (BARROS NETA, 2009, p. 143).

Conforme esse pensamento, mesmo diante de uma situação de exploração, o homem deveria ter no trabalho uma responsabilidade máxima para que fosse reconhecido em seu contexto social e espiritual. Dessa forma, o trabalho, por ser mais concreto e por fazer parte de uma necessidade da vida humana, passa a ser um instrumento importante na manutenção e construção de um sistema econômico que precisava se estabelecer e continuar no controle das ações desse homem social.

Quando Weber discutiu a racionalização e o desencantamento do mundo moderno, pretendeu descrever e refletir sobre o processo de transição da desilusão do homem pelo mundo religioso, que era abstrato, cujo reflexo desvelava também as novas concepções e configurações científicas para uma produção necessária ao desenvolvimento social. Assim, reconhecia que as concepções sociais vigentes ligadas ao capitalismo eram frutos de uma história construída ao longo da vida

humana e que esse mal-estar social estaria ligado à nova configuração de vida que o homem construiu em nome do desenvolvimento de uma sociedade.

1.1.2 Sigmund Freud e o Mal-Estar da Civilização

Freud, no início do século XX, foi o primeiro pesquisador a se preocupar com a questão relacionada ao mal-estar social, nomeada em seu escrito *Mal-Estar da Civilização*, publicado inicialmente no ano de 1929. Contribuiu significativamente para a compreensão de um conjunto de sintomas causadores de sofrimentos humanos de uma Europa pós-guerra e de avanço do totalitarismo conhecido como nazi-fascismo. Nesse escrito ele corajosamente levantou, considerando-se a culturalização política à intolerância a liberdade de pensamento e manifestação, duras críticas contra a sociedade burguesa/elitista e totalitária que dominava na época. Entendia que os conflitos vivenciados eram gerados por uma classe que dominava o sistema de produção em nome do desenvolvimento social de uma Europa esfacelada, baseado na exploração do trabalho do homem.

Para tentar entender a origem da infelicidade, Freud apresenta diferentes caminhos que podem refletir esse mal-estar social. Não há como negar que a vida é “árdua demais” e dura de ser enfrentada, pois constantemente nos deparamos com sofrimentos, decepções e atividades complexas e quase impossíveis de serem cumpridas. O homem, na tentativa de suportar as adversidades, se dispõe a tomar “medidas paliativas” ou “construções auxiliares” com intuito de atenuar o seu sofrimento.

Nessa busca pela felicidade plena, o indivíduo acaba procurando diferentes meios para suportar os seus problemas. A primeira medida apontada por ele refere-se aos “derivados poderosos” que auxiliam na extração de coisas positivas, especialmente diante dos piores momentos da vida. Já a segunda medida estaria ligada às “satisfações substitutivas” que permitem minimizar as mais terríveis dores que o homem enfrenta no decorrer da sua história. Por fim, a busca por “substâncias tóxicas” que acabam promovendo a sensação de anestesia ao corpo diante dos impactos psíquicos causados pelos problemas que a vida conduz (FREUD, 2006, p. 7-8).

Embora contraditório para muitos, Freud (2006) relata que a vida só tem um propósito importante graças ao sistema religioso que implantou nos homens um valor superior e significativo em relação aos outros animais. Entretanto ele faz uma crítica à religião por promover aos homens um processo de alienação e submissão. Assim, os homens procuram constantemente demonstrar, em seus comportamentos, o propósito principal de suas vidas e a obtenção da felicidade, pois

querem ser felizes e assim permanecer. Se, por um lado, o indivíduo visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer, por outro, busca à experiência de intensos sentimentos de prazer, sendo que o último está intimamente ligado à felicidade plena. Dentro de um movimento dialético, a atividade humana se constitui a partir de dois polos: ora na realização dos processos ligados ao não sofrimento, ora ao prazer absoluto e real (FREUD, 2006, p. 8).

Para Freud (2006, p. 9), o que de fato “decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer”. Esse processo lidera o desenvolvimento psíquico do homem, ainda que haja algumas contradições com o mundo social. Embora o prazer esteja integrado à felicidade, o que de fato acontece é uma restrição ao ato, pois a felicidade “provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica” (FREUD, 2006, p.9).

Destaca que as “nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição”. No entanto, afirma que a infelicidade é mais fácil de experimentar, porém o “sofrimento nos ameaça” em três aspectos: no “próprio corpo”, que sofre o impacto sem conseguir desprezar nem mesmo o “sofrimento e ansiedade” e logo indica que algo não está harmônico ao organismo; pelo “mundo externo”, que não tem piedade e pode nos assolar gradativamente; por fim, nos “relacionamentos” interpessoais, que são diretamente afetados com o sofrimento psíquico do homem.

O homem moderno, diante de tantos sofrimentos causados por pressões sociais, acaba desenvolvendo mecanismos de moderação da felicidade e do próprio prazer. Com a ideia pré-estabelecida que já seja feliz, pelo fato de evitar ou negar a infelicidade ou sofrimento, o homem inconscientemente pode colocar a sua felicidade e prazer em segundo plano. Uma defesa interessante contra o “sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos” é quando o indivíduo desenvolve um

mecanismo de “isolamento voluntário” com intuito de “manter-se à distância das outras pessoas” (FREUD, 2006, p. 9).

Para Freud (2006), muitas vezes o homem para não enfrentar o temível mundo externo, pode desenvolver a autodefesa isolando-se dos fatos que o incomodam. Usando a mesma analogia, ele destaca que o sofrimento pode ser uma sensação que “só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado” (FREUD, 2006, p. 9). Entretanto, o homem pode se deparar com várias influências causadoras do sofrimento, sobretudo quando o mundo externo não permite satisfazer algumas necessidades que para si são importantes.

A realidade é uma grande inimiga da origem do sofrimento do homem, e se se pretende viver feliz deve-se romper com o real e se relacionar com outro mundo paralelo (recriado), no qual as potências negativas sejam substituídas por positivas, adequando-as às próprias vontades. No entanto, diz também que esse caminho não permite ao homem chegar longe, restando a ele, então, enfrentar a realidade por mais sofrida que seja. Diante disso, compreende-se que o homem não é livre o suficiente para possuir tudo que deseja, “quer ao aspecto positivo do objetivo, obter prazer, quer ao negativo, evitar o desprazer”, pois são caminhos que independem da nossa própria vontade (FREUD, 2006, p. 10).

Freud (2006) ressalta ainda que “se não podemos evitar o sofrimento, podemos afastar um pouco dele e mitigar outro tanto”, buscando outros caminhos alternativos. No entanto, ao se considerar “o quanto fomos mal sucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento” percebemos que diante disso tem-se “uma parcela de natureza inconquistável - dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica”. Nesse aspecto, ele afirma que a própria civilização constituída pelos homens é responsável pela infelicidade e o sofrimento entre si, pois são constituídos e constituintes desse processo civilizatório (FREUD, 2006, p. 13-5). Muitas doenças psíquicas são oriundas de um processo de frustração do homem que se ergue contra as imposições, ideologias e regulações impostas pela sociedade, resultando em infelicidades. O apoderamento do homem à natureza o levou a criações, modificações e progressos do conhecimento. Entretanto, isso não elevou a sua felicidade ou prazer, pois “o poder sobre a natureza não constitui a única precondição da felicidade humana, assim como não é o único objetivo do esforço cultural” (FREUD, 2006, p.16).

Diante de tantos progressos na ciência e na sociedade, em geral, o homem atual não é mais feliz que o homem primitivo, e este último não tinha recurso tecnológico, nem precisava dele para sobreviver. Assim, o autor compreende que a felicidade é algo “essencialmente subjetivo”, que precisa ser analisada com muita cautela e suspeita na atual civilização² (FREUD, 2006, p.17).

Nesse aspecto, ele ainda apresenta algumas características importantes da civilização e a principal delas está diretamente ligada à regulação dos relacionamentos entre os homens. Afirma que “a substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização” a ponto de o homem não conseguir mais viver fora das regulações estabelecidas, exigindo cada vez mais ser regulado por leis e justiça para garantir a ordem social. Quando a civilização vai se desenvolvendo, surgem também algumas restrições com amparo da justiça. Esse processo de submissão é tão forte que a ideologia disseminada leva o homem a acreditar que quanto mais ele se levanta contra certa injustiça maior é a chance de desenvolver a própria civilização.

Freud (2006) destaca também que a natureza do homem instintivamente é selvagem, e por esse motivo vê o outro indivíduo como apenas um ser agressivo. Portanto, há uma natureza agressiva no homem que pode “supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]” (FREUD, 2006, p. 29). Com isso, a sociedade é constantemente ameaçada de extinção e tem que se esforçar para “estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas” (FREUD, 2006, p.29). Mesmo entendendo que a competição entre os homens é inevitável, a justiça não consegue integralmente reter tais manifestações de “agressividade humana”, deixando o homem, muitas vezes, sem esperança de sobreviver ao caos social.

É interessante destacar que Freud (2006) fez uma crítica aos comunistas que pensaram ter

² Freud (2006, p. 17) destaca que, “Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra ‘civilização’ descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que serve a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos”.

[...] descoberto o caminho para nos livrar de nossos males, pois acreditavam que o homem era bom e possuía uma boa disposição em relação ao outro. Na concepção dos comunistas a propriedade privada é que corrompe a natureza humana, pois a riqueza concede o poder e a soberania de tratar mal o próximo até que “o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor” (FREUD, 2006, p. 29).

Nesse quadro, Freud (2006, p. 29-30) não faz qualquer apologia ao crime, nem à agressão, mas defende que não é a propriedade privada que corrompe o homem, pois a “agressividade não foi criada pela propriedade”. Para ele, a agressão é parte da natureza humana, portanto, é muito complexo o abandono total de tal “inclinação”, pois é inerente à vida do homem, embora seja “o maior impedimento à civilização” (FREUD, 2006, p. 29-30). Nessa trama reflexiva o sentimento de culpa é outro problema que afeta diretamente o desenvolvimento da civilização, pois promove gradativa “perda de felicidade” quanto mais sentido for à consciência do homem. Acredita que muitas vezes o sentimento de culpa se dá de maneira inconsciente e que pode provocar um mal-estar pela ansiedade, chegando até mesmo bloquear certas funções ou atividades do indivíduo porque “no fundo, o sentimento de culpa nada mais é do que uma variedade topográfica da ansiedade”, e esta última “está sempre presente, num lugar ou outro, por trás de todo sintoma” (FREUD, 2006, p.42).

Nesse caso, o sentimento de culpa desenvolvido pela civilização muitas vezes é “inconsciente, ou apareça como uma espécie de mal-estar, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações” (FREUD, 2006, p.43). Assim, em alguns momentos, a religião pode exercer um papel significativo por não deixar de considerar a existência do sentimento de culpa desenvolvido na civilização, promovendo a redenção da culpa, “a que chamam de pecado”, desse homem (FREUD, 2006, p.43).

Por fim, Freud (2006, p. 49) concluiu sua crítica exprimindo uma preocupação em relação ao homem e seu desenvolvimento cultural, desejando saber de que modo a espécie humana “conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição”. Para esse autor, como os homens tiveram forças para dominar a natureza, “não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem”, partindo disso as maiores preocupações, infelicidade e ansiedade e mal-estares na vida (FREUD, 2006, p.49).

Com base nessa reflexão, é importante ressaltar que Freud (2006) não escreveu *O mal-estar na civilização* aos Professores, mas por não aceitar a postura dominante da sociedade burguesa no início do século XX. Portanto, refletindo à luz do pensamento de Freud (2006), pode-se inferir que o Mal-Estar Docente pode ser considerado como um sintoma desse processo civilizatório e da segregação das classes sociais que provocaram perturbações e danos materiais e éticos irreparáveis aos indivíduos, levando-os à exploração sem limites, submissão, humilhação e destituição do humano que lhe devia caracterizar.

Esses sintomas, geralmente, são considerados como reflexos das rápidas mudanças sociais nas quais os Professores são submetidos a jornadas de trabalho e condições de vida insuportáveis e constantemente responsabilizados por problemas que os governantes não assumem.

1.1.3 Christophe Déjours e a Loucura do Trabalho

Quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível, quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada, o sofrimento começa: a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão. Mas a clínica mostra que essa energia não pode aqui permanecer muito tempo e, quando as capacidades de contenção são transbordadas, a energia recua para o corpo, nele desencadeando certas perturbações que não são profundamente diferentes das que acabam de ser descritas como testemunhas da angústia ou da onda de agressividade. São somente mais intensas. Nada espantoso, nessa ótica, que a fadiga, mesmo se ela resulta de uma carga psíquica excessiva, tenha uma tradução somática. (Christophe Déjours)

Christophe Déjours, formulador da psicodinâmica do trabalho, em sua obra *A loucura do trabalho*, estudo de psicopatologia do trabalho de 1992 publicado, pela primeira vez, em 1949, e lançado, no Brasil, em 1987, destaca as pressões sofridas pelos trabalhadores no cotidiano do trabalho e as angústias que o homem enfrenta no decorrer desse processo de regulação e imposição sobre o aspecto laboral e pessoal. Embora tratar dos sofrimentos dos trabalhadores franceses nesse período, pode-se apontar sobre os trabalhadores brasileiros que também sofrem semelhantes

problemas decorrentes do trabalho que colocam em risco, muitas vezes, sua saúde física e mental.

É importante destacar que a história dos trabalhadores do século XIX para XX, no Brasil e no mundo, foi marcada por diferentes movimentos sociais e embates importantes ligados às precárias condições de trabalhos que eram regidas por longos períodos de atividades laborais e com péssima remuneração.

Para Déjours, o movimento higienista liderado pelos profissionais ligados à saúde surgiu para tentar minimizar esse processo de miséria instaurado entre os trabalhadores sujeitos às diferentes patologias decorrentes do processo de trabalho. Afirma que somente nas primeiras décadas do século XX os operários ganharam forças e os movimentos trabalhistas passaram a reivindicar diferentes formas de proteção, principalmente a saúde, em que a prevenção de diversos acidentes fosse benefício primordial.

Com a introdução do sistema taylorista no qual o trabalho é organizado e segregado, de um lado, a atividade intelectual e, de outro, a manual, a Organização Científica do Trabalho passa a contribuir com diferentes configurações, exigências de tempo e ritmo de trabalho. Este trabalhador, diante do sofrimento das consequentes imposições e das produções em grande escala, acaba sendo atingido e prejudicado. Assim, o “Corpo sem defesa, corpo explorado, corpo fragilizado pela privação de se protetor natural, que é o aparelho mental. Corpo doente, portanto, ou que corre o risco de tornar-se doente” (DÉJOURS, 1994, p.19).

Denuncia que esse esgotamento físico aparece como um primeiro sintoma do desgaste da disciplina e da hierarquização arbitrária imposto ao homem em seu processo de trabalho. Com isso, a primeira iniciativa dos patronatos para favorecer a mão de obra que estava com escassa demanda foi a de reduzir a carga horária do trabalhador que antes era de 16 horas para então 8 horas por dia. A luta dos trabalhadores mediante movimentos sociais continuou por melhores condições de vida e saúde em prol também de programas que pudessem prevenir acidentes e doenças físicas e mentais oriundas do trabalho. Os movimentos dos trabalhadores, além de discutirem as questões relacionadas às condições de trabalho, focaram na saúde e prevenção de um corpo saudável, incluindo a saúde mental que até então não era pauta discutida nas principais reivindicações.

Apreende que o sofrimento no trabalho tem sido denunciado de maneira estereotipada e acaba silenciando os trabalhadores que sofrem as consequências.

Por outro lado, por ser pouco discutido pelos especialistas responsáveis pelas áreas psicológicas, nota-se que a questão relacionada à saúde mental é uma das dificuldades do proletariado em fazer-se conhecer o sofrimento psíquico constituído na prática laboral. Este quadro tem mudando nas últimas décadas pelo fato de o sistema taylorista ter sido esgotado e por ter provocado diferentes problemas no meio trabalhista em sua forma desumana de organizar o trabalho. Por isso, nas últimas décadas, tem-se preocupado cada vez mais com as questões voltadas à saúde mental do trabalhador.

É importante entender que o sofrimento é resultado da forma como o trabalho é organizado e das condições (física, química, biológica, higiene, segurança e de espaço) dadas para o seu exercício. Para ele, a organização do trabalho é caracterizada pela “divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa (medida em que ele dela deriva), o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidades, etc” (DÉJOURS, 1994, p.25).

Desse modo, segundo Déjours (1994), a sociedade ainda não conseguiu compreender o sofrimento do trabalhador. O próprio homem envolvido desconhece o seu problema e, muitas vezes, não aceita os sintomas desse sofrer por estar alienado ao processo de trabalho. O sofrimento decorrente do trabalho é criteriosamente silenciado por todos os indivíduos, principalmente pela população trabalhadora que de fato possui menor poder econômico e tem certa dificuldade de falar sobre doença ou sofrimento e, portanto, resguarda-se diante de algumas “estratégias defensivas”. Déjours (1994) chama esse processo de “ideologia da vergonha” diante de ações e comportamentos relacionados à doença, em que o corpo aparece como uma das características principais de não aceitação, assim como a falta de conhecimento do homem sobre sua própria máquina de sobrevivência.

Essa angústia pode atacar, especificamente, o corpo e a sua força de produzir ações voltadas ao trabalho. O que acontece na população economicamente menos favorecida é que essa angústia e a ansiedade, diante da doença, são silenciadas pela falta de condições de sobrevivência. É importante ressaltar que a “ideologia da defensiva” citada por Déjours pode desenvolver no indivíduo diferentes comportamentos de ansiedades contribuindo para o surgimento de problemas como o alcoolismo, atos violentos e, até mesmo, psicopatias ligadas a depressões. Silenciar-se diante dos problemas relacionados à saúde e o sofrimento é uma forma

de mantê-los distantes da ansiedade presente na dificuldade cotidiana. Para o autor, o objetivo principal dessa “ideologia defensiva” é mascarar um problema que pode desencadear, posteriormente, situações mais graves à saúde do trabalhador. Portanto,

A participação na ideologia defensiva coletiva exige que os mecanismos de defesa ajam em surdina, mecanismos estes que só teriam razão de ser frente a conflitos de ordem mental, os quais só podem aparecer quando um domínio mínimo da realidade perigosa está assegurado (DÉJOURS, 1992, p. 36).

Tanto a ideologia da vergonha como a defensiva estão marcadas por características semelhantes em que há um domínio coletivo que reflete nas consequências individuais relacionadas à saúde física e mental do trabalhador. Para o autor, o trabalho taylorizado, ou seja, organizado de acordo com um rígido processo visando o aumento da produtividade, pode dominar o indivíduo no trabalho e fora dele. A alienação ao trabalho é tão potente que isola seu aparelho intelectual e mental das ações conduzidas de modo mecânico no ritmo acelerado e individualizado no trabalho.

Parece-nos, ao contrário, que a individualização, mesmo se ela é antes de tudo uniformizante, porque ela apaga as iniciativas espontâneas, porque ela quebra as responsabilidades e o saber, porque ela anula as defesas coletivas, a individualização conduz, paradoxalmente, a uma diferenciação do sofrimento de um trabalhador e de outro. Por causa do fracionamento da coletividade operária, o sofrimento que a organização do trabalho engendra exige respostas defensivas fortemente personalizadas. Não há mais lugar praticamente para as defesas coletivas (DÉJOURS, 1992, p. 40).

No entanto, as opressões sofridas no trabalho acabam afetando não somente o labor da atividade individual, mas a sua vida pessoal pode estar em risco. Com isso pode sentir o reflexo dos processos impositivos e regulatórios que o trabalho provoca. Nesse sentido ressalta:

Se levarmos em conta o custo financeiro das atividades fora do trabalho (esporte, cultura, formação profissional) e do tempo absorvido pelas atividades inelásticas (tarefas domésticas, deslocamentos), poucos são os trabalhadores e as trabalhadoras que podem organizar o lazer de acordo com seus desejos e suas necessidades fisiológicas [...] (DÉJOURS, 1992, p. 45).

Diante disso, compreende-se que, quando o trabalhador está sobrecarregado e cansado de tantos problemas absorvidos pelo trabalho, muitas vezes, não consegue motivação para outras atividades que possam promover prazer.

Outro fenômeno preocupante ressaltado por Déjours é o presenteísmo no meio trabalhista. Este se dá quando o trabalhador não aceita certas recomendações médicas para se afastar de suas atividades e mantém alienado e condicionado ao sistema de trabalho por ter receio de perder seu salário, seu posto de atividade e de ser recriminado pelo meio social. Esse comportamento pode estar ligado à preservação do espaço laboral e ao medo diante de tantas pressões sofridas pelo trabalhador.

Aparece nesta atitude o círculo vicioso sinistro da alienação pelo sistema Taylor, onde o comportamento condicionado e o tempo, recordado sob as medidas da organização do trabalho formam uma verdadeira síndrome psicopatológica que o operário, para evitar algo ainda pior, se vê obrigado a reforçar também ele. A injustiça quer que, no fim, o próprio operário torne-se o artesão de seus sofrimentos (DÉJOURS, 1992, p. 47).

As ideologias implantadas na sociedade querem o trabalhador cada vez mais alienado ao trabalho para que não questione nada e não se rebele contra o Sistema Capital. Por isso, o trabalhador ainda se sente culpado por tantas mazelas sociais e se vê obrigado a cumprir criteriosamente ao trabalho imposto criado por um sistema produtivo para que a economia do país avance de modo acelerado, não medindo quais consequências surgirão com tudo isso.

Déjours (1992) resalta que nos discursos dos trabalhadores existem dois tipos de sofrimentos vividos, mas que não são separados. O primeiro está relacionado à insatisfação em diferentes sentidos que, embora ignorado pelos estudiosos em vários momentos, transparece nos principais sentimentos segregados dos trabalhadores em relação às formas em que o sistema usa para organizar o trabalho. Por isso que

É do contato forçado com uma tarefa desinteressante que nasce uma imagem de indignidade. A falta de significação, a frustração narcísica, a inutilidade dos gestos, formam, ciclo por ciclo, uma imagem narcísica pálida, feia, miserável. Outra vivência, não menos presente do que a da indignidade, o sentimento de inutilidade remete, primeiramente, à falta de qualificação e de finalidade do trabalho. [...] Executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforço e de vontade, em outras circunstâncias suportadas pelo jogo da motivação e do desejo. A

vivência depressiva alimenta-se da sensação de adormecimento intelectual, de anquilose mental, de paralisia da imaginação e marca o triunfo do condicionamento ao comportamento produtivo (DÉJOURS, 1992, p. 49).

Assim, o trabalhador que não se reconhece no trabalho e não consegue se motivar com suas atividades pode apresentar um cansaço em relação ao que fez podendo leva-lo à tristeza e até mesmo à depressão. Toda atividade depende da relação estabelecida entre o homem e o objeto que será trabalhado e não se pode separá-los, pois não há neutralidade em relação à atividade e o trabalhador.

Dependendo da organização do trabalho e se ela for inflexível em sua forma de considerar o homem no âmbito laboral especializado, pode acabar permitindo que o trabalhador se sinta desqualificado, desmotivado, insatisfeito e até mesmo em depressão por sentir menor valor no contexto das atividades desenvolvidas. Portanto,

O sofrimento começa quando a relação homem-organização do trabalho está bloqueada; quando o trabalhador usou o máximo de suas faculdades intelectuais, psicoativas, de aprendizagem e de adaptação. Quando um trabalhador usou de tudo de que dispunha de saber e de poder na organização do trabalho e quando ele não pode mais mudar de tarefa: isto é, quando forma esgotados os meios de defesa contra exigência física. Não são tanto as exigências mentais ou psíquicas do trabalho que fazem surgir o sofrimento (se bem que este fator seja evidentemente importante quanto à impossibilidade de toda a evolução em direção ao seu alívio). A certeza de que nível atingido de insatisfação não pode mais diminuir marca o começo do sofrimento (DÉJOURS, 1992, p. 52).

A insatisfação é apontada como o pico mais importante para o processo de sofrimento do trabalhador. A partir da sua insatisfação com o trabalho, o homem passa a desencadear outros meios em busca de uma solução, embora possa desenvolver diferentes ansiedades e provocar doenças. Para Déjours (1992), quando um indivíduo não consegue se adaptar a um processo de trabalho rígido e arbitrário, pode desenvolver, de forma somática, diferentes males e comprometer a sua saúde, podendo ocorrer um sofrimento físico e mental.

O medo é outro fator que tem sido apontado em todas as esferas profissionais como prejudicial ao trabalhador. Por outro lado, o medo pode prevenir certos acidentes na vida do homem, pois promove a prevenção e o alerta. No entanto, o medo que o autor cita, em dados momentos, é o medo oriundo das opressões sofridas no trabalho pelo risco que o trabalhador tem em sofrer

consequências. Esse medo pode atingir as funções mentais do homem e provocar danos à saúde do trabalhador.

É importante ressaltar que o medo está presente mesmo em trabalhadores cuja carga de atividade braçal é menor, pois a tensão e a ansiedade podem ser constantes no cotidiano do trabalho, gerando assim um estado de alerta no âmbito laboral. Nesse caso é difícil o trabalhador se sentir completamente relaxado quando está no local de trabalho e, mesmo fora desse ambiente, continuam tensos por vivenciar constantemente uma carga intensiva de medo. Portanto,

A vivência do medo existe efetivamente, mas só raramente aparece à superfície, pois encontra-se contida, no mínimo, pelos mecanismos de defesa. Estes são absolutamente necessários. [...] proveniente de ritmos de trabalho ou de riscos originários das más condições de trabalho, destrói a saúde mental dos trabalhadores de modo progressivo e inelutável [...] (DÉJOURS, 1992, p. 70-4).

O medo pode ser silenciado pelo homem para que suas atividades sejam exercidas e o emprego mantido. Quando um trabalhador se depara com uma relação de trabalho sob um ritmo imposto pode desencadear um processo de ansiedade relacionado à sua produção laboral. Diante do processo de cobrança e repressão sobre o seu trabalho fragmentado, aumenta-se a ansiedade pela produtividade, mas tão logo o desânimo e a frustração serão companhias efetivas no cotidiano da vida. O resultado desse processo pode acarretar danos sérios à saúde mental e física do trabalhador, levando-o ao isolamento.

A ansiedade causada pelo trabalho pode provocar diferentes sintomas. O primeiro sintoma está relacionado ao isolamento do trabalhador dos demais grupos. Entretanto, pode-se procurar maneiras ou recursos para atenuar esse sentimento incontrolável que causa desorganização significativa nas funções mentais desse indivíduo.

Outro sintoma está relacionado às condições ambientais de trabalho que o homem está submetido e a forma de organização das atividades cotidianas. Por fim, a questão da sobrevivência é um outro fator que justifica passar por todo o processo de ansiedade e sofrimento mental e não romper com tal prejuízo.

O silenciamento é um fator preponderante nesse processo de sofrimento do trabalhador, embora mantenha seu trabalho e, sobretudo, sua vida. Portanto, quando as questões de trabalho são analisadas, tem-se o hábito de tomar como

referência somente o esgotamento físico e sua interferência na produtividade laboral. No entanto, o sofrimento psíquico ou mental também interfere na produtividade do homem no trabalho. Para Déjours (1992), o medo no trabalhador é inegável, mas este só vai aumentar quando não se tem conhecimento em relação à atividade produzida.

O medo aumenta com a ignorância. Quanto mais à relação homem/trabalho está calcada na ignorância, mais o trabalhador tem medo. São mais duramente atingidos os que são novos no trabalho, totalmente desarmados em face de um mistério e a um risco mais indefinido. Em consequência, os trabalhadores sentem um medo muito maior quando mudam de função, pois ainda conhecem os 'macetes' (DÉJOURS, 1992, p. 107).

O medo da exposição social é tão grande que, muitas vezes, o trabalhador se silencia diante dos fatos e acaba escondendo o seu sofrimento dos outros e de si mesmo. Ele gera angústias permanentes que são levadas ao plano pessoal do trabalhador e seus momentos de descanso, principalmente fora do trabalho, podem ser interrompidos com os sintomas permanentes que foram gerados pela pressão e responsabilidade das atividades. Segundo Déjours, alguns médicos não tratam de maneira específica os problemas relacionados ao trabalho, pois acreditam que há um conjunto de fatores pessoais que podem também interferir nesse processo. Esse é mais um motivo do silenciamento dos trabalhadores diante da problemática ocasionada pela organização do trabalho.

Ressalta ainda que, mesmo diante de um intenso quadro de sofrimento psíquico do trabalhador, o empregador pode realizar diferentes estratégias e manobras para que o problema não se amplie e não seja caracterizado como doença decorrente do trabalho. Entretanto, uma das primeiras medidas tomadas pelo órgão empregador é a do isolamento e exclusão do trabalhador em relação aos demais.

A indiferença em relação ao problema enfrentado pelo trabalhador é o primeiro processo tomado pela organização do trabalho. Outro fator interessante apontado por Déjours é a questão do absenteísmo ou afastamento do trabalho, pois no ambiente laboral não se admite justificar um sofrimento psíquico ou cansaço físico/mental por parecer fraqueza do trabalhador. Com isso, deve ser apresentado atestado médico e de preferência com a receita de remédios para dores e outros

sintomas para disfarçar o problema ou sofrimento mental do trabalhador (DÉJOURS, 1992, p.120-1).

As doenças mentais decorrentes de ansiedades e diferentes angústias não são reconhecidas pela organização do trabalho, mas somente doenças físicas e visivelmente com sintomas e dores ligados à gravidade psiquiátrica como depressões graves, psicopatias que impossibilitaria a execução do trabalho do homem.

Assim, recursar-se-á retomar o trabalho, por ansiedade, equivaleria à demissão, automaticamente, sem indenização nem pensão. Somente uma doença mental caracterizada permitiria a aquisição de um status de invalidez (DÉJOURS, 1992, p. 124).

Na sequência das análises empreendidas por Déjours, as doenças psicossomáticas não aparecem de forma repentina, pois são frutos do modo de organização do trabalho instituído no âmbito laboral. Diferentes sintomas são apresentados ao longo do processo de trabalho que podem desencadear diferentes doenças crônicas.

A insatisfação com o trabalho pode ser considerado como um dos primeiros sintomas que o trabalhador tem quando há uma rígida organização no ambiente laboral. Pode ser apresentada no trabalhador em forma de fadiga, cansaço e desânimo para desempenhar o trabalho. Mas a fadiga não significa que o trabalhador deseja estar em constante ociosidade, pois essa falta de atividade não contribui para a reestruturação de suas funções mentais. Portanto, é preciso dar oportunidade para que o trabalhador promova atividades paralelas que possam despertar o prazer e a motivação pelo trabalho e, para isto, é necessário uma reorganização flexível do trabalho.

Embora ignore tal afirmação, a organização do trabalho interfere nas funções psíquicas do trabalhador, pois o homem carrega consigo uma história vivida e construída que somada ao trabalho pode modificar significativamente sua vida. O sofrimento se dá quando o homem tem o desejo de desenvolver seu trabalho de acordo com suas necessidades, no entanto, violentamente é tirada a liberdade de criar e produzir, tornando um instrumento ou ferramenta de alta produção sem poder de decisão.

Algumas profissões conseguem superar melhor a insatisfação do trabalho, pois tem a liberdade para modificá-lo de acordo com o seu interesse.

Não há nada de espantoso, nesse quadro, que grandes dificuldades concretas do trabalho sejam facilmente aceitas. Exigências materiais assim como salariais, em relação às quais a resistência cresce. São testemunhas disso os artistas e os pesquisadores, por exemplo, pois seria falso imaginar que, para a maioria dessas categorias, os sacrifícios materiais sejam fáceis. Eles os fazem sofrer, como a todo o mundo, mas o prazer do trabalho lhes permite uma melhor defesa (DÉJOURS, 1992, p. 135).

Essa falta de autonomia do homem pode provocar a ausência de pertencimento no processo de trabalho e com isso gerar insatisfação em relação ao que faz. O trabalhador autônomo sabe de sua responsabilidade em desenvolver seu trabalho e o significado impresso no resultado. O fator principal nesse processo de trabalho é a motivação do homem em relação à atividade desenvolvida. Essa motivação gera o prazer, no entanto, a falta dela pode gerar o sofrimento do trabalho.

No mundo contemporâneo permanece certa invisibilidade e falta de reconhecimento em relação ao sofrimento produzido pelo/no trabalho. Essa falta de conhecimento relacionado ao sofrimento do trabalhador é cultivada também por quem vivencia o problema. A negação do trabalhador de não se expor diante dos demais o faz sofrer e, conseqüentemente, ampliam os sintomas prejudiciais a sua constituição humana.

1.1.4 Joel Birman e o Mal-Estar na Atualidade

Ao debruçar-se sobre a questão relacionada ao Mal-Estar na atualidade, o psicanalista Joel Birman, na primeira versão da obra, em 1999, fundamenta suas principais ideias referentes à problemática da subjetividade humana e à necessidade de debater o problema falando desse sujeito e do sofrimento que este homem enfrenta nos dias atuais, neste mundo contemporâneo.

A questão sobre o mal-estar na atualidade foi promulgada primeiramente por Freud, nas primeiras décadas do século passado, quando escreveu sobre o Mal-Estar da Civilização. Embora com maior aprofundamento epistemológico a respeito

da crítica à psicanálise e de seu papel no centro da modernidade, Birman (2009) partiu daí os seus diferentes debates.

Birman (2009) faz uma ampla revisão crítica de alguns conceitos e teorias próprias da psicanálise, mas não será por esse viés que se pretenderá compreender esse mal-estar na atualidade. Para ele, a psicanálise ficou responsável, ao longo dos anos, por cuidar do psiquismo do homem e acabou não adentrando tanto na questão da escuta por meio do corpo do homem ante o mal-estar na atualidade, ficando isso a encargo da própria psiquiatria médica e de suas medicalizações a tarefa de cuidar do corpo.

Ele faz essa crítica para dizer que, hoje, se perde o valor coletivo e foca-se na centralidade do eu, em uma subjetividade fragmentada e individualizada que, diante do caos, pode ser tratada de maneira isolada, seja de forma excludente ou pelo próprio adoecimento gradativo do corpo e do espírito humano. Birman (2009) relata ainda que o reflexo dessa postura compartimentada é fruto da própria sociedade da cultura narcisista, autocentrada, que valoriza o espetáculo e a exterioridade humana. Portanto,

É importante salientar que mediante essas concepções é possível compreender adequadamente não apenas a ênfase atual da psiquiatria nas pesquisas sobre as depressões, a síndrome do pânico e as toxicomanias, mas também por que o discurso psicopatológico assume feições decididamente biológica e psicofarmacológica. Não é apenas o desenvolvimento experimental das neurociências que explica a configuração da psicopatologia na atualidade, mas também, e principalmente, o requinte e a engenhosidade pelas quais se cultuam certas modalidades de construção subjetiva (BIRMAN, 2009, p.24).

Analisando por esse prisma, compreende-se porquê observa-se gradativamente um mal-estar instalando-se na atual sociedade. Para o autor, existe uma relação direta entre a medicalização e a psiquiatrização social e que são subsidiados pela neurociência e pela indústria da psicofarmacologia que acabam levando as articulações e construções mercadológicas do narcotráfico. Sabe-se que tudo isso é gerado pelo novo modelo de sociedade que leva a subjetivação individual como estandarte apoiado pela cultura narcisista e por reverência ao espetáculo como forma de exteriorizar e autocentrar a condição humana. Isso pode levar a sociedade à formação de diferentes tipos de violência:

A auto-exaltação desmensurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente implica a crescente volatização da solidariedade. Enquanto valor, esta se encontra assustadoramente em baixa. Cada um por si e foda-se o resto parece ser o lema maior que define o ethos da atualidade, já que não podemos, além disso, contar mais com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado (BIRMAN, 2009, p. 25).

Para Birman (2009), na cultura do narcisismo, o homem não consegue ver o outro como ser admirável, pois o centro das atenções deve se voltar somente a si próprio. O outro, para o sujeito da cultura do espetáculo, não passa de objeto a ser usado e descartado quando assim o for conveniente. Este seria o homem da nossa atualidade, cuja relação humana é cada vez mais superficial, individualizada e movida à situação espetaculosa.

Este é o cenário para estridente explosão da violência na cultura da atualidade, que assume assim não apenas diversas formas, mas também configurações inéditas. As práticas neonazistas estão aí mesmo, em toda parte, na nossa existência cotidiana. Saquear o outro, naquilo que este tem de essencial e inalienável, se transforma quase no credo nosso de cada dia. A eliminação do outro, se este resiste e faz obstáculo ao gozo do sujeito, nos dias atuais se impõe como uma banalidade. A morte e o assassinato, assim, se impuseram na cena cotidiana como trivialidades. Neste contexto, surge até mesmo uma nova categoria de desviantes, as crianças, cujos crimes estão aumentando nos Estados Unidos e na Inglaterra, como se sabe (BIRMAN, 2009, p. 25-6).

Essa explosão da violência e as novas formas de sofrimento psíquico são uma das preocupações que o autor levanta na atualidade e que configuram mal-estares resultantes de diferentes modos sociais, ideologias e práticas que os constroem, em um campo minado por egocentrismos, individualismos, a ausência das trocas intersubjetivas que leva a um novo modelo de subjetivação humana na cultura atual.

1.1.5 José Manuel Esteves Zaragoza e Mal-Estar Docente como Sintoma na Formação dos Professores

Na obra *O mal-estar docente – a sala de aula e a saúde dos professores*³, Zaragoza⁴ (1999) investigou, nos últimos anos do século XX, as conturbadas mudanças nas civilizações e o reflexo dessas transformações no âmbito educacional. Propõe uma reflexão-crítica sobre o sistema de ensino massificado que não atende às novas demandas da sociedade não oferecendo condições para o cumprimento do trabalho pedagógico do professor que vive sob as muitas imposições e cobranças sociais em sua ação educativa. Aponta as necessidades relevantes: enfrentar o mal-estar para combatê-lo; revelar os fatores geradores; adequar a formação docente às demandas sociais; reavaliar a imagem do Professor, valorizando-o; promover junto à sociedade um trabalho de reconhecimento profissional docente.

O Mal-Estar Docente, embora seja velado, é um problema bastante frequente entre o professorado, pois é resultado dos vários desafios enfrentados pelos docentes nos dias atuais. Zaragoza (1999) ressalta que os Professores têm sido tomados por um mal-estar que os tornam alvos das crescentes críticas sociais, e esses efeitos negativos afetam a personalidade de Professores, particularmente nas condições ambientais em que a docência é exercida. Não faz sentido os Professores serem culpabilizados por todas as mazelas sociais emergentes, pois estamos diante de um sistema de ensino massificado que cumpre critérios para atender exclusivamente a classe dominante da sociedade.

Para Zaragoza (1999), é incoerente que sistema de ensino prossiga o absurdo de manter objetivos educativos que foram propositalmente projetados a elite da sociedade, que quase ou nada faz para o bem-estar dos indivíduos que estão na condição de submissão. É incoerente também considerar os educadores como os únicos responsáveis pelo fracasso escolar se tem um sistema educacional que camufla diariamente os problemas e as crises sociais.

³ A pesquisa apresentada pelo autor é resultado de um estudo sobre as incidências de mal-estar nos docentes da educação básica, na Espanha, no período de 1982 a 1989. O objetivo principal do estudo é investigar o mal-estar docente e desvelar seus mecanismos de produção, sendo que, uma vez constatado, a chance de combate é ainda maior, portanto, as estratégias para evitá-lo ficam ainda mais evidentes.

⁴ Zaragoza (1999) ressalta que o mal-estar docente é um “fenômeno internacional” evidenciado primeiramente na Suécia, no ano de 1983, posteriormente, foi investigado na França, em 1984, Londres e na Alemanha, em 1990. Depois de participar de uma edição do livro espanhol *Professores em conflito*, em 1984, o autor finalmente, em 1992, elabora uma edição em português com o título *O mal-estar docente*, na cidade de Lisboa, Portugal.

O Professor de educação básica ao ensino superior tem enfrentado um verdadeiro voluntarismo pela falta de valorização e redefinição de seu verdadeiro papel no contexto educativo. Nesse emaranhado de contradições sociais e diante da manifestação de diferentes problemas e transformações, resta questionar: como exigir do Professor uma formação humana em meio a tantas mudanças e exigências sociais, política, econômica, cultural e relacional?

Por um lado, a sociedade e o sistema de ensino acusam os Professores de criar obstáculos diante das mudanças, por outro, os Professores acusam a sociedade de promover reformas burocráticas, sendo que na prática não têm condições materiais e de trabalho necessárias para uma autêntica melhoria na prática pedagógica cotidiana. Diante disso, tem-se um Professor cada vez mais desvalorizado socialmente e com menor perspectiva de mudança e melhoria na condição profissional, refletindo, assim, em um mal-estar docente como resultado desses conflitos e imposições.

Zaragoza (1999) propõe esclarecer que o enfoque de uma pesquisa voltada às condições da docência deve ser centrada em uma metodologia interdisciplinar, pois há necessidade de se trabalhar o conhecimento de maneira geral para não reduzi-lo a conceitos fragmentados. Defende que, quando se preocupou com as questões voltadas ao Mal-Estar Docente, primeiramente, buscou identificar quais indicadores configurariam o sintoma. Dentre esses fatores de “estresses dos Professores”, destaca:

[...] fatores primários, referindo - se aos que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas; e, por outro lado, fatores secundários, referentes às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência. A ação desse segundo grupo de fatores é indireta, afetando a eficácia docente ao promover uma diminuição da motivação do professor no trabalho, de sua implicação e seu esforço. Isolados, têm apenas significado intrínseco, mas, quando se acumulam, influem fundamentalmente sobre a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional, gerando uma crise de identidade que pode chegar inclusive – como veremos adiante – à autodepreciação do ego (ZARAGOZA, 1999, p. 27).

Diante de tantas transformações, o Professor se vê impotente por não ter sido formado a acompanhar e enfrentar as diferentes exigências atribuídas ao sistema escolar. Exigências essas de responsabilidades de outras instituições como familiares e sociais que são impostas à escola e ao Professor como se fossem obrigados a se adaptar a essas novas demandas. Para Zaragoza (1999), são

diversos fatores que atualmente têm gerado conflitos no contexto educativo e, citando a tese de Merazzi, diretor de uma escola suíça, aponta três justificativas:

- a primeira está relacionada à mudança de papéis dos “agentes tradicionais de socialização” como a família, o modo de vida dos grupos sociais, que de certa forma tem transferido suas responsabilidades para a escola e aos Professores; o reflexo disso está ligado também à diferente configuração da mulher no mundo do trabalho e da família, terceirizando ou sobrecarregando cada vez mais suas funções;

- a segunda acarreta esse reflexo negativo no campo docente, seria as diferentes atividades cumpridas pela escola que não estão relacionadas somente à constituição do conhecimento, mas, sim, a outros meios de comunicação, informação e demais manifestações culturais.

- por fim, a terceira, de acordo com o autor, aqueles Professores dispostos a enfrentar um novo cenário social seguem complexos desafios a cumprir, pois, diante das contraditórias exigências sociais precisam desempenhar funções que vão além da profissão como, por exemplo, apoiar e oferecer espaço de afabilidade, diálogo e amizade ao aluno.

Zaragoza (1999) ressalta que até a metade do século passado o Professor era visto como uma autoridade intelectual importante. Hoje, no Brasil, o que se vê é uma valorização profissional por critério, principalmente, de bom salário, e nesse quesito o professor sai perdendo longe com o baixo salário que o é atribuído. A questão salarial ainda é o fator principal gerador de estresse no professorado atualmente, seguido das condições de trabalho, relação entre professor e aluno e sobrecarga laboral. Destaca razões que o Professor teria para abandonar a sala de aula: a primeira estaria ligada ao salário; em seguida o baixo *status* social pela falta de promoção continuada da profissão; e, por fim, o trabalho no contexto sala de aula e o tempo reduzido para realização da ação pedagógica.

Dentre os diferentes fatores que contribuem para o Mal-Estar Docente, tem-se observado o avanço acelerado do conhecimento, no qual os Professores, para não reproduzirem o conteúdo, precisam acompanhar todo o processo de mudança e ter o domínio e a segurança do assunto abordado. A última razão é agravada pelas diferentes mudanças cotidianas, tecnológicas e científicas que podem gerar crises de identidade profissional e pessoal no docente (ZARAGOZA, 1999, p.38).

A imagem profissional do Professor tem sido afetada diariamente, sobretudo quando os meios de comunicação e a sociedade apresentam a profissão docente da seguinte maneira:

É curioso observar o tratamento que recebe a figura do professor nas seções fixas de educação que publicam diariamente a maioria dos grandes jornais nacionais. Em outras ocasiões, os professores aparecem na seção de justiça, o que também é sintomático. Nos referidos meios de comunicação, observam-se duas linhas contrapostas nos enfoques do professor: de um lado, apresenta-se a profissão docente como uma profissão conflitiva; de outro, divulga-se na imprensa, mas, sobretudo no cinema e na televisão, que tem maior força de penetração social, o enfoque que apresenta a profissão docente como uma atividade idílica, centrada quase exclusivamente na relação interpessoal com os alunos (ZAGAROZA, 1999, p. 39).

Para se compreender melhor, Zaragoza explica que, depois de uma pesquisa realizada na Suécia, observou-se que a imagem do professor era tida como conflitiva e desvalorizada. A principal razão disso foi por causa da exposição psíquica em que os Professores eram submetidos às imposições dos centros de ensino. Partindo desse cenário para a realidade brasileira, o problema não difere. Nas últimas décadas, passou-se a ver o professor de forma negativa, preconceituosa e de desvalorização do seu trabalho. Isso também pode favorecer ou desencadear diferentes sintomas do mal-estar no professorado. A imprensa europeia, por diversas vezes, apresentou uma imagem crítica do Professor, e os principais pontos levantados estão relacionados à violência escolar, em que são levados a “demissões ou situações de conflitos gerados por divergências de ideias ou valores, baixos salários”, e por desfavorável “condições materiais para desenvolver o trabalho” pedagógico (ZAGAROZA, 1999, p.40).

Diante desses fatores, Zaragoza (1999) faz uma importante denúncia: o Professor é visto pela sociedade como uma “imagem idílica” ou conciliadora, ou seja, uma figura que exerce uma atividade mais relacional de “ajuda pessoal ao aluno” do que de fato ensinando em sala de aula.

Frente a esse enfoque conflitivo, encontramos uma visão idílica que é absolutamente contraditória com a que até agora vimos. Filme muito conhecidos como *Adiós, Mister Brodie*, *Rebelión en las aulas*, *Enseñando a Rita* podem ser exemplos muito significativos. Ao se observar atentamente o conteúdo dessas produções com um cronômetro na mão, poder-se-á comprovar que somente se apresenta ao professor em sala de aula, ensinando, durante menos de 10% do tempo restante, de ajuda pessoal aos

alunos, geralmente fora da sala de aula, de preferência em um lugar tranquilo em que aparece a confiança (ZARAGOZA, 1999, p.41).

No contexto escolar são cobradas dos Professores diferentes posturas em que muitas vezes esses profissionais precisam executar funções de áreas bastante específicas (enfermagem, psicologia, administração e outras atividades) que fogem do ensino-aprendizagem no contexto escolar. Zaragoza critica ainda que a profissão docente, muitas vezes, é entendida erroneamente como uma atividade desenvolvida de maneira individual/autônoma e não no conjunto ou coletivo. Um dos maiores problemas dessa falta de entendimento está na sua formação inicial, pois a tendência é estereotipar a profissão docente e sua imagem, formando o docente para o que o tem de ser e fazer, deixando de considerar a prática docente ante os problemas da realidade social.

Citando Abraham (1975), Zaragoza (1999) apresenta quatro diferentes reações quando um Professor se depara com uma realidade que foge do que aprendeu na formação inicial:

- no primeiro momento, pode ter um “sentimento contraditório” por não conseguir colocar em prática o que foi idealizado;
- por outro lado, tem-se a “negação da realidade” e a impossibilidade de suportar sua ansiedade perante a uma situação-problema, podendo desenvolver autocobrança e fugas;
- uma terceira reação está relacionada à ansiedade, quando esse professor se depara com a falta de recursos materiais e mínimas condições de trabalho, podendo até desenvolver sintomas da depressão e “autodepreciação” pela suposta “incapacidade” de realizar a ação conforme o conhecimento desenvolvido na formação inicial;
- por fim, o professor pode chegar à “aceitação do conflito” acomodando-se diante dos fatos reais sem conseguir reagir, mudar ou reconstruir o que for necessário (ZARAGOZA, 1999, p. 44-7).

Zaragoza (1999) descreve vários fatores que podem desencadear os sintomas do Mal-Estar Docente, sendo que os principais estão ligados à falta de recursos materiais e, não podia faltar, as condições de trabalho do professor, incluindo materiais didáticos, estrutura física dos prédios escolares e a falta de móveis adequados à escola. Há casos em que os Professores recorrem às famílias

das crianças para receber contribuições para desenvolverem significativamente o trabalho pedagógico, podendo levá-los a constrangimentos. Destaca outros fatores contribuintes aos sintomas do Mal-Estar Docente. Um dos mais importantes e bastante discutidos no contexto atual está relacionado diretamente à violência escolar, dentro e nas imediações da instituição de ensino.

As agressões são recorrentes nos últimos anos do ensino fundamental e especialmente no ensino médio. Contudo, não quer dizer que isso não ocorra nas demais fases do ensino, mas significa que sua proporção seja maior nos níveis citados. O fator relacionado à violência na escola é visto como reflexo da não aceitação da disciplina e autoridade do professor no contexto escolar. Entretanto, há um terceiro motivo o qual está ligado ao esgotamento docente diante de tantas exigências atribuídas ao professor. Para descrevê-lo, primeiramente, deve-se atentar ao aparecimento paralelo do termo de “burnout”, ligado estritamente ao estresse do professor:

[...] na bibliografia de língua francesa introduziu-se o conceito de *malaise enseignant*, que se tem traduzido em espanhol por mal estar docente, na bibliografia anglo-saxã, aparece o termo *burnout*, em muitos casos associados ao conceito de estresse (ZARAGOZA, 1999, p. 56).

O sentido de esgotamento surge como reflexo do Mal-Estar Docente, ou seja, o acúmulo de vários fatores negativos que atingiriam psicológica ou socialmente o professor no seu processo de trabalho. O grupo de Professores mais atingido pelo mal-estar é aquele que de forma coerente deseja exercer a docência de qualidade não conformados com as contradições existentes. Esse “esgotamento”, citado por Zaragoza (1999), está relacionado também às diversas atividades impostas ao professor e que, acumuladas, causam um cansaço excessivo no trabalhador. Assim,

[...] o professor está sobrecarregado de trabalho, obrigando-se a realizar uma atividade fragmentaria, na qual deve lutar, simultaneamente, e em frentes distintas: deve manter a disciplina suficiente, mas ser simpático e afetuoso; deve atender individualmente as crianças sobressalentes que queiram ir mais depressa, mas também aos mais lerdos, que têm de ir mais devagar; deve cuidar do ambiente da sala de aula, programar, avaliar, orientar, receber os pais e colocá-los a par dos progressos de seus filhos, organizar diversas atividades para o centro, atender frequentemente a problemas burocráticos, a lista de exigências parece não ter fim (ZARAGOZA, 1999, p. 59).

Esses fatores somados podem desencadear outros sintomas negativos, como a ansiedade, depressão e outros males. Muitos Professores terão sérias dificuldades para suportar os percalços oriundos das principais consequências geradas pelo Mal-Estar Docente, tornando, assim, alvos de outros sintomas que podem afetar o trabalho pedagógico. Zaragoza (1999) destaca vários sintomas relacionados ao Mal-Estar Docente: o primeiro está ligado à renúncia do Professor e ao afastamento provisório ou definitivo pelo trabalho. Além disso, têm-se também as “repercussões negativas” no âmbito da atividade docente e de que forma pode influenciar na saúde física e mental dos Professores. Quanto aos sintomas, as mulheres relatam mais problemas físicos, psicológicos e emocionais oriundos do ambiente escolar e pedagógico. Já os homens destacam como agravante os problemas externos à sala de aula, ou seja, os sociais, políticos, econômicos e culturais. É importante destacar que o estresse e as tensões psicológicas são as maiores reclamações dos Professores, seguido de ansiedade e diferentes sofrimentos.

Para Zaragoza (1999, p. 74), com base nesses problemas capazes desencadear o sofrimento, percebeu que diferentes doenças psicológicas podem se desenvolver, tais como: “estados neuróticos, estados depressivos, personalidades e caracteres patológicos, estados psicóticos e psicoses maníaco-depressivas e esquizofrenias”. As principais implicações do “Mal - Estar” foram graduadas, por ele, como insatisfação, transferências de local de trabalho, vontade de desistir da docência, absenteísmo, esgotamento físico e mental, estresse, sentimento de incapacidade, ansiedades, neuroses e depressões.

Nesse cenário de embates e desafios, Zaragoza (1999) nos revela que é no modelo da formação descritiva que se propõe prevenir o sintoma do Mal-Estar Docente, apresentando três formas importantes na construção da formação inicial que podem contribuir para que os futuros Professores enfrentem os problemas constituídos na docência:

- a primeira está ligada à necessidade de o professor identificar-se “de si mesmo” e de suas limitações reais para desenvolver o trabalho em sala de aula, sem que seja acarretado de ansiedades;

- a segunda refere-se ao modo de enfrentar os problemas da organização dos processos pedagógicos da disciplina e à questão da autoridade do professor em sala de aula;

- a terceira diz respeito às “atividades de ensino e aprendizagem”, e nesse caso indica simular aulas e alunos reais para que os Professores em formação possam desenvolver metodologias adequadas e enfrentar os problemas reais do cotidiano escolar (ZAGAROZA, 1999, p.140).

Mesmo diante de tantas imposições sociais e regulamentações políticas que fazem que o Professor seja visto como profissional condenado somente “a fazer mal seu trabalho”, sem quase nenhum valor social, ainda assim desgastado ante as múltiplas responsabilidades impostas pelos diferentes sistemas da sociedade, resta ao Professor o esforço de buscar, nas diferentes forças conjuntas, uma considerável melhoria para superar e mudar o cenário atual de desvalorização profissional.

1.1.6 Vicente Benedito *et al.* – Manifestação do Mal-Estar Docente nos Departamentos Universitários e as Contradições da Produção Científica na Academia

Ao buscar referências teóricas sobre o Mal-Estar Docente Universitário, optamos por recorrer aos estudos de Benedito *et al.* (1995) especificamente em *A Formação Universitária em Debate – análise de problemas e formulações de proposta para a docência e a formação do professorado universitário*⁵. Apontam como uma das causas do Mal-Estar Docente a percepção pouco racionalizada e cheia de contradições e tensões existentes na universidade, sobretudo a partir dos anos 90 com a forte resistência em mudanças dos Professores no âmbito do trabalho docente. Destaca que, assim como em outras profissões, o campo universitário é também um ambiente cheio de contradições, competições e ações individualistas. É sempre necessário contextualizar que a década dos anos de 1990 marca o avanço neoliberal na educação nos marcos do avanço do capitalismo globalizado contemporâneo que tem sido objetado por parte dos professores mais críticos.

Com base em Saenz e Lorero (1993), Benedito (1995) faz alusão a uma pesquisa realizada na Espanha tendo em vista a satisfação dos Professores universitários em uma universidade em Granada onde constataram “um diagnóstico

⁵ Traduzido do espanhol para o português pela pesquisadora.

de grande insatisfação por todos os que se referem à sua atividade investigativa, pois há um escasso reconhecimento de sua produção científica, tanto por alunos como da administração”.

Esses fatores desmotivadores acabaram desencadeando ansiedades por ausência de “estabilidade laboral em muitos docentes”, e pela falta de cooperação entre os próprios Professores instalados nos departamentos universitários. Os problemas, somados à falta de definição da carreira profissional universitária e à ausência de orientação dos que buscam de forma solitária por financiamentos para os projetos de investigação, acabam gerando no professor a ansiedade, o mal-estar e um sintoma de isolamento, prejudicando-o no trabalho de investigação científica. Assim,

A insatisfação e desconforto também são causados pela falta de projeto coletivo explícito e uma Dinâmica mais aberta nas universidades capazes de gerar propostas de ação conjunta da estrutura do corpo docente. A angústia do professor, então, os seus sinais na dispersão do esforço pessoal, na colisão de interesses, falta de coesão dos professores e, portanto, a tendência de secularismo na retirada social geral da comunidade de ensino e à falta integração sócio profissional [...] (BENEDITO, 1995, p. 38).

A falta de um projeto coletivo capaz de gerar propostas conjuntas entre o professorado, pois o Mal-Estar Docente pode ser proveniente de diferentes fatores internos e externos gerados pela fragmentação de pensamentos e ações, pelo isolamento e individualização desenvolvidos entre eles, podem afetar também, diretamente, o desenvolvimento e aprendizado dos alunos. Os responsáveis pela direção dos departamentos e centros acadêmicos devem reconhecer a realidade, desenvolvendo propostas e iniciativas que promovam uma cultura diferente na instituição, criando, nos centros universitários, uma atmosfera de trabalho e responsabilidade que melhore a autoformação dos Professores e de seus alunos.

Argumentam ainda que se faz necessário propor metas que exijam um esforço coletivo dos docentes, ampliando a toda a comunidade o processo de diagnóstico, planejamento, organização e avaliação, com a finalidade de gerar reflexão, compromisso e participação crítica por todos os agentes da instituição. Torna-se importante destacar, a formação de equipes diretivas para uma gestão universitária com um caráter democrático, promovendo mecanismos de inovação e

melhoria, particularmente, na condição do trabalho do professor universitário (BENEDITO, 1995, p.39).

1.1.7 Trein e Rodrigues e o Mal-Estar Docente na Academia Universitária

Trein e Rodrigues (2011), autores do estudo *O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria*, dão destaque ao aspecto relacionado à mercantilização do conhecimento e o excesso cometido na academia em nome da produção científica, sem levar em consideração a qualidade dos trabalhos de pesquisas desenvolvidos e publicados nesse meio institucional. Trata-se de uma crítica relevante, pois faz referência às agências financiadoras que cobram cada vez mais resultados imediatos sempre levando em consideração os números de produções e pesquisas realizadas nas instituições de ensino, sobrecarregando, portanto, os administradores, os Professores e até mesmo os alunos da pós-graduação *stricto sensu*.

Destacam que, para compreender a provisoriedade das coisas, na atual sociedade, impulsiona os profissionais a buscarem novos recursos. Assim, é nas relações ou no trabalho coletivo que se passa a compreender o meio em que se vive, explorando-o e buscando formas para sua “capacidade corporal e mesmo intelectual”. Para esses autores, é o processo de trabalho coletivo do homem que produz a ciência e a tecnologia, entretanto, a relação de trabalho estabelecido na coletividade constrói a cultura e a civilização. Porém, “a vida em sociedade é encarada, simultaneamente, como a terceira e mais poderosa fonte de nossos sofrimentos” (TREIN; RODRIGUES, 2011, p.772). Portanto, segundo Trein e Rodrigues (2011, p. 773), esse mal-estar instaurado na sociedade pode ser reflexo de um

contentamento descontente parece estar presente em todos nós. Refreamos, sublimamos nossos impulsos em direção à cultura, construímos a civilização. A civilização volta-se contra a satisfação desses mesmos impulsos, pois a sociedade pressupõe a renúncia às pulsões.

Esses sintomas podem influenciar e desencadear contraditórias forças no âmbito dos relacionamentos sociais.

De um lado, precisamos da civilização, da comunidade humana, da sublimação de nossos impulsos. De outro lado, precisamos satisfazer esses mesmos impulsos, reprimidos e sublimados – apenas parcialmente – pela sociedade. Um resto sobra. De um lado, caminhamos seguindo um impulso à repetição, agregar, repetir, mais do mesmo, cada vez em maiores agregados (TREIN; RODRIGUES, 2011, p.773).

Compreende-se que impulsos e sociedade se envolvem em movimentos de constantes contradições necessárias ao processo de construção social. Os processos das relações humanas podem contribuir para a mudança do cenário sintomático que o mal-estar apresenta atualmente. No entanto, esse “mal-estar na civilização é o resultado de formas antagônicas em confronto, é um sinal, um sintoma que uma luta está em processo”, e isso indica que é necessário mudar o negativo quadro atual (TREIN; RODRIGUES, 2011, p.774).

Ao analisar a produção do conhecimento no campo universitário, Trein e Rodrigues (2011) afirmam que esse “fetichismo” tem sido uma trama para transformar o saber em mercadoria de “valor de troca e valor de uso”. Entretanto, esse processo pode levar à banalização e ao sofrimento dos Professores e alunos envolvidos na produção da ciência, sobretudo pelo fato de participarem de uma lógica impositiva que serve para alimentar esse mercado quantitativo e infinitamente competitivo (TREIN; RODRIGUES, 2011, p.774).

Apoiados no pensamento de Karl Marx, Trein e Rodrigues (2011) compreendem que esse conhecimento é resultado dos processos de trabalho do homem, os quais, na atual sociedade, mercantilizam cada vez mais “as coisas, as pessoas” e o saber científico no sentido de que “o conhecimento científico só tem valor se tem valor de troca, se é conversível em outra mercadoria, se pode ser mercantilizado, enfim”. Compreendem que no contexto da academia, as agências financiadoras como “órgãos internacionais como Banco Mundial” e demais investidores “recomendam” os “financiamentos governamentais e empresariais às atividades de pesquisa acadêmica, desde que essas tenham como horizonte a sua conversão em patentes”. Esses custeadores encaminham estratégias de financiamentos (públicos ou privados) voltados à pesquisa científica, no entanto, exige-se de algumas instituições a apresentação dos resultados práticos de suas investigações para que contribuam para o desenvolvimento econômico do país (TREIN; RODRIGUES, 2011, p.776).

Nesse aspecto, o cenário atual é de grande competição mercantil em que algumas instituições de ensino que acabam incorporando um caráter empresarial, passando a corresponder às cobranças por volumes de pesquisas que sejam voltadas ao mercado produtivo. Trein e Rodrigues (2011) ressaltam ainda que a “a ciência e a tecnologia” são vistas, nos dias atuais, como uma máquina para produção e exploração do trabalhador. Com isso, os autores denunciam a postura dos que financiam as pesquisas na academia, revelando que:

De um lado, o atual Sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação estabelece regras mercantis para a produção do conhecimento: a regra atual de concessão de financiamentos é a mesma utilizada para a ‘concorrência’, os pesquisadores consorciados deverão demonstrar sua ‘capacidade técnica’ de produção, por meio de indicadores claros e precisos, tais como o volume de sua produção anterior e a previsão dos produtos resultantes da investigação [sic]. Para garantir a continuidade da produção científica, os consórcios de pesquisa estabelecerão uma disciplina interna rígida, de cumprimento de tempos e movimentos, segundo o cronograma preestabelecido e ratificado pela agência de fomento. Obviamente, caberá a cada equipe de pesquisa o desenvolvimento de parcela preestabelecida do trabalho científico: do pesquisador sênior ao bolsista de iniciação científica, passando pelos mestrandos e doutorando, cada qual com sua tarefa, todos, em ordem unida sob a supervisão do pesquisador – líder e todos vigiados pelos prazos das agências de fomento (TREIN; RODRIGUES, 2011, p 778).

O objetivo principal desses investimentos na ciência é contribuir para manter a ideia de desenvolvimento econômico e social do país, em que algumas Instituições de Ensino Superior têm servido muito bem esse sistema arbitrário da sociedade. Trein e Rodrigues (2011) ressaltam que, diante da quantidade de produções, pode-se ver diferentes competições e vaidades (prestígios) acadêmicas entre os Professores em busca de recursos e financiamentos para manter-se no topo das pesquisas científicas e com um currículo relevante. Com o processo acelerado de transformação e expansão da educação, revelam-se também alguns problemas com plágios acadêmicos e conflitos para o cumprimento dos prazos estabelecidos pelas agências financiadoras que cobram por resultados concretos. Isso pode gerar a competição e baixa qualidade nos trabalhos apresentados,

[...] hoje a comunidade científica se interroga sobre como resistir à fraude que decorre não da falta de caráter de algumas pesquisadores mas de um processo crescente de alienação em relação ao efetivo valor de uso social do trabalho produzido. As pressões por maior produtividade, a concorrência por mais verbas, a diminuição dos tempos para maturação de resultados deixam, de ser uma decisão que afeta cada indivíduo em particular, com liberdade de ação, para constituir-se em mecanismos de estrangulamento coletivo por meio de instrumentos aparentemente objetivos e neutros, como

são os instrumentos de avaliação e ranqueamento (TREIN; RODRIGUES, 2011, p. 783).

Diante desse quadro crítico, citando Sérgio Ferreira (2008), Trein e Rodrigues (2011) indicam uma preocupação em relação à produção científica em que os trabalhos científicos apresentados devem ser considerados de acordo com quantidade de vezes que o artigo foi citado por outros autores, e não pelo volume de publicações feitas pelo respectivo autor. Denunciam também que muitos trabalhos são apresentados de modo duplicado, em que usam diversos procedimentos fraudulentos somente para ampliar o formato e a apresentação do currículo.

Outros processos incoerentes são utilizados nesse campo do conhecimento científico como, por exemplo, dificultar o acesso às pesquisas finalizadas (dissertações e teses), fazendo cobranças indevidas e mercantilizando o processo do conhecimento. Para eles, esses mecanismos de disputas acadêmicas acabam contribuindo para a manutenção das desigualdades sociais. O que importa é “compreender os significados da produção do conhecimento em uma economia globalizada que mercantiliza todas as dimensões da vida” (TREIN; RODRIGUES, 2011, p. 784).

Trein e Rodrigues (2011), citando Mangas Martin (2010), criticam a forma de financiamento científico atual que visam fins que não sejam de fato voltados à pesquisa. Para os autores, vários aproveitadores e oportunistas aparecem quando existem financiamentos voltados à ciência. Tem-se também mecanismos de fraudes como criar pesquisas em outros países, com dados prontos na internet, somente para que uma viagem seja financiada. Diante desses mecanismos, os autores revelam que,

[...] embora a comunidade científica nacional e internacional se curve aos ditames produtivistas, mesmo entre os que o fazem considerando que contribuem para o avanço de ciência, há uma grande preocupação com a qualidade do que é produzido. Diante dos dados do aumento das iniquidades sociais, somos assolados pelo mal-estar da civilização que nos trouxe ao século XXI com tantas angústias como as enumeradas por Freud e ainda caudatárias das raízes desvendadas por Marx. O produtivismo, como expressão do fetichismo do conhecimento – mercadoria, precisa ser enfrentado (TREIN; RODRIGUES, 2011, p.784).

Com base nisso, compreendem-se que as imposições oriundas do produtivismo levam a pensar sobre a relevância e o reconhecimento das pesquisas no contexto social. A comunidade acadêmica vinculada a esse processo de

produção do conhecimento precisa dar significado ao que está sendo produzido para que não seja “presa fácil” dessa sociedade capitalista que visa, acima de tudo, à produção e à mercadoria.

Esse processo de utilidade objetiva, muitas vezes, pode levar os homens aos mais diversos sintomas do mal-estar por não conseguirem alcançar todos os anseios impostos por essa civilização. Infelizmente o que se tem visto atualmente é uma educação, cada vez mais, a serviço de um mercado competitivo que, muitas vezes, se submete à venda do conhecimento e, o que é pior, um Professor sendo usado como portador e negociador desse processo de produção. O Professor, diante dessas pressões, vive silenciosamente um Mal-Estar na Educação que o faz se sentir cada vez mais desmotivado, ansioso e desiludido com a profissão.

1.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

As contribuições teóricas advindas de Weber (1964-1920), Freud (2006), Déjours (1992), Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedito *et al.* (1995) e Trein e Rodrigues (2011) contribuíram para a construção de um universo significativo de interpretações que se cruzam entrecruzam e aproximam-se no esforço de uma conceptualização do Mal-Estar, Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário.

O processo de construção metodológico para apreensão das aproximações teóricas com vistas à anúnciação das categorias de análise será desenvolvido por matrizes analíticas explicitadas pelo procedimento da análise de conteúdo desenvolvida por Bardin e Franco (2003).

Os quadros, a seguir, são expressões de três momentos da metodologia da análise de conteúdo:

- Quadro 1: Identificação dos recortes discursivos
- Quadro 2: Visualização das palavras geradoras
- Quadro 3: Anúnciação das categorias de análise

Quadro 1: Identificação dos recortes discursivos

<p>MAX WEBER: A racionalização e o desencantamento do mundo moderno</p>	<p>SIGMUND FREUD: O mal-estar da civilização</p>	<p>CHRISTOPHE DÉ-JOURS: A loucura do trabalho</p>	<p>JOEL BIRMAN: Mal-estar na atualidade</p>	<p>JOSE M. E. ZARAGOZA: Mal-estar docente como sintoma na formação dos professores</p>	<p>VICENTE BENEDITO: Manifestação do mal-estar docente nos departamentos universitários e as contradições da produção científica academia</p>	<p>TREIN E RODRIGUES: Mal-estar docente na academia universitária</p>
<p>Discute sobre o processo de desencantamento/desilusão do homem pelo mundo abstrato. O mal-estar estaria ligado à nova configuração de vida que o homem racional propunha construir em nome do desenvolvimento da sociedade.</p>	<p>Esta reflexão se deu para compreender o conjunto de sintomas que estavam causando o sofrimento e infelicidade humana frente a uma classe dominante e intolerante a liberdade de pensamento e qualquer manifestação contrária ao poder político. O mal-estar estaria ligado ao sintoma de sofrimentos causados por pressões sociais, e que provocava a ansiedade, o isolamento/silenciamento como autodefesa humana, a frustração/insatisfação contra as imposições políticas dominantes fruto das rápidas mudanças sociais no início do século XX.</p>	<p>Aborda o sofrimento dos trabalhadores franceses, no séc. XIX, o esgotamento físico pelas péssimas condições de trabalho que acabavam silenciando-os. O mal-estar, neste contexto, estaria ligado à insatisfação, ao medo, às angústias, ao silenciamento, a doenças mentais como diferentes ansiedades até as depressões mais graves e psicopatias que impediam o trabalhador de exercer suas atividades laborais.</p>	<p>Embasa suas ideias na subjetividade humana e os problemas e os sofrimentos que este homem enfrenta nos dias atuais, diante de tantas mudanças. O mal-estar estaria vinculado ao adoecimento gradativo do corpo e do espírito, que acaba relacionando as questões ao processo de medicalização e psiquiatrização do homem na tentativa de combater a ansiedade, frustração, sofrimento psíquico causado por uma sociedade individualista e que não valoriza a interioridade do outro.</p>	<p>Revela fatores importantes que podem contribuir para o surgimento do mal-estar, que é resultado de diferentes desafios enfrentados pelos docentes nos dias atuais. Estes desafios podem afetar diretamente a personalidade dos professores e desencadear sintomas negativos como estresses e as tensões psicológicas, esgotamentos, insatisfação, silenciamento, ansiedade, abseteísmo/presenteísmo, neuroses e depressões em diferentes graus. O mal-estar pode apresentar o sintoma da crise de identidade profissional no docente e sensação de desvalorização social/profissional diante de tantas imposições e regulações políticas.</p>	<p>Destaca que uma das causas do mal-estar é a percepção pouco racionalizada e repleta de contradições /tensões, competições e individualismo que o campo universitário desenvolve. Alguns sintomas do mal-estar podem ser apresentados como insatisfação, absenteísmo, desinteresse com a qualidade da profissão, superficialidade nas relações interpessoais, falta de compromisso com os alunos, autodesvalorização, ansiedades e manifestações psicopatológicas com depressões e angústias profissionais (medos e fobias laborais) gerando também o isolamento e o silenciamento.</p>	<p>Debatem sobre o aspecto relacionado à mercantilização do conhecimento e ao excesso de produções científicas exigidos na academia, considerando a quantidade das pesquisas por docente. O mal-estar, nesse ponto, está ligado às cobranças das agências financiadoras de produções científicas sobre os professores, sobrecarregando também os alunos da pós-graduação <i>stricto sensu</i> e os administradores ligados a este contexto. Os sintomas desse mal-estar podem desencadear contraditórias forças nos relacionamentos sociais, levar à banalização e ao sofrimento dos professores e alunos, por forças impositivas ligadas ao mercado de produções. Diante disso o professor pode viver silenciosamente um mal-estar e desencadear ainda mais a desmotivação e desilusão com a profissão docente</p>

Quadro 2: Visualização das palavras geradoras

MAX WEBER	SIGMUND FREUD	CHRISTOPHE DÉ- JOURS	JOEL BIRMAN	JOSE M. E. ZARA- GOZA	VICENTE BENEDITO:	TREIN E RODRIGUES:
Desencantamento, desilusão	Sufrimento, infelicidade, isolamento, silenciamento, frustração insatisfação	Sufrimento, esgotamento físico, insatisfação, medo, angústias, silenciamento, doenças mentais, ansiedades, depressões mais graves e psicopatias	Adoecimento do corpo e do espírito, medicalização, psiquiatrização, ansiedade; frustração, sofrimento psíquico	Estresses, tensões psicológicas, esgotamentos, insatisfação, silenciamento, ansiedade, absenteísmo, pré-senteísmo, neuroses e depressões, crise de identidade profissional, sensação de desvalorização social e profissional	Contradições, tensões, competições e individualismo, insatisfação, absenteísmo, superficialidade nas relações interpessoais, falta de compromisso, autodesvalorização, ansiedades, manifestações psicopatológicas, depressões, angústias profissionais (medos e fobias laborais), isolamento, silenciamento	Mercantilização do conhecimento, excesso de produções científicas, cobranças, banalização, sofrimento dos professores e alunos, desmotivação, desilusão

Quando analisados os discursos autorais para buscar apreender as concepções e os sentidos do Mal-Estar decorrentes de pensadores clássicos, como Weber (1864-1920), Freud (2006), Déjours (1992), Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedito (1995) e Trein e Rodrigues (2011), observam-se aproximações na constituição e revelação dos pensamentos elaborados por eles.

A partir dessa compreensão decorrente do acesso às leituras selecionadas, procura-se recortar partes discursivas nas quais evidenciavam os sentidos de suas falas, anunciação de categorias tecidas, evidenciadas e entrelaçadas ao longo de suas ideias, em que algumas de destacavam bem mais que as demais como, por exemplo, sofrimento, silenciamento, insatisfação ansiedades e tensões. Essas categorias permitem entender o quanto esses autores, de forma direta ou indiretamente, se aproximam nos pensamentos e nas discussões voltadas para as temáticas analítico-explicativas do Mal-Estar, Mal-Estar Docente ou do Mal-Estar Docente no Ensino Superior.

Vale ressaltar que os quatro primeiros autores – Weber (1864-1920), Freud (2006), Déjours (1992) e Birman (1999) – direcionam os seus pensamentos para a questão estritamente relacionada ao Mal-Estar Social, centrado num quadro complexo

das desilusões pelo reflexo e enfrentamentos, da infelicidade do homem perante os doloridos calos que a sociedade produz, causando-lhe angústias e depressões graves. Os demais autores não ignoram as formulações acerca do “Mal-Estar Social”, mas buscam focar suas análises e como esse Mal-Estar geral influencia no Mal Mal-Estar Docente e as tensões enfrentadas pelos Professores no âmbito educacional refletem em sua vida profissional e pessoal. Os três últimos autores do quadro – Benedito (1995) e Trein e Rodrigues (2011) – abordam o Mal-Estar voltado ao Professor Universitário e algumas contradições enfrentadas por esse profissional que afetam a vida acadêmica, os relacionamentos e as condições de trabalho, principalmente, ao trabalho no sentido estrito e a produção científica cada vez mais exigente em qualidade e quantidade.

Quadro 3: Anúnciação das categorias de análise

CATEGORIAS ACERCA DO MAL-ESTAR, MAL-ESTAR DOCENTE E MAL-ESTAR UNIVERSITÁRIO	MAX WEBER	SIGMUND FREUD	CHRISTOPHE DÉJOURS	JOEL BIRMAN	JOSE M. E. ZARAGOZA	VICENTE BENEDITO	TREIN E RODRIGUES	TOTAL Recorrência
1. Desencantamento	X							1
2. Desilusão	X							1
3. SOFRIMENTO		X	X	X			X	4
4. Infelicidade		X						1
5. Isolamento		X				X		2
6. Frustração		X		X				2
7. INSATISFAÇÃO		X	X		X	X		4
8. Esgotamento			X		X			2
9. Medo			X			X		2
10. Angústia			X					1
11. SILENCIAMENTO			X		X	X		3
12. Doenças mentais			X					1
13. ANSIEDADES			X	X	X	X		4
14. DEPRESSÕES			X		X	X		3
15. Psicopatias			X					1
16. Adoecimento				X				1
17. Medicalização				X				1
18. Psiquiatrização				X				1
19. Sofrimento				X			X	2
20. Estresse					X			1
21. Tensões					X	X		2
22. Absenteísmo					X	X		2

23. Presenteísmo					X			1
24. Neuroses					X			1
25. Crise de identidade					X			1
26. Desvalorização					X	X		2
27. Contradições						X		1
28. Competições						X		1
29. Individualismo						X		1
30. Superficialidade nas relações						X		1
31. Falta de compromisso						X		1
32. Manifestações psicopatológicas						X		1
33. Fobias laborais						X		1
34. Mercantilização do conhecimento							X	1
35. Excesso de produções científica							X	1
36. Cobranças							X	1
37. Banalização							X	1
38. Desmotivação							X	1
39. Desilusão							X	1
TOTAL	2	5	10	7	12	16	8	60

Os caminhos percorridos pelos autores e suas obras selecionadas nesta pesquisa – Weber (1864-1920), Freud (2006), Déjours (1992), Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedito *et al.* (1995) e Trein e Rodrigues (2011) – permitiram apreender-se determinados elementos teórico-conceituais que guardam relações potencialmente explicativas do Mal-Estar Docente no Ensino Superior. Pela metodologia da análise de conteúdo foram anunciadas diversas categorias.

As recorrências dessas categorias integrantes das formulações desses autores, no total de 39, foram assim manifestadas:

- Weber (1864-1920), não discorre especificamente sobre os problemas ligados ao Mal-Estar Docente, apontando somente 02 palavras;

- Freud (2006) também não adentra as questões relacionadas ao Professor, não passando de 5 categorias apontadas;
- Déjours (1992) destaca 10 categorias;
- Birman (1999) apresenta 07 categorias importantes;
- Zaragoza (1999) contempla 12 categorias no seu pensamento;
- Benedito (1995) expõe o maior número com 16 destaques; por fim,
- Trein e Rodrigues (2011) cerceiam em 8 categorias dentre as destacadas neste quadro.

As categorias mais recorrentes quantitativamente apresentadas por estes autores foram: Sofrimento (Freud, Déjours, Birman, Trein e Rodrigues), Insatisfação (Freud, Déjours, Zaragoza, Benedito), Depressões (Déjours, Birman, Zaragoza, Benedito), Silenciamento (Déjours, Zaragoza, Benedito), Ansiedades (Déjours, Zaragoza, Benedito) autores apresentados. Outras categorias se destacaram de forma mais amiúde, mas no geral delinea um quadro maior de explicativo do Mal-Estar Docente Universitário em sua constituição complexa e plural.

CAPÍTULO 2 MAL-ESTAR DOCENTE COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: BALANÇO BIBLIOGRÁFICO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA PARA A CONSTRUÇÃO E MEDIAÇÕES ENTRE O *CORPUS* TEÓRICO E O *CORPUS* EMPÍRICO DA PESQUISA

PRIVATIZADO

Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e seu direito de pensar.

É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão, seu salário.

E agora, não contente, querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento que só à humanidade pertence. (Bertold Brecht)

Neste capítulo propõe-se a elaborar um levantamento exploratório, cotejamento e organização das referências científicas encontradas nos selecionados veículos de divulgação científica no campo da Educação, mapeando o Mal-Estar Docente em suas variações descritivas. Essa temática tem sido investigada por diferentes campos do saber considerada sua ontologia em constituição, portanto herdeira e instituidora de diferentes abordagens na Educação, Psicologia, Administração, Sociologia etc. Optou-se por transitar no campo da educação escolar e explorar as suas contribuições teóricas e empíricas especificamente no campo da educação superior.

Lima e Miotto (2007) destacam que trabalhar com a pesquisa bibliográfica requer um movimento incansável de apreensão e compreensão do objeto a ser investigado. A pesquisa bibliográfica abrange um conjunto de procedimentos em busca de soluções em conformidade com o objeto de pesquisa, e por esse motivo não pode ser investigado de forma desordenada. A pesquisa precisa ter um processo contínuo e o pesquisador necessita entender que a busca pelo conhecimento teórico e prático deve ser permanente, ainda que sempre parcial.

Na pesquisa bibliográfica é importante definir e expor com clareza o método e os procedimentos metodológicos do trabalho ou da ação. Faz-se necessário também o detalhamento das fontes que envolveram o processo de investigação proposto. Como a metodologia é responsável pela opção teórica e acaba delineando o caminho para se compreender a realidade e o homem, umas das ações importantes do percurso metodológico é a definição do método de pesquisa.

Nesta dissertação, a base de investigação se fundamenta pelo método dialético, considerando-se que instiga desvelar as contradições e os conflitos intrínsecos das temáticas em suas dimensões externas (aparências) e internas (essência), num movimento histórico e político das relações entre a totalidade e a unidade, da dimensão filosófica dos conceitos lógicos que permeiam e revelam o objeto de investigação.

Este capítulo está organizado em duas partes que se integram, num movimento dialético tal como enunciado na *Introdução à Crítica da economia política*, de Karl Marx, publicada no final do século XIX, definido como um movimento ascensional do abstrato para o concreto, porque o concreto é a síntese de múltiplas determinações e essa relação abstrato-concreto-abstrato não pode ser linear, mas, sim, duas vias que se inter cruzam no pensamento.

2.1 LEVANTAMENTO E ORGANIZAÇÃO DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: APREENSÕES EM VEÍCULOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

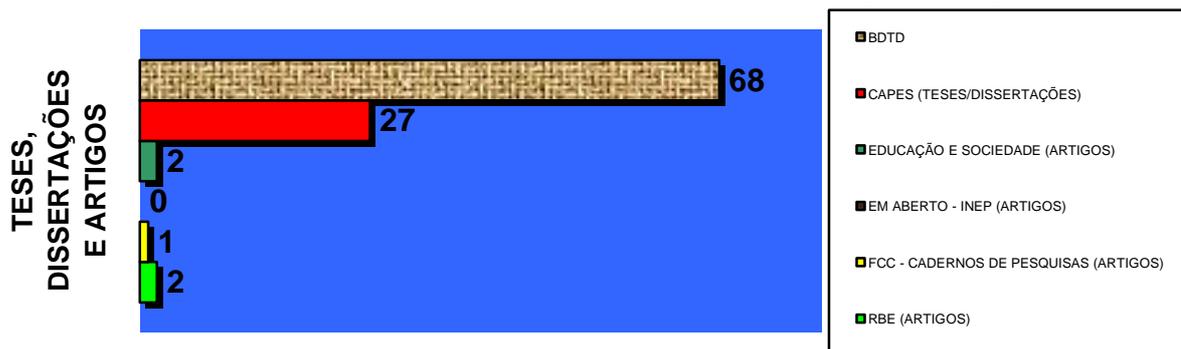
Busca-se nesta seção:

- levantar os trabalhos desenvolvidos nas modalidades Artigos Científicos, nas fontes *RBE*, *Cadernos de Pesquisa/FCC*, *Em Aberto/INEP* e *Educação & Sociedade/Cedes*, no período de 2000 a 2014;
- cotejar Teses e Dissertações sobre essa temática, nas fontes Domínio Público/Capes e BDTD, no período de 2000 a 2013, as quais abrigam trabalhos oriundos de várias áreas do conhecimento e contemplam estudos tanto na educação básica como na superior;
- elencar Teses e Dissertações, na fonte Capes, no período de 2012 a 2013, as quais abrigam trabalhos oriundos de várias áreas do conhecimento e contemplam estudos tanto na educação básica como na superior.

Um esboço introdutório de natureza quantitativa revelado pelo Gráfico 1 decorre de consulta-síntese feita no primeiro semestre de 2013. Ele mostra o

número de registros científicos publicados de acordo com cada descritor (Mal-estar Docente e o Mal-Estar Docente Universitário), seguindo as tipificações das modalidades de artigos, dissertações e teses. Neste gráfico, constata-se que o maior número das publicações encontra-se na Fonte Capes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

Gráfico 1: Levantamento de teses, dissertações e artigos divulgados em veículos de pesquisas no Brasil – Descritores: Mal-estar docente e Mal-estar docente Universitário (2000-2013)



Nota: dados secundários organizados pela pesquisadora. Data da consulta: início do ano de 2013.

A título de esclarecimento, as buscas iniciaram, primeiramente, em todos os artigos científicos registrados nas fontes selecionadas de divulgação de pesquisas no Brasil. Foram encontrados 5 artigos analisados nesse período das publicações. Em seguida, ao consultar cada veículo que divulgava teses e dissertações, procurou-se acessar a Capes, mas deparou-se com uma dificuldade no *site* onde o acesso ao trabalho completo não era permitido, pois somente os resumos eram disponíveis para pesquisas. Dessa maneira, os resumos de 115 trabalhos com seus respectivos títulos e autores foram consultados. Posteriormente, a Capes passou por um período de manutenção e registrou somente 27 trabalhos ligados ao Mal-Estar Docente, no campo da Educação Superior. Em seguida serão apresentados as referências e os registros dos veículos pesquisados em âmbito nacional.

2.1.1 Artigos Científicos, nas fontes *RBE*, *Cadernos de Pesquisa/FCC*, *Em Aberto/INEP* e *Educação & Sociedade/Cedes* – Descritores: Mal-Estar Docente, Mal-Estar Docente Universitário e Mal-Estar Docente no Ensino Superior (2000-2013).

- *RBE*

Segundo a apresentação descrita no *site* da RBE, é publicada quadrimestralmente pela Anped. Voltada à publicação de artigo acadêmico-científico, tem como público alvo professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação das áreas das ciências sociais e humanas, com as seguintes áreas de interesse: educação, educação básica, educação superior, política educacional, movimentos sociais e educação. Ao acessar a RBE, foram levantadas as publicações ocorridas no período compreendido entre o ano de 1995 (n.00) até 2013 (n.51), totalizando 55 revistas. Por meio de levantamento bibliográfico, procurou-se encontrar artigos alusivos às temáticas Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário.

- Artigos encontrados: 02 (Educação Superior)

No primeiro momento da consulta (final do primeiro semestre de 2013), foi identificado apenas um artigo com título O Mal-Estar na Academia – Produtivismo Científico, Fetichismo do Conhecimento/Mercadoria (TREIN; RODRIGUES, 2011).

No mês de maio de 2014, foi realizada nova consulta e encontrado outro artigo com o título Diálogo sobre Cientometria, Mal-Estar na Academia e a Polêmica do Produtivismo (VILACA; PALMA, 2013).

Observa-se que, embora seja um veículo de representação e abrangência nacional e internacional em termos da pesquisa e pós-graduação em educação, somente foram localizados dois artigos referentes à temática-objeto desta dissertação.

- *Cadernos de Pesquisas/ FCC*

Os *Cadernos de Pesquisas* da Fundação Carlos Chagas de São Paulo têm a periodicidade quadrimestral e visam divulgar as produções acadêmicas sobre

educação, gênero e etnia. Criados em 1971, veiculam amplo espectro interdisciplinar de temas emergentes de estudos e pesquisas que propiciam o debate de temas como trabalho, família, socialização de crianças, relações étnicas e de gênero.

- Artigo encontrado: 01 (Educação Básica)

Na primeira consulta realizada no segundo trimestre de 2013, não foi encontrado nenhum artigo relacionado ao Mal-Estar Docente. Já em maio de 2014, numa segunda consulta, foi identificado um artigo intitulado Professores, Desencanto com a Profissão e Abandono do Magistério (LAPO; BUENO, 2003).

Observa-se que, embora seja um veículo de representação e abrangência nacional e internacional em termos da pesquisa e em educação, somente foi localizado um artigo referente à temática-objeto desta dissertação.

- *Em Aberto/ INEP*

O periódico *Em Aberto* do INEP foi criado em 1981, com publicações irregulares de forma trimestral até o ano de 1996. O principal objetivo do periódico é de contribuir para diferentes discussões a respeito da educação no Brasil.

- Artigo encontrado: nenhum

Embora seja um veículo de representação e abrangência nacional e internacional em termos da pesquisa e pós-graduação em educação, não foi localizada qualquer publicação referente à temática objeto desta dissertação.

- *Educação & Sociedade/ Cedes*

A revista *Educação & Sociedade* é uma publicação do Cedes, com periodicidade quadrimestral. É reconhecida como uma das principais referências de periódicos e pesquisas publicadas no Brasil na área da educação. As primeiras publicações ocorreram em 1978, acolhendo trabalhos como artigos e resenhas na área de Ciência da Educação.

- Artigos encontrados: 02 (Educação Superior)

Diante de uma pesquisa realizada ainda no segundo trimestre de 2013, analisou-se a revista *Educação & Sociedade*, quadrimestral, partindo do ano XXI, número 70, de abril de 2000 até o ano de 2012 com o Vol. 33 nº. 118 jan/ mar 2012. Foram localizados dois artigos com os seguintes títulos: *Docência e Exaustão Emocional* (REIS; BORGES, 2006) e *De Fardos que Podem Acompanhar a Atividade Docente ou de como o Mestre Pode Devir Burro (ou Camelo)* (COSTA, 2005).

Observa-se que, embora seja um veículo de representação e abrangência nacional e internacional em termos da pesquisa e pós-graduação em educação, somente foram localizados dois artigos referentes à temática objeto desta dissertação.

2.1.2 Teses e Dissertações nas fontes Domínio Público/Capes e BDTD – Descritores: Mal-Estar Docente, Mal-Estar Docente Universitário e Mal-Estar Docente no Ensino Superior (2000-2013)

Trazidas para a discussão panorâmica sobre Mal-Estar, as contribuições de diversas orientações teóricas, nesta seção, busca-se também esboçar um panorama das teses e dissertações nas várias áreas do conhecimento, e não necessariamente na Educação, objetivando adentrar as diversas questões relacionadas ao Mal-Estar Docente, visando verticalizar as compreensões manifestas orientando-se em busca da seguinte questão: quais são as diferentes concepções que de fato caracterizam o mal-estar docente na educação superior brasileira contemporânea?

- *Domínio Público/Capes*
- Dissertações Encontradas: 11(Educação Básica)

A primeira fonte de consulta foi o banco de trabalho científicos do Domínio Público, localizado na página principal da Capes. Usando o marcador Mal-Estar

Docente, foram localizadas 11 dissertações descritas nas áreas do conhecimento da Psicologia e Educação, mediante acesso nos meses de junho a novembro de 2013 (APÊNDICE A).

- BDTD

Na consulta realizada em outubro de 2013 na BDTD utilizando o descritor Mal-Estar, deparou-se com mais de 500 trabalhos como teses e dissertações. Já com o descritor Mal-Estar Docente foram encontradas em torno de 68 trabalhos. Por fim, com o marcador Mal-Estar Docente Universitário foram encontrados 11 trabalhos, sendo 04 dissertações e 07 teses.

Dos trabalhos registrados na BDTD, observa-se que não existia uma identificação específica da área do conhecimento, ou seja, esse veículo de pesquisa não oferece a possibilidade de separar diferentes áreas do conhecimento como Educação, Psicologia, Sociologia e outros.

A alguns trabalhos não foi possível o acesso completo e outros não permitiam entrar nem no resumo principal. Contudo, a maioria das pesquisas foi analisada resumo por resumo e descrita em um quadro para fins analíticos. O primeiro levantamento refere-se às dissertações; já o segundo, às teses divulgadas na BDTD. Assim, optou-se por analisar os trabalhos a partir de dois níveis de ensino: educação básica e ensino superior.

- Dissertações encontradas na BDTD: 51 (04 Educação Superior)

Ao realizar a consulta usando o descritor Mal-Estar Docente, foram encontradas 51 dissertações ligadas à educação básica e 04 à superior (APÊNDICE B). De todos os trabalhos verificados, 13 não permitiram acessos completos, mas somente ao resumo básico disposto na página principal da BDTD. Portanto, segue a identificação das dissertações e seus respectivos autores no Quadro 4.

Quadro 4: Mapeamento das dissertações na BDTD – Descritor: Mal-Estar Docente Universitário (2000-2013)

ORD	TITULO	AUTOR	ANO
01	Bem-estar no trabalho entre docentes universitários: estudo de caso em uma IES pública.	Aline Luisa de Andrade Leal	2008 ADM
02	Um estudo das representações sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia	Sandro Prado Santos	2008 EDU
03	Impactos do teletrabalho nas atividades dos docentes do Senai	Jerusa Betina Schroeder	2007 ADM
04	Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos	Eduardo Soares Lucena	2010 GDR

Fonte: BDTD (2013).

Nota: a consulta foi feita de junho a novembro de 2013.

- Teses encontradas na BDTD: 17 (07 Educação Superior).

Dos 17 trabalhos disponíveis na BDTD, somente 10 referem-se ao Mal-Estar Docente na Educação Básica; as demais estão ligadas ao Ensino Superior (APÊNDICE C). Essa investigação partiu de um critério de análise verificando os resumos um a um para saber a origem e a área do conhecimento de cada trabalho. No entanto, diferentemente das dissertações, as teses disponíveis estavam liberadas para o acesso completo do trabalho.

Quadro 5: Mapeamento das Teses na BDTD. Descritor Mal-Estar Docente Universitário (2000-2014)

ORD	TITULO	AUTOR	ANO
01	Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e bem-estar dos professores que trabalham com EAD	Sueli Wolff Weber	2009 EDU
02	O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério	Josiane Peres Gonçalves	2009 EDU
03	O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública	Siderlene Muniz Oliveira	2011 LAEL
04	Estratégias de prevenção ao estresse ocupacional de professores do ensino superior privado	Everton Zambon	2014 EDU
05	Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias	Maria Vilani Cosme de Carvalho	2004 PSI
06	Flexibilidade: impactos nas relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo	Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida	2005 CIEN. SOC.
07	Aprender e ensinar na idade média: quando os jovens ocupam as duas dimensões do processo	Marta Lúcia de Souza Celino	2012 EDU

Fonte: BDTD (2013/2014).

Nota: a consulta foi feita de maio de 2013 a junho de 2014.

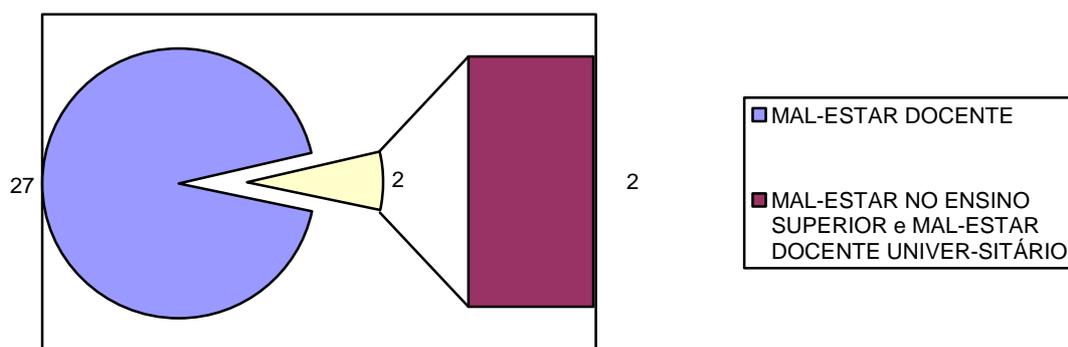
2.1.3 Teses e Dissertações do Mal-Estar Docente na Capes – Descritores: Mal – Estar Docente, Mal-Estar Docente Universitário e Mal-Estar Docente no Ensino Superior (2011-2012)

No levantamento dos trabalhos armazenados na Capes, foram encontradas, em 2013, mais de 109 teses e dissertações nas diferentes áreas do conhecimento correspondentes ao trabalho de investigação em pauta. No entanto, no mesmo período de agosto de 2013 a janeiro de 2014, o *site* da Capes entrou em manutenção e ficou sem acessibilidade, interrompendo, assim, o processo de levantamento desses dados.

A pesquisa do Gráfico 2 foi realizada no Banco de Teses da Capes, nos meses de abril e maio/2014, em que se encontram disponíveis somente trabalhos publicados nos anos de 2011 e 2012.

Quando inserimos o descritor Mal-Estar Docente, foram disponibilizados 27 registros (Apêndice D). Desse número de trabalhos, 25 dissertações são ligadas ao Mal-Estar Docente, 01 ao Mal-Estar Docente Universitário e 01 tese Mal-Estar no Ensino Superior). Os trabalhos são em diferentes áreas do conhecimento, sendo 17 da Educação, 04 da Psicologia, 01 da Administração, 01 do Direito, 01 da Linguística, 01 do Serviço Social, 01 das Ciências Sociais e Humanidades e também 01 da Sociologia. No entanto, o foco desta dissertação é a Educação Superior Contemporânea. Os demais referentes ao ensino superior, se somados, chegam a 02 trabalhos, sendo 01 elaborado no Mestrado e 01 no Doutorado.

Gráfico 2: Teses e Dissertações na Capes – Descritores: Mal-Estar Docente, Mal-Estar Docente Universitário e Mal-Estar no Ensino Superior (2004-2012)



Pode-se observar que a quantidade de trabalhos referentes ao Mal-Estar Docente Universitário é inferior aos demais relacionados à temática Mal-Estar Docente. O Quadro 6 mostra que, dos 27 trabalhos registrados com a temática Mal-Estar Docente, 2 são voltados para a Educação Superior, sendo 01 tese e 01 dissertação.

Quadro 6: Mapeamento das Teses e Dissertações – Descritores: Mal-Estar Docente, Mal-Estar no Ensino Superior (2011-2012)

ORD	TITULO	AUTOR	ANO
01	Psicanálise e Educação: o mal-estar do professor universitário na atualidade	Aline Cristina Anselmo	2011 (M) PSI
02	O Trabalho Representado do Professor de Pós-Graduação de uma Universidade Pública	Siderlene Muniz Oliveira	2011 (D) LING APL

Legenda: M = Mestrado; D=Doutorado.

Fonte: Capes (2014).

Nota: a consulta foi feita entre abril e maio de 2014.

Pode-se afirmar pelos levantamentos realizados nas fontes selecionadas para constituir a base empírico-documental bibliográfica desta investigação que os estudos acerca da temática Mal-Estar Docente são mais frequentes na educação básica que na superior. Infere-se, a princípio, a hipótese da existência de um certo silenciamento relacionado às pesquisas sobre o Mal-Estar Docente na educação superior.

As informações demonstraram que os estudos acerca do Mal-Estar Docente iniciaram-se, no Brasil, na década de 1980, depois de se constatar e reconhecer os malefícios nacionais de duas décadas de uma política de exceção levada a cabo pelo regime militar que marcou e estimulou a tendência tecnicista na educação assentada no behaviorismo americano.

Verifica-se também que são poucos os artigos divulgados, embora seja maior o número de dissertações e menor o número de teses publicadas. No entanto, quando se analisa a questão relacionada ao Mal-Estar Docente no Ensino Superior em relação aos outros descritores, surpreende-se com a reduzida existência de trabalhos como teses voltadas ao contexto da educação superior brasileira, apesar de o período compreendido das publicações registradas na Capes ser de 2011 a 2012.

Não se pode negar que, nas últimas décadas, tem havido uma insatisfação no campo da docência universitária e que os Professores estão enfrentando um mal-estar decorrente das novas configurações que neoliberalismo lhe impõe e que as instituições de educação superior brasileiras, em sua maioria privadas, precisam

adequar-se a isso. As condições de trabalho e de ensino na educação em geral e na superior, campo de estudo desta dissertação, a cada dia, estão mais denunciadas pela sua precariedade e qualidade.

Dados do MEC/INEP/Censos de Educação Superior Brasileira têm constatado a expansão de matrículas na rede privada ainda que se considerem louváveis os alcances sociais das políticas públicas federais e estaduais de expansão e democratização de acesso como as políticas de cotas, ENEM, PROUNI, etc. Uma dentre tantas outras questões a considerar refere-se à indagação de quais razões os pesquisadores não têm mirado os seus estudos com maior recorrência ao Mal-Estar Docente na educação superior brasileira.

2.2 ESTUDOS ACERCA DO MAL-ESTAR DOCENTE UNIVERSITÁRIO – REVELAÇÕES ACADÊMICAS: TÍTULOS, AUTORES, CATEGORIAS TEÓRICAS APREENDIDAS, APORTES ANALÍTICOS E PALAVRAS-CHAVE

Neste ponto da pesquisa, buscou-se entrecruzar apreensões referentes à temática Mal-Estar Docente Universitário, buscando aportes nos pensadores que discutem sobre esse tema e nas principais categorias descritas por eles. Nos Quadros 7 a 10, comparou-se o que dizem as pesquisas (2000-2013) em relação aos autores referenciados, bem como o conjunto de palavras recorrentes no decorrer do processo de investigação da respectiva temática.

Em um primeiro momento, analisou-se, de acordo com as fontes (revistas e teses/dissertações), todos os trabalhos (resumo por resumo) voltados à temática Mal-Estar Docente Universitário, destacando modalidade (mestrado ou doutorado), título, autor, ano, objetivo, autores referenciados, palavras-chave e conclusão descrita no resumo desta pesquisa.

Observou-se que, ao entrecruzar os pensamentos dos autores principais (primeiro capítulo) com as pesquisas realizadas entre 2000 e 2013, algumas aproximações estão presentes. Os autores mais referenciados nessas pesquisas foram Freud (2006), Zaragoza (1999) e Bardin (2004), sendo que os dois primeiros foram importantes na fundamentação desta pesquisa.

Um dado bastante interessante nos mostra que muitos trabalhos científicos no Brasil não registram os resumos nas plataformas de pesquisas com os dados necessários como objetivos, autores referenciados, conclusão e palavras-chave. E isso dificulta o processo de investigação no acesso, pois o pesquisador, ao entrar na plataforma, muitas vezes, não tem acesso ao trabalho completo.

Ao realizar um quadro comparativo das principais categorias Sofrimento, Insatisfação, Ansiedade, Silenciamento e Depressões aportadas por Zaragoza (1999), Benedito (1998) e Trein e Rodrigues (2011), observou-se que, nos resumos das fontes dos trabalhos científicos pesquisados no Brasil, os autores não fazem referências às palavras em destaque. No entanto, alguns desses pensadores são referenciados nos trabalhos.

Segue abaixo um levantamento dos trabalhos voltados ao “Mal-Estar Docente na Educação Superior”, apreendidos nas plataformas de pesquisas em fontes e modalidades variadas como artigos, dissertações e teses.

Quadro 7: Levantamento integrado dos artigos, teses e dissertações registradas nos principais veículos de publicações brasileiras com a temática mal-estar docente (2000-2014)

ORD.	FONTES/MODALIDADES	TITULOS	AUTORES/ANO	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE
01	<i>RBE</i> (2000-2013) - artigos e ensaios Acesso de junho a novembro de 2013.	-O mal-estar na academia: produtivismo científico, fetichismo do conhecimento/mercadoria. -Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo.	Trein e Rodrigues (2011) Vilaca e Palma (2013)	Freud (1865-1939), Marx (1864-1920) NADA CONSTA.	Mal-estar na academia; produtivismo. NADA CONSTA.
	<i>Cadernos de Pesquisa/FCC</i> (2000-2013) - Artigos Acesso de junho a novembro de 2013.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.
	<i>Em Aberto/MEC/Inep</i> (2000-2013) - Artigos Acesso de junho a novembro de 2013	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.
	<i>Educação & Sociedade</i> (2000-2013) - Artigos Acesso de junho a novembro de 2013.	- Docência e Exaustão Emocional (REIS; BORGES, 2006); - De Fardos que Podem Acompanhar a Atividade Docente ou de como o Mestre	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.

		Pode Devir Burro (ou Camelo) (COSTA, 2005).			
02	<i>Domínio Público/ Capes (2000-2013)</i> - Dissertações Acesso de junho a novembro de 2013.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.
03	BDTD (2000-2013) -Dissertações Acesso de junho a novembro de 2013.	-Bem-estar no trabalho entre docentes universitários: estudo de caso em uma IES pública	Aline Luisa de Andrade Leal	NADA CONSTA.	NADA CONSTA.
		-Um estudo das representações sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia	Sandro Prado Santos (2008)	NADA CONSTA.	Trabalho docente. Representação social. Formação de professores.
		-Impactos do teletrabalho nas atividades dos docentes do Senai	Jerusa Betina Schroeder (2007)	NADA CONSTA.	Trabalho. Professor. Teletrabalho.
		-Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos.	Eduardo Soares Lucena	NADA CONSTA.	Estresse ocupacional. Cultura organizacional. Professores.
	BDTD (2000-2014) -Teses Acesso em maio de 2013 a junho de 2014.	-Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e bem-estar dos professores que trabalham com EAD	Sueli Wolff Weber (2009)	Esteve (1999) e Jesus (2002), Mosquera e Stobäus (2005), Bardin (2004).	Mal-Estar. Bem-Estar. Educação Presencial. Educação a Distância. Docência a Distância. Trabalho Solitário.

		<p>-O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública</p> <p>-Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias</p> <p>-Flexibilidade: impactos nas relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo</p> <p>-Aprender e ensinar na idade média: quando os jovens ocupam as duas dimensões do processo</p>	<p>Siderlene Muniz Oliveira (2011)</p> <p>Maria Vilani Cosme de Carvalho (2004)</p> <p>Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida (2005)</p> <p>Marta Lúcia de Souza Celino (2012)</p>	<p>NADA CONSTA.</p> <p>Habermas, Berger e Luckmann</p> <p>Não cita autores.</p> <p>Amorim (2002; 2004), Jobim e Souza (1995; 2011), Bakhtin (1981; 2003), Levy (1993; 1996; 1999), Lemos (2007; 2011), Primo (2008), Santela (2003; 2004), Cavalcanti e Nepomuceno (2007), Veen e Vrankking (2009), Bonilla (2009; 2011), Pretto (1996; 1999; 2002; 2008).</p>	<p>Educação. Estresse ocupacional. Carreira docente. Psicologia Positiva. Bem-estar docente.</p> <p>Não define palavra-chave.</p> <p>Não define palavra-chave.</p> <p>Aprender e ensinar. Idade média. TIC. Jovens. Professores.</p>
--	--	---	---	--	--

		-Formação de professores de história, práticas e discursos de si	Rodrigo Lemos Simões (2013)	Não cita autores.	Educação Superior. Ensino de História. Estágios Supervisionados. Mal-estar/bem-estar docente.
04	Capes (2011-2012) -Dissertações Acesso em maio de 2014.	-Psicanálise e educação: o mal-estar do professor universitário na atualidade	Aline Cristina Anselmo (2011)	Explora a teoria freudiana.	Psicanálise e Educação. Trabalho Docente. Ensino Superior.
	Capes (2011-2012) -Teses Acesso em maio de 2014.	-O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública	Siderlene Muniz Oliveira (2011)	Não referenciam no resumo.	Trabalho docente. Pós-graduação. Representações.

Quadro 8: As principais categorias apreendidas dos pensadores que abordaram o mal-estar docente na educação superior

CATEGORIAS	AUTORES/PENSADORES			
	ZARAGOZA	BENEDITO	TREIN e RODRIGUES	TOTAL
1 – SOFRIMENTO	NADA CONSTA	NADA CONSTA	X	1
2 – INSATISFAÇÃO	X	X	NADA CONSTA.	2
3 – ANSIEDADE	X	X	NADA CONSTA.	2
4 – SILENCIAMENTO	X	X	NADA CONSTA.	2
5 – DEPRESSÕES	X	X	NADA CONSTA.	2

Quadro 9: Os autores referenciados nas publicações analisadas

ORD.	FONTES/MODALIDADES	TITULOS/ AUTORES/ANO	AUTORES REFERENCIADOS
01	RBE (2000-2013) - Artigos e ensaio Acesso de junho a novembro de 2013.	-O mal-estar na academia: produtivismo científico, fetichismo do conhecimento/mercadoria – Trein e Rodrigues (2011) -Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo – Vilaca e Palma (2013)	Freud (1865-1939), Marx (1864-1920) NADA CONSTA.
02	BDTD (2000-2013) -Dissertações Acesso de junho a novembro de 2013.	-Bem-estar no trabalho entre docentes universitários: estudo de caso em uma IES pública – Aline Luisa de Andrade Leal (2008) -Um estudo das representações sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia – Sandro Prado Santos (2008) -Impactos do teletrabalho nas atividades dos docentes do Senai – Jerusa Betina Schroeder (2007) -Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos – Eduardo Soares Lucena (2010)	NADA CONSTA. NADA CONSTA. NADA CONSTA. NADA CONSTA

	<p>BDTD (2000-2014)</p> <p>-Teses</p> <p>Acesso de maio de 2013 a junho de 2014.</p>	<p>-Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e bem-estar dos professores que trabalham com EAD – Sueli Wolff Weber (2009)</p> <p>-O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública – Siderlene Muniz Oliveira (2011)</p> <p>-Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias – Maria Vilani Cosme de Carvalho (2004)</p> <p>-Flexibilidade: impactos nas relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo – Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida (2005)</p> <p>-Aprender e ensinar na idade média: quando os jovens ocupam as duas dimensões do processo – Marta Lúcia de Souza Celino (2012)</p> <p>-Formação de professores de história, práticas e discursos de si – Rodrigo Lemos Simões (2013)</p>	<p>Esteve (1999), Jesus (2002), Mosquera e Stobäus (2005) e Bardin (2004).</p> <p>NADA CONSTA.</p> <p>Habermas, Berger e Luckmann</p> <p>Não cita autores.</p> <p>Amorim (2002; 2004), Jobim e Souza (1995; 2011), Bakhtin (1981; 2003), Levy (1993; 1996; 1999), Lemos (2007; 2011), Primo (2008), Santela (2003; 2004), Cavalcanti e Nepomuceno (2007), Veen e Vrankking (2009), Bonilla (2009; 2011), Pretto (1996; 1999; 2002; 2008).</p> <p>Não cita autores.</p>
03	<p>CAPES (2011-2012)</p> <p>-DISSERTAÇÕES</p>	<p>-Psicanálise e educação: o mal-estar do professor universitário na atualidade – Aline Cristina Anselmo (2011)</p>	<p>Explora a teoria freudiana.</p>

	Acesso em maio 2014		
	CAPES (2011-2012) -TESES Acesso em maio 2014	-O Trabalho Representado do Professor de Pós-Graduação de Uma Universidade Pública – Siderlene Muniz Oliveira (2011)	NÃO REFERENCIARAM NO RESUMO.

Quadro 10: As palavras-chave referenciadas nas publicações analisadas

ORD.	FONTES/MODALIDADES	TITULOS/ AUTORES/ANO	PALAVRAS-CHAVE
01	RBE (2000-2013) - Artigos e ensaio Acesso de junho a novembro de 2013.	-O mal-estar na academia: produtivismo científico, fetichismo do conhecimento/mercadoria – Trein e Rodrigues (2011) -Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo – Vilaca e Palma (2013) [ensaio]	Mal-estar na academia. Produtivismo. NADA CONSTA.
02	BDTD (2000-2013) -Dissertações Acesso de junho a novembro de 2013.	Bem-estar no trabalho entre docentes universitários: estudo de caso em uma IES pública – Aline Luisa de Andrade Leal (2008) -Um estudo das representações sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia – Sandro Prado Santos (2008) -Impactos do teletrabalho nas atividades dos docentes do Senai – Jerusa Betina Schroeder (2007) -Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos – Eduardo Soares Lucena (2010)	NADA CONSTA. Trabalho docente. Representação social. Formação de professores. Trabalho. Professor. Teletrabalho. Estresse ocupacional. Cultura organizacional. Professores.
	BDTD (2000-2014) -Teses Acesso de maio de 2013 a junho de 2014.	- Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e bem-estar dos professores que trabalham com EAD – Sueli Wolff Weber (2009)	Mal-Estar. Bem-Estar. Educação Presencial. Educação a Distância. Docência a Distância. Trabalho Solidário.

		<p>-O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública – Siderlene Muniz Oliveira (2011)</p> <p>-Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias – Maria Vilani Cosme de Carvalho (2004)</p> <p>-Flexibilidade: impactos nas relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo – Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida (2005)</p> <p>-Aprender e ensinar na idade média: quando os jovens ocupam as duas dimensões do processo – Marta Lúcia de Souza Celino (2012)</p> <p>-Formação de professores de história: práticas e discursos de si – Rodrigo Lemos Simões (2013)</p>	<p>Educação. Estresse ocupacional. Carreira docente. Psicologia positiva. Bem-estar docente.</p> <p>Não define palavra-chave.</p> <p>Não define palavra-chave.</p> <p>Aprender e ensinar. Idade média. TIC. Jovens. Professores.</p> <p>Educação Superior. Ensino de História. Estágios Supervisionados. Mal-estar/bem-estar docente.</p>
03	<p>CAPES (2011-2012) -Dissertações</p> <p>Acesso em maio 2014.</p>	<p>-Psicanálise e educação: o mal-estar do professor universitário na atualidade – Aline Cristina Anselmo (2011)</p>	<p>Psicanálise e Educação. Trabalho Docente. Ensino Superior.</p>
	<p>Capes (2011-2012) -Teses</p> <p>Acesso em maio 2014.</p>	<p>-O Trabalho Representado do Professor de Pós-Graduação de Uma Universidade Pública. Siderlene Muniz Oliveira/2011.</p>	<p>Trabalho docente, pós-graduação, representações.</p>

As formulações dos autores referendados possibilitaram a compreensão de que o Mal-Estar Docente na Educação Superior se inscreve nos complexos processos de transformações e afirmações capitalistas que descredenciam o projeto de civilização moderna empurrando o profissional para a globalização neoliberal dependente.

Nos últimos trinta anos no Brasil, a educação escolar, em todos os seus níveis e modalidades, tem sofrido imposições econômicas e políticas que a distanciam de uma perspectiva de emancipação. Isso, porém, não significa que seja possível ela se “asilar”.

O Professor tem sido obrigado a se equilibrar conflitos. Precisam constantemente se recompor no processo social em busca de espaços em que possam vê-lo como um profissional valorizado em todos os aspectos. No entanto, vive-se em uma sociedade capitalista que visa o progresso e desenvolvimento da economia, às custas dos trabalhadores, penalizando-os às mais duras penas de trabalho. Como o próprio Freud (2006) cita, o caminho e a procura do homem pela felicidade plena (ideal da ideologia iluminista) tornam-se árduos, e o processo de adoecimento físico, psicológico, social e relacional é inevitável.

Os sintomas do Mal-Estar Docente se apresentam a todos os Professores de diferentes níveis de ensino, seja mais intenso na educação básica ou em menor expressão na educação superior. Dessa forma, entende-se que todos os Professores estão sujeitos às manifestações sintomáticas desse mal-estar.

No entanto, sabe-se que para Professores que lidam mais diretamente com o processo de ensino e aprendizagem o mal-estar podem ser mais evidentes por resultar em grandes insatisfações. Entretanto, segundo esta pesquisa, os sintomas negativos ao longo do processo de trabalho dos docentes podem desencadear diferentes tipos de incômodos como angústias, depressões, tensões e manifestações psicopatológicas, além de descontentamentos em relação ao contexto social e laboral.

Apesar de os oito autores escolhidos – dentre outros, Weber (1989), Freud (2006), Déjourns (1992), Birman (1999), Zaragoza (1999), Benedito (1995) e Trein e Rodrigues (2011) – abordarem o assunto Mal-Estar de diferentes perspectivas, estabelecem aproximações e diferenças importantes no decorrer de suas respectivas pesquisas.

Zaragoza (1999) destaca as tensões/sofrimentos dos professores diante das conturbadas mudanças e cobranças sociais ante um sistema de ensino massificado que não atende as novas demandas sociais e que não oferece condições básicas para o cumprimento do trabalho pedagógico, levando-os a depressões e angústias profissionais.

Por outro lado, é importante destacar que Benedito (1995) ressalta, com bastante propriedade, sobre as tensões e os sofrimentos dos professores ao resistir às mudanças impostas pela sociedade e pela IES. É importante destacar que esse autor revela uma alta competitividade entre os docentes e uma falta de colaboração coletiva nos departamentos universitários, levando os professores a angústias, depressões e outros males.

Trein e Rodrigues (2011) levam a pessoa a refletir sobre a competitividade gerada pelo produtivismo científico na academia universitária, sobrecarregando os docentes com cobranças por publicações em números elevados, levando-os a diversas angústias, desprazeres profissionais e pessoais.

Nota-se que ambos os autores preocupam-se com o desenvolvimento profissional do professor e, acima de tudo, com o bem-estar desses profissionais. É importante compreender intrinsecamente o mal-estar docente e, com base nesse conhecimento, construir um legítimo significado que revele toda artimanha do poder hegemônico arbitrário da sociedade, que acaba influenciando negativamente no desenvolvimento profissional dos professores deste país.

Diante dos problemas ressaltados, impõe-se refletir sobre o aprofundamento do cenário do Mal-Estar Social e suas formas de enfrentamento. Aponta para novas reformulações necessárias na formação inicial e continuada do professorado que possibilitem ao professor enfrentar as diferentes demandas sociais com segurança e propriedade do conhecimento das causas existentes. Propõe buscar e desenvolver processos de formação permanente com os professores em “exercícios”, para que possam atuar com segurança, criatividade, disposição e colaboração em grupo.

De fato, este Mal-Estar Social é vivido por todos nós. A ênfase é dada aos docentes universitários cujas pesquisas denunciam os desgastes decorrentes das modificações do trabalho, seu ritmo e seus produtos em escala acelerada: o produtivismo acadêmico, Mal-Estar pelo desencantamento com o trabalho não reconhecido e valorizado, com o descaso das autoridades políticas e com o próprio sentido de educação e seu papel em âmbito social.

Dessa forma, verifica-se que a educação superior brasileira tem sofrido, sobremaneira, os efeitos das transformações operadas nas relações do capital-trabalho, colocando o Professor na condição de trabalhador flexível, condições precárias, jornadas intensas, cobranças abusivas sobre o ensino, a pesquisa e a extensão com o discurso da ênfase aos resultados metricamente quantificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A PROPÓSITO DOS ENTRE SILÊNCIOS E SILENCIAMENTOS ALUSIVOS AO Mal-Estar Docente Universitário COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: ao ouvir os sinos não se pergunte por quem eles dobram! Sofrimento, insatisfação, depressões, silenciamentos e ansiedades são sinais de que eles se dobram para todos nós Professores!

No processo de construção do objeto desta investigação, foram definidas as seguintes questões orientadoras:

- a) o que está sendo nomeado como Mal-Estar Docente Universitário?
- b) quais produções acadêmicas no campo da educação no Brasil abordam esta temática investigativa?
- c) o que revelam as produções encontradas?
- d) quais referências teóricas têm embasado os estudos desta temática?

De imediato, torna-se necessário reconhecer que esta temática tem sido investigada por múltiplos olhares das ciências humanas e sociais aplicadas, o que significa afirmar não ser de exclusividade nem mesmo prioridade da área da educação superior brasileira, foco desta abordagem.

No entanto, com a investigação sobre o Mal-Estar Docente, vislumbrou-se trilhar por estudos, pesquisas e análises no campo da Educação para apreensões advindas dos estudos alusivos ao Ensino Superior Brasileiro. Revelou ainda, mediante recorte e opções metodológicas, um número muito reduzido de estudos que abordassem O Mal-Estar Docente na Educação Superior, permitindo afirmar que é subjetivamente uma manifestação ou sintoma contido, latente e, acima de tudo, silenciado por muitos por diferentes fatores de silenciamento que esta pesquisa não pretendeu adentrar.

Como uma manifestação na educação contemporânea, não se pode ignorar que historicamente a própria sociedade moderna de feição iluminista nasceu escamoteando as contradições de classe e a alienação do trabalho, procedida do desencantamento perante seus processos de burocratização e distanciamento da felicidade prometida para todos. Weber (1864-1920) sinalizou, em alguns escritos, o quanto a humanidade se sentia sufocada por viver em um mundo fundamentalmente

superficial e abstrato, e que a condição de homem livre o submetia a uma servidão involuntária.

Nesse aspecto Freud (2006) também é um pensador estruturalmente indispensável para explicar o mundo após a Primeira Guerra Mundial e o avanço do nazi-fazcismo da Europa, um momento político capaz de sequestrar, controlar e disciplinar a liberdade, o trabalho e a razão de viver a condição humana. Analisa com muita profundidade nesta conjuntura em “guerra”, no campo psicanalítico, esse Mal-Estar que a civilização estava enfrentando. Diante disso, no elo da modernização, o processo de globalização e suas demandas neoliberais, posteriormente, acabaram consolidando ainda mais os problemas e as desigualdades sociais que avassalam até hoje as civilizações.

No contexto contemporâneo, muitos Professores, imbuídos por importantes conquistas pleiteadas e alcançadas nesses últimos tempos, acabam se desdobrando para cumprir as responsabilidades dadas aos seus ofícios e se perdem em um processo de exploração, individualismo, desrespeito com trabalho e desvalorização com uma profissão que deveria ser importante para a formação humana.

Nesse quadrante histórico contemporâneo, esta pesquisa visou compreender o sentido de se investigar esse Mal-Estar Docente na Educação Superior no Brasil. Os dados encontrados evidenciaram que os olhares e as pesquisas voltados ao Mal-Estar do Docente Universitário são reduzidos.

Os Docentes Universitários, em especial as maiorias que exercem seu ofício na rede privada em instituições não-universitárias (isoladas), mesmo enfrentando as semelhantes dificuldades em que os demais docentes da Educação Básica, em termos de exploração, falta de democracia e autonomia profissional, estão submetidos a condições de trabalho que os têm levado a manifestação dos sintomas inerentes ao Mal-Estar subjetivamente expressos como Sofrimento (Freud, Déjours, Birman, Trein e Rodrigues), Insatisfação (Freud, Déjours, Zaragoza, Benedito), Depressões (Déjours, Birman, Zaragoza, Benedito), Silenciamento (Déjours, Zaragoza, Benedito), Ansiedades (Déjours, Zaragoza, Benedito). Outros sintomas se destacaram de forma mais amiúde, mas, no geral, delineia um quadro maior explicativo do Mal-Estar Docente Universitário em sua constituição complexa e plural.

As principais produções acadêmicas no campo da educação no Brasil que abordam o Mal-Estar Docente na Educação Superior Brasileira estão no formato científico das teses e dissertações.

Observou-se que, mesmo recorrendo as mais importantes revistas científicas do país, não apreendem-se pesquisas recorrentes que apresentem o tema deste estudo. Perpassando pelos artigos científicos, depara-se com somente 2 registros. No âmbito das teses e dissertações, também não foi encontrado um número significativo de pesquisas científicas que fale a respeito da temática abordada, nem mesmo na Capes, em seu Banco de Dados Central. Das pesquisas realizadas, observou-se que o número de trabalhos é maior quando o assunto está ligado ao Mal-Estar Docente, alargando-o para todos os níveis da escolarização e bem reduzido quando a temática é Mal-Estar Docente na Educação Superior.

As pesquisas e produções encontradas revelaram estar inseridas em uma diversidade de áreas do conhecimento como a Psicanálise, a Sociologia, a Psicologia e a Administração e a Educação, num gesto investigativo e relevante para a necessária importância de analisar e compreender esses sintomas que afetam não somente o Professor da Educação Básica, mas também o Professor do Ensino Superior.

As referências teóricas consideradas paradigmáticas nesta pesquisa, como as de Marx, Weber, Freud, Zaragoza e Benedito embasam, em graus diversos, os vários estudos ligados à questão do Mal-Estar Docente Universitário, pois reconhecem que o trabalho docente também se insere no quadro neoliberal de precarização e alienação.

A mercantilização que transita, atualmente, a Educação Superior é latente, competitiva e pressionadora, tal como o sistema neoliberal que a comanda. Exige cada vez mais do Professor que, além das demandas no âmbito universitário, precisa se preocupar em apresentar volumes inchados aos financiadores (empresas) de pesquisas que, muitas vezes, são encomendadas para atender uma finalidade política/econômica.

Assim, percebe-se a necessidade de debater e ampliar as discussões relacionadas aos desafios enfrentados pelos docentes. O Professor precisa ser reconhecido e valorizado no Brasil, assim como o conhecimento não pode continuar ser tratado como uma mera mercadoria a serviço da política, economia e demais máquinas que trabalham para uma sociedade produtiva.

O conhecimento pode ser um dos instrumentos de mudança da sociedade, no entanto, o homem precisa se livrar das amarras opressoras sociais, das regulações que o impede de pensar e criar livremente contribuindo para o avanço de ciência socialmente comprometida, com rigor e criatividade rumo à construção de um mundo melhor, justo e humano.

No entanto, sabe-se que muitos docentes, além de serem explorados em seus processos de trabalho, sofrem todo tipo de opressão, de classe ao seu ofício, regulados pelas próprias políticas públicas de avaliação externas submetidas à lógica da reprodução do capital e de seus processos de precarização e terceirização do trabalho.

A predominância das palavras-chave constantes dos trabalhos existentes acerca do Mal-Estar Docente na Educação Superior – Mal-estar na Academia, Trabalho Docente, Precarização, Estresse Ocupacional, Trabalho Solitário, Carreira Docente, Produtivismo, Cultura Organizacional, Mal-Estar/Bem-Estar – aponta para o campo do trabalho docente o território subjetivo e objetivo originários deste Mal-Estar Social, nos últimos tempos, corroendo e comprometendo a condição humana do ofício professoral universitário.

As suas perspectivas de superação têm um caráter de classe como emancipação, portanto, não se encerra sob os ombros individuais e solitários dos professores, considerando-se que suas raízes não são geradas pela educação, mas, nela têm encontrado solo fértil para a sua reprodução na qual há individualismo e competitividade. Se para os professores de maior idade essas características pouco alvissareiras são provas de que a educação superior brasileira contemporânea está sucateada e cartorializada, para os jovens professores vive-se tempos de mudanças e inovações.

Sem sombra de dúvida vive-se um momento conjuntural e estrutural de muitos Mal-Estares. Ao definir como objeto desta dissertação o Mal-Estar Docente na Educação Superior Brasileira Contemporânea, apreendeu-se uma configuração de tantas outras existentes cujas raízes constitutivas estruturalmente são as mesmas.

Contudo, existem muitos véus para o seu ocultamento, mesmo porque os estados de sofrimentos, medo, ansiedades, depressões tendem a ser também individualizados, portanto, silenciados à luz de todas as formas de regulação, controle e disciplinamento do corpo e do espírito.

É preciso estimular a realização de pesquisas científicas capazes de descortinar as razões e condições sobre as quais manifestam esses estados de mal-estar, especialmente na educação superior, a qual também, organicamente, relaciona-se com o campo científico produtor de saberes, verdades e práticas social e culturalmente legítimas.

Diante dessas considerações, encerra-se este trabalho de pesquisa ciente da necessidade de que outros ainda virão, na perspectiva compreensiva de descrever e explicitar os problemas relacionados ao Mal-Estar Docente na educação Superior, estimulando debates, reflexões e, quiçá, um incômodo necessário à não aceitação das condições que se impõem de forma tão natural, tão ideologizada de que os tempos atuais exigem “mudanças e inovações”!

Que esta pesquisa possa contribuir para discussões fundamentais, mas contraditoriamente pouco abordadas atualmente para o aprimoramento, extensão dos debates e melhoramento das condições do trabalho do Professor Universitário, indispensáveis para o seu reconhecimento de sua condição de Humano e Profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lúcio Flávio Rodrigues de. **Flexibilidade**: impactos nas relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo. 2005. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8512>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

ANSELMO, Aline Cristina. **Psicanálise e educação**: o mal-estar do professor universitário na atualidade. 2011. 97 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2011/03/Trabalho-de-Disserta%C3%A7%C3%A3o-Aline-Cristina-Anselmo.pdf>>. Acesso em: abril/maio de 2014.

BALDINO, José M. **Educação Superior no Brasil: Considerações a propósito da formação do professor universitário**. Revista Educativa. Goiânia, 2001. p. 81-98.

BENEDITO, Vicente et al. El professorado universitario: caracterización de la docência , de la investigación y de la gestión. In: _____. **La formación universitaria a debate**. Barcelona; Universidade de Barcelona, 1995.

BDTD: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://bdttd.ibict.br/>>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRECHT, B. Privatizando. In: A. Citelli. Bertold Brecht: comunicação, poesia e revolução. **Comunicação & Educação**. [online]. v. 12, n. 2, p. 109- 112, 2007.

Disponível em: <file:///C:/Users/MARIA%20JOSE/Downloads/37645-44243-1-PB.pdf>. Acesso em: dez. de 2014.

CADERNOS DE PESQUISA. Fundação Carlos Chagas, SP. e-ISSN 1980-5314
ISSN 0100/1574. Disponível em:
<http://www.fcc.org.br/biblioteca/apresenta_cadernos.php?area=publicacoes>.
Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. **Histórias de ser e fazer-se educador:** desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias. 2004. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em:
<http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8467>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

CEDES- BRASIL. **Centro de Estudos Educação e Sociedade.** ISSN 0101-7330.

CELINO, Marta Lúcia de Souza. **Aprender e ensinar na idade média:** quando os jovens ocupam as duas dimensões do processo. 2012. 162 fls. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em:
<http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5306>. Acesso: maio 2013 a jun. 2014.

CHAVES, Sandramara Matias; TIBALLI, Elianda F. Arantes (Orgs). Concepções e práticas em formação de professores. In: MARIN, Junqueira Alda. **Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COELHO, Ildeu Moreira. A universidade, o saber e o ensino em questão. In: VEIGA, Ilma Alencastro; NAVES, Marisa Lomônaco de Paula (Orgs.). **Currículo e avaliação na educação superior.** Araraquara: Junqueira e Marin, 2005. p. 53-77.

COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1257-1272, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27278.pdf>>. Acesso em: jun. a nov. 2013.

CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Formatos avaliativos e concepções de docência**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DÉJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DÉJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5 ed. Ampliada. São Paulo: Cortez; Oboré, 1992.

DIAS SOBRINHO, José. **Pós-graduação, escola de formação para o magistério superior**. São Paulo: Edunesp, 1998.

DOMÍNIO PÚBLICO- BRASIL.MEC/**CAPES**. Teses e Dissertações. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.jsp>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

DOURADO, Luiz F. A reforma do estado e as políticas de formação de professores nos anos 1990. In: DOURADO, Luiz F.; PARO, Vitor Henrique (Org.). **Políticas públicas e educação básica**. São Paulo: Xamã, 2001.

ENCICLOPÉDIA DE PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA. **Glossário** v. 2; INEP 2006. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7BC6B9C92D-C712-4849-A0E3-FC2AFEEC7828%7D_livro%20glossario%20eetr.pdf>. Acesso em: out. 2013.

EM ABERTO-BRASIL. MEC-INEP. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/index>>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

FRIGOTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1997. p.69-90.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1929/1930]. In: **OBRAS psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. XXI. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B8v764iXFuwaM0F2SGdaQk9HUHM/edit>>. Acesso em: jul./2013.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos**: a dialética entre perguntas e respostas. Chapecó: Argos, 2013.

GONÇALVES, Josiane Peres. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. 233 fls. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2661/1/000412611-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso: maio 2013 a jun. 2014.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores**: saberes, identidade e profissão. Campinas: Papirus, 2004.

ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar. **Desafios à docência superior**: pressupostos a considerar. Brasília: INEP, 2006. p. 65-86 (Educação Superior em Debate, v. 5).

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cad. Pesqui.** [online]. n.118, p. 65-88, 2003. ISSN 0100-1574. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742003000100004>>. Acesso: jun. a nov. 2013.

LEAL, Aline Luisa de Andrade. **Bem-estar no trabalho entre docentes universitários: estudo de caso em uma IES pública.** 2008. 92 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8054>>. Acesso: jun. a nov. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** São Paulo: Cortez, 2003.

LUCENA, Eduardo Soares. **Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos.** 2010. 149 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Taubaté. Disponível em: <http://www.bdt.d.unitau.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=538>. Acesso: jun. a nov. 2013.

MOROSINI, Marília Costa (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação.** Brasília: INEP, 2000.

BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro. O desencantamento do mundo e sua relação com a educação moderna. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 15, n. 28, p. 135-152, jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, Siderlene Muniz. **O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública.** 2011. 239 fls. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12846>. Acesso em: maio 2013/ jun. 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas profissão docente e formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997. (Perspectivas Sociológicas).

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Edusp; Ed. 34, 2003.

PIMENTA, Selma G. **Ensino superior**: finalidades. São Paulo: Cortez, 2002.

RBE: Revista Brasileira de Educação. ANPED. ISSN 1809-449X versão online. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/rbe/sobre-a-rbe>>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

REIS, Eduardo J. F. Borges. Docência e exaustão emocional. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a12v27n94.pdf>>. Acesso: jun. a nov. 2013.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007

SANTOS, Sandro Prado. **Um estudo das representações sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia**. 2008. 168 fls. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1030/1/EstudoRepresentacoesSociais.pdf>>. Acesso em: jun. a nov. 2013.

SERBINO, Raquel Volpato (Orgs.). Formação de professores. In: SOBRINHO DIAS, José. **Pós-graduação, escola de formação para o magistério superior**. São Paulo: Edunesp, 1998.

SCHROEDER, Jerusa Betina. **Impactos do teletrabalho nas atividades dos docentes do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)**. U. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional de Blumenau. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: jun. a nov. 2013.

SOUZA, Paulo N. P. **LDB e educação superior (estrutura e funcionamento)**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

TREIN, Eunice; RODRIGUES, José. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 769-819, set./dez. 2011.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SOUSA, Sandra Zákia. A Revista Brasileira de Educação e a difusão da pesquisa educacional (2007-2011). **Revista Brasileira de Educação** [online]. v.17, n. 50, p. 463-482, 2012. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782012000200011>>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

VILACA, Murilo Mariano; PALMA, Alexandre. Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a polêmica do produtivismo. **Rev. Bras. Educ.** [online]. v.18, n. 53, p. 467-484, 2013, ISSN 1413-2478 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000200013&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: jun. a nov. de 2013.

WEBER, Sueli Wolff. **Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e bem-estar dos professores que trabalham com EAD**. 2009. 174 fls. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2744/1/000412047-Texto%2BCompleto-0.pdf>>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

ZAMBON, Everton. **Estratégias de prevenção ao estresse ocupacional de professores do ensino superior privado**. 2014. 132 fls. Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5692/1/000455710-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: maio 2013 a jun. 2014.

ZARAGOZA, Manuel Esteve. **O mal- estar docente – a sala de aula e a saúde dos professores.** São Paulo: EDUSC, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A: Mapeamento de Dissertações. Descritor: Mal-Estar Docente (2000-2013)

ORD	TITULO	AUTOR	ANO
01	Contribuições da psicanálise a uma leitura do mal-estar docente na Rede Municipal de Ensino em Olinda	Ana Cristina Emerenciano Alcoforado Fonsêca	2009 PSI
02	Escola pública: bem-estar docente, mal-estar docente e gênero	Cecy Maria Martins Marimon Goncalves	2008 EDU
03	Formação de professores: identidade e mal-estar docente	Camila Alberto Vicente de Oliveira	2006 EDU
04	Múltiplos olhares sobre o mal-estar e o bem-estar docente em uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre	Katia Maria Britto	2008 EDU
05	Narrativas de professores sobre o mal-estar docente	Jussara Morandini Strehl	2010 EDU
06	O bem-estar na docência: o cuidado de si através da arte	Anabel Priebe de Souza Gerber	2007 EDU
07	O mal-estar docente: trabalho, saúde e educação	Janete Aparecida Rodrigues	2009 EDU
08	Pedagogia do (re)encantamento: uma intervenção diferenciada na formação docente	João Carlos Camolez	2007 EDU
09	Políticas institucionais e seus desdobramentos sobre o trabalho docente: absentismo e presenteísmo	Adailton Altoé	2010 EDU
10	Programa de apoio ao bem-estar docente: construção profissional e cuidar de si	Adelar Aparecido Sampaio	2008 EDU
11	Significados do mal-estar docente entre professores de história	Cláudia Cardoso Niches	2010 EDU

Legenda: M = Mestrado; D=Doutorado.

Fonte: Domínio Público/CAPES (2013).

Nota: a consulta foi feita de junho a novembro de 2013.

Apêndice B: Mapeamento das Dissertações
Descritor: Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário (2000-2013)

ORD	TITULO	AUTOR	ANO
01	Significados do mal-estar docente entre professores de história	Cláudia Cardoso Niches	2010 EDU
02	Escola pública: bem-estar docente, mal-estar docente e gênero	Cecy Maria Martins Marimon Gonçalves	2007 EDU
03	Matizes do mal-estar dos professores: um estudo de caso de uma escola pública do ensino médio	Jussara Bueno de Queiroz Paschoalino	2007 EDU
04	Corpo docente - corpo doente: porque padece o corpo? Corpo docente - corpo doente: porque padece o corpo?	Bárbara Andreza Moreira de Alcântara	2009 EDU
05	Contribuições da psicanálise a uma leitura do mal-estar docente na Rede Municipal de Ensino em Olinda	Ana Cristina Emerenciano Alcoforado Fonseca	2009 PSI
06	Do mal-estar ao bem-estar docente: uma análise de caso Argentina e Brasil	Lenira Senna Rodrigues	2011 EDU
07	Para além do sofrimento: uma possibilidade de resignificação do mal-estar docente	Betânia Oliveira Barroso	2008 EDU
08	A escuta na escola inclusiva: saberes e sabores do mal-estar docente	Adriana Pereira Bomfim	2008 EDU
09	Níveis de mal/bem-estar docente, de autoimagem e autoestima e de autorrealização de docentes em uma escola tradicional de Porto Alegre	Karina Pacheco Dohms	2011 EDU
10	Bem-estar docente: um estudo em escolas públicas de Porto Alegre	Jamile Zacharias	2012 EDU
11	Saúde docente: uma realidade detectada em direção ao bem-estar e à realização profissional	Aline Rocha Mendes	2011 EDU
12	Programa de apoio ao bem-estar docente: construção profissional e cuidar de si	Adelar Aparecido Sampaio	2008 EDU
13	Sofrimento psíquico e mal-estar docente: uma interface com o trabalho, a saúde e a família.	Iêda Fátima Da Silva	2013 FSC**
14	O mal-estar docente: das chamas devastadoras (burnout) às flamas da esperança-ação (resiliência)	Fatima Araujo de Carvalho	2003 PSI
15	Em busca da carta roubada: alguns aspectos relacionados ao mal-estar docente	Rita de Cassia Ribeiro David	2010 EDU
16	Por entre tramas e fios: o estresse e o bem-estar de professoras em uma escola pública de Uberlândia (MG)	Andréia Cristina Rezende Rodrigues de Paula	2009 EDU
17	O mal-estar docente: um estudo da psicodinâmica do trabalho a partir de relatos de professores do ensino fundamental do Distrito Federal	Roseli de Melo Sousa e Silva	2010 EDU
18	Subjetividade docente: identidade e trajetória do ser professor	Shirley Sheila Cardoso	2014 EDU
19	Múltiplos olhares sobre o mal-estar e o bem-estar docente em uma escola da rede municipal de Porto Alegre	Katia Maria Britto	2008 EDU

20	Sonhando com o ideal, pisando no real, fazendo o possível: trabalho e vida de professores comprometidos com a profissão docente há mais de 30 anos.	Cristina Spolidoro Freund	2009 EDU
21	Caminho para se repensar a formação de professores: síndrome de Burnout	Beatriz Di Marco Giacon	2012 EDU
22	Ser professor no contexto do século XXI: representações sociais de professores	Vanessa Ananias Malacrida	2012 EDU
23	Bem-estar e mal-estar no colégio Marista Pio XII: uma realidade evidenciada	Urbano Kehl	2011 EDU
24	Profissionalidade e identidade profissional do professor de matemática: o fenômeno do mal-estar docente e suas implicações	Mauricio Beranger	2007 *** MPEM
25	Diversidade e adversidade na escola: queixas e conflitos de professores frente à educação inclusiva	Claudia Dias Prioste	2007 EDU
26	O bem-estar na docência: o cuidado em si através da arte	Anabel Priebe De Souza Gerber	2007 EDU
27	Pedagogia do (re)encantamento: uma intervenção diferencial na formação docente	João Carlos Camolez	2007 EDU
28	O bem-estar na escola salesiana: evidências da realidade	Leandro Brum Pinheiro	2011 EDU
29	Progressão continuada e suas repercussões na escola pública paulista: concepções de educadores	Lygia de Sousa Viégas	2012 EDU
30	A influência da gestão escolar no bem-estar docente: percepções de professores sobre líderes educacionais de uma escola particular de Porto Alegre	Douglas Leal dos Santos	2012 EDU
31	Sobre a 'criança-problema' e o mal-estar do professor	Margarete Parreira Miranda	2006 EDU
32	Coração de professor: o (des)encanto do trabalho sob uma visão sociohistórica e lúdica	Sueli Barros da Ressurreição	2005 EDU
33	O bom professor na concepção do aluno: adolescentes em busca de um referencial adulto	Daniela Comassetto Felix	2009 EDU
34	A tensão na transição de licenciando(a) ao(à) professor (a)de Espanhol	Cleide Araújo Machado	2006 LETR E LING
35	Profissão professor: desafios e possibilidades do direito ambiental laboral frente ao mal-estar docente	Deise Vilnia Webber	2011 DIR.
36	Formação docente, educação ambiental e representações sociais: uma pesquisa com três professores especialistas em educação ambiental	Lila Maria Malcorra Araujo	2007 EDU
37	Sofrimento psíquico de professores: uma leitura psicanalítica do mal-estar na educação	Rosana Márcia Rolando Aguiar	2006 PSI
38	Educação física nas séries iniciais: uma proposta de bem-estar para unidocentes do município de Alegrete (RS)	Rodrigo de Azambuja Guterres	2011 EDU
39	Os sentimentos do professor gerados pelas suas vivências na prática docente: um estudo com docentes em uma escola pública no Piauí	Eloane Coimbra Lima	2011 PSI

40	Bem-estar no trabalho entre docentes universitários: estudo de caso em uma IES pública	Aline Luisa de Andrade Leal	2008 ADM
41	Afetividade em sala de aula: um estudo com adolescentes da rede pública de ensino	Luciana Scharpf	2008 PSI da EDU
42	Cultura digital e sua influência na sociabilização dos jovens, segundo a percepção docente	Daniela Adonai Lima e Silva	2009 PSI
43	A inclusão escolar da subjetividade do professor à constituição de um lugar de aluno	Juliana Ribeiro Câmara Lima	2005 PSI
44	Nos meandros do processo de formação da identidade profissional de professoras e professores negros.	Regina Helena Moraes	2006 EDU
45	Um estudo das representações sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia	Sandro Prado Santos	2008 EDU
46	Sexualidade na educação infantil: impasses dos professores diante das questões das crianças	Magda Helena Balbino Casarotti	2009 EDU
47	Da formação no corredor ao corredor de formação: a troca de experiência como alternativa para a gestão dos dilemas e desafios da prática pedagógica	Aurea Regina Damasceno	2002 EDU
48	Programa de valorização pelo mérito implantado pela secretaria do estado da educação de São Paulo: opiniões de professores coordenadores	Ligia Maria Marques	2012 EDU
49	Impactos do teletrabalho nas atividades dos docentes do Senai	Jerusa Betina Schroeder	2007 ADM
50	Investigando a sexualidade de professoras: suas histórias, saberes e práticas	Daniela Mota Fernandes	2008 EDU
51	Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos	Eduardo Soares Lucena	2010 **** GDR

Legenda: *Os trabalhos negritados referem-se ao descritor Mal-Estar Docente Universitário; M = Mestrado); (D=Doutorado).

Fonte: BDTD (2013).

Nota: consulta feita de junho a novembro de 2013.

Apêndice C: Mapeamento das Teses
 Descritor: Mal-Estar Docente e Mal-Estar Docente Universitário (2000-2014)

ORD	TITULO	AUTOR	ANO
01	Um olhar implicado sobre o mal-estar docente	Silvana Maria Aranda	2007 EDU
02	Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e bem-estar dos professores que trabalham com EAD	Sueli Wolff Weber	2009 EDU
03	A dimensão estética na constituição do trabalho coletivo no interstício da escola constituída	Abigail Malavasi	2006 EDU
04	O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério	Josiane Peres Gonçalves	2009 EDU
05	Contingências do trabalho docente na escola pública: ensinar a ler e a escrever num contexto de mudança	Gema Galgani Rodrigues Bezerra	2010 EDU
06	Uma leitura psicanalítica da prática docente em turmas de progressão	Cristina Py de Pinto Gomes Mairesse	2003 EDU
07	O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública	Siderlene Muniz Oliveira	2011 ** LAEL
08	O trabalho docente do professor de Educação Física e suas relações sociais	Luiz Alberto de Souza Ferreira Pinto	2013 EDU
09	Violência na escola: relatos de professores em grupos clínicos de análise das práticas profissionais	Thais Sarmanho Paulo	2013 EDU
10	O mal-estar no ensino religioso: localização, contextualização e interpretação	Teresinha Maria Mocellin	2008 CIENC RELIG
11	Estratégias de prevenção ao estresse ocupacional de professores do ensino superior privado	Everton Zambon	2014 EDU
12	Historias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias	Maria Vilani Cosme de Carvalho	2004 PSI
13	Flexibilidade: impactos nas relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo	Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida	2005 CIENC SOC
14	Aprender e ensinar na idade média: quando os jovens ocupam as duas dimensões do processo	Marta Lúcia de Souza Celino	2012 EDU
15	A construção do eu no contexto da educação infantil: influências da escola e a perspectiva das crianças sobre esse processo	Sandra Maria de Oliveira Schramm	2009 EDU
16	Formação de professores de história, práticas e discursos de si	Rodrigo Lemos Simões	2013 EDU

17	Por nós mesmos: as práticas sindicais dos professores públicos na Argentina, no Brasil e no México	Julián José Gindin	2011 SOC
----	--	--------------------	-------------

Legenda: *Os trabalhos negritados referem-se ao descritor Mal-Estar Docente Universitário;
**(07)Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; M = Mestrado; D=Doutorado.
Fonte: BDTD (2013/2014).

Nota: consulta feita de maio de 2013 a junho de 2014.

Apêndice D: Mapeamento das Teses e Dissertações – Capes (2011-2012)
 Descritores: Mal-Estar Docente e Mal-Estar no Ensino Superior

Quadro 1: Títulos e autores

ORD	TITULO	AUTOR	ANO
01	De mal-estar docente em escolas públicas municipais de Salvador	Flaviane Farias Sudario Pereira	2011 (M) EDU
02	A formação continuada como viés de bem/mal-estar docente	Andre Luciano Alves	2011 (M) SOC e HUM
03	Saúde docente: uma realidade detectada - em direção ao bem-estar e a realização profissional	Aline Rocha Mendes	2011 (M) EDU
04	Bem-estar e mal-estar dos professores no colégio Marista Pio XII de Novo Hamburgo (RS)	Urbano Kehl	2011 (M) EDU
05	Mal-estar docente e sofrimento psíquico: o caso de professores de uma escola da rede municipal de Uberaba (MG)	Marilene de Lourdes Vieira	2011 (M) EDU
06	Níveis de mal/bem estar docente, de autoimagem e autoestima e de autorrealização de docentes em uma escola tradicional de Porto Alegre	Karina Pacheco Dohms	2011 (M) EDU
07	Do mal-estar ao bem-estar docente: uma análise de caso Argentina e Brasil	Lenira Botelho Senna	2011 (M) EDU
08	Psicanálise e educação: o mal-estar do professor universitário na atualidade	Aline Cristina Anselmo	2011 (M) PSI
09	Prazer e sofrimento no trabalho de professores do ensino fundamental e médio: estudo de caso em uma escola estadual da cidade de Curvelo (MG)	Maria Vitalina Borges de Carvalho	2011 (M) ADM
10	Profissão professor - desafios e possibilidades do direito ambiental laboral frente ao mal-estar docente	Deise Vilma Webber	2011 (M) DIR
11	O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública	Siderlene Muniz Oliveira	2011 (D) LING

			APL
12	O bem-estar na escola salesiana: evidências da realidade	Leandro Brum Pinheiro	2011 (M) EDU
13	Grupo de sensibilização e criatividade: espaço de retomada de bem-estar/ autoimagem/ autoestima de educadores	Daniel Carneiro Castilhos	2011 (M) EDU
14	O mal-estar no trabalho de professoras das séries iniciais do ensino fundamental de Porto Velho	Denise Teodoro Sampaio	2012 (M) PSI
15	Bem-estar docente: um estudo em escolas públicas de porto alegre	Jamile Zacharias	2012 (M) EDU
16	O mal-estar docente em gestores escolares	Catia Cristina Xavier Mazon	2012 (M) PSI
17	Ser professor no contexto do século XXI: representações sociais de professores	Vanessa Ananias Malacrida	2012 (M) EDU
18	Educação integral: cartografia do mal-estar e desafios para a formação docente	Rosalina Rodrigues de Oliveira	2012 (D) EDU
19	Aquele que entre vocês for o menor será o maior: prática escolar, cotidiano e adoecimento	Marinea Vicentina da Cruz	2012 (M) SOC
20	A influência da gestão escolar no bem estar docente: percepções de professores sobre líderes educacionais de uma escola particular de Porto Alegre	Douglas Leal dos Santos	2012 (M) EDU
21	A escola que adoce: o professor, suas condições de trabalho e o mal-estar docente	Adriana Silva Vieira	2012 (M) EDU
22	Qualidade de vida das mulheres de carreira docente	Eva Susana Soares de Oliveira	2012 (M) SER
23	Os sentimentos do professor gerados pelas suas vivências na prática docente: um estudo com docentes em uma escola pública no Piauí	Eloane Coimbra Lima	2011 (M) PSI
24	Atividades artísticas com teor terapêutico e suas contribuições para a compreensão das inquietações	Marli Ferreira Wandscheer	2012 (M)

	do ser humano professor		EDU
25	A violência na escola como um sintoma do mal-estar juvenil e institucional na pós-modernidade: a voz do(c)ente	Mauro Gleisson de Castro Evangelista	2012 (M) EDU
26	Educação física nas séries iniciais: uma proposta de bem-estar para unidocentes do município de Alegrete (RS)	Rodrigo de Azambuja Guterres	2011 (M) EDU
27	A concepção dos professores sobre a sexualidade do aluno nomeado como deficiente mental na escola inclusiva	Rita de Cassia Costa Teixeira	2011 (M) EDU

Legenda: *Os trabalhos negritados referem-se ao descritor Mal-Estar Docente Universitário; M = Mestrado; D=Doutorado.

Fonte: Capes (2014).

Nota: consulta feita entre abril e maio de 2014.

Quadro 2: Artigos na RBE – Descritor: Mal-Estar Docente (2000-2014)

ORD	TITULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
01	O mal-estar na academia – produtivismo científico, fetichismo do conhecimento/mercadoria	Trein e Rodrigues	2011	Refletir sobre esse mal-estar, primeiramente, recuperando a noção freudiana de <i>mal-estar</i>	Freud (1865-1939), Marx (1864-1920)	Mal-estar na academia; produtivismo.	Contudo, não podemos concordar que o prolongamento, sob formas cada vez mais aperfeiçoadas, do atual modo de produção do conhecimento científico conduzirá a sociedade, enfim, ao <i>télos</i> de uma Economia Competitiva pela mão do Desenvolvimento Científico & Tecnológico. Nesse sentido, é urgente que nos organizemos coletivamente para dissolver os fantasmas que nos assombram.
02	Diálogo sobre cientometria, mal-estar na academia e a	Vilaca e Palma	2013	Por ser um ensaio não nos permite acessar ao resumo	X	X	X

	polêmica do produtivismo						
--	--------------------------	--	--	--	--	--	--

Quadro 3: *Cadernos de Pesquisa/FCC*

ORD	TITULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 4: *Em Aberto/INEP*

ORD	TITULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 5: *Educação & Sociedade*

ORD	TITULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
X	X	X	X	X	X	X	X

Nota: acesso de junho a novembro de 2013.

Quadro 6: Dissertações registradas. Descritor: Mal-Estar Docente (2000-2014)

ORD	TÍTULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
01	Um estudo das representações sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia	Sandro Prado Santos	2008	A presente pesquisa foi desenvolvida no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Uberlândia, e teve como objetivo levantar as representações sobre o trabalho docente dos licenciandos desse curso.	NADA CONSTA	Trabalho docente, representação social, formação de professores	A presente pesquisa não esgota a possibilidade de futuros estudos sobre esta temática. No entanto, esperamos que este trabalho contribua para as discussões em torno do trabalho docente, nos cursos de formação de professores.
02	Impactos do teletrabalho nas atividades dos docentes do Senai	Jerusa Betina Schroeder	2007	A universidade deixa de ser o único local do conhecimento, e o uso do tempo e do espaço muda radicalmente. O comprometimento do homem numa nova tendência vinculada ao teletrabalho exige e renova regras e comportamentos diferentes dos métodos tradicionais quando se refere ao trabalho. O estudo do papel	NADA CONSTA	Trabalho. Professor. Teletrabalho.	A análise dos dados permite concluir que há muitas melhorias a serem construídas ao longo desse novo conceito de trabalho especialmente no que se refere à metodologia de ensino, permitindo maior comunicação, resultado que só tem a contribuir para uma melhor qualidade de ensino, ou seja, há como explorar melhor os

			<p>do professor como teletrabalhador pode gerar novos conhecimentos e auxiliar as instituições de ensino a melhorarem suas práticas de ensino para se manterem competitivas no mercado e terem mais chances de sucesso, podendo o trabalho resultar em estudos mais avançados em qualquer instituição de ensino que esteja buscando essa nova forma de trabalho. Analisar os impactos do teletrabalho nos docentes do Senai (SC) são os objetivos desta pesquisa.</p>			<p>recursos existentes quando se trata de ensino a distância tanto para o aluno como para o docente e, sobretudo, no que se refere à prática pedagógica exercida para então, permitir melhor interação entre os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.</p>
--	--	--	---	--	--	--

03	Cultura organizacional e estresse ocupacional: um estudo com docentes das instituições privadas de ensino superior do município de Guarulhos	Eduardo Soares Lucena	2010	Este trabalho objetivou identificar a associação entre cultura organizacional e estresse ocupacional em docentes de instituições privadas do ensino superior do município de Guarulhos.	Nada consta.	Estresse ocupacional, cultura organizacional, professores	Com os resultados do teste para as culturas real e ideal, evidenciou-se que o estresse não é causado pela diferença dos pontos dessas culturas, portanto, não há associação entre a cultura organizacional e o estresse ocupacional para amostra de docentes que responderam os questionários, já os resultados do teste qui-quadrado permitiu concluir que há associação entre a cultura ideal e supercomprometimento no trabalho.
----	--	-----------------------	------	---	--------------	---	---

Fonte: BDTD (2013).

Nota: consulta feita de junho a novembro de 2013.

Quadro 7: Dissertações Registradas na Capes. Descritor: Mal-Estar Docente (2011-2012)

ORD	TÍTULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
01	Psicanálise e educação: o mal-estar do professor	Aline Cristina Anselmo	2011 (M)	Consiste em um estudo teórico acerca do mal-estar	Explora a teoria freudiana.	Psicanálise e Educação.	Por fim, explora a teoria freudiana, a fim de

	universitário na atualidade		PSI	do professor universitário, sendo a interpretação desse mal-estar, com base na psicanálise, seu principal objetivo.		Trabalho Docente. Ensino Superior.	compreender a constituição da subjetividade que, segundo a psicanálise, é marcada pelo mal-estar. Nesse momento, destaca conceitos como narcisismo, ideal de ego, psicologia de grupo, mal-estar, angústia, masoquismo, superego, sintoma, pulsão de morte e sentimento de culpa. Conclui-se que o mal-estar do professor universitário na atualidade se dá na conjugação de diferentes fatores que se relacionam de forma dinâmica: como sujeitos constituídos na relação com o outro e com a cultura, esses docentes encontram nas demandas da atualidade e nas condições atuais de trabalho do professor universitário o cenário ideal para a manutenção da angústia e
--	-----------------------------	--	-----	---	--	---------------------------------------	---

							do mal-estar.
--	--	--	--	--	--	--	---------------

Fonte: Capes (2014).

Nota: acesso feito em maio de 2014.

Quadro 8: Teses registradas na BDTD - Descritor: Mal-Estar Docente

ORD	TÍTULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
01	Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e bem-estar dos professores que trabalham com EAD	Sueli Wolff Weber	2009	Apontar fatores que contribuíram para que docentes do curso de Pedagogia na Modalidade à Distância da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) vivenciassem estados de Bem-Estar ou de Mal-Estar no exercício de suas atividades.	Esteve (1999) e Jesus (2002), Mosquera e Stobäus (2005), Bardin (2004).	Mal-Estar. Bem-Estar. Educação Presencial. Educação a Distância. Docência a Distância. Trabalho Solidário.	A tese mostra, com base nos depoimentos dos professores, que a Educação à Distância, por múltiplas razões, é propiciadora, mais do que o ensino presencial, de Bem-Estar docente e se constitui, quando implantada com responsabilidade, quando estruturada em bases teóricas e em experiências consolidadas, uma alternativa de ensino de qualidade e de acesso à educação para mais pessoas.
02	O trabalho representado do professor de pós-graduação	Siderlene Muniz	2011	Objetivo contribuir para uma reflexão sobre o	Não cita autores.	Trabalho docente, pós-	Esta tese consiste, de modo geral, na ideia de

	de uma universidade pública.	Oliveira		trabalho do professor de pós-graduação <i>stricto sensu</i> por meio da análise e interpretação das representações construídas sobre o trabalho docente em um texto produzido por uma professora que atua em uma universidade pública, a fim de trazer à tona o real da atividade que ela desenvolve.		graduação, representações, real da atividade, método de instrução ao sócia.	que a multiplicidade de tarefas desenvolvidas pelo professor de pós-graduação da área de estudos da linguagem prejudica o desenvolvimento das atividades de pesquisa e de ensino prescritas em documentos oficiais que regem sua profissão, especialmente aqueles que se dizem avaliativos. Esse fato nos obriga a refletir em busca de alternativas para sanar os problemas identificados
03	Estratégias de prevenção ao estresse ocupacional de professores do ensino superior privado	Everton Zambon	2014	Essa pesquisa teve como objetivo aprofundar a discussão a respeito das estratégias possíveis de prevenção ao estresse ocupacional de professores do Ensino Superior de instituições de ensino da região metropolitana de Porto Alegre (RS),	Nada consta.	Educação, Estresse ocupacional, Carreira docente, Psicologia Positiva, Bem-estar docente.	As aplicações do estudo apontam para a construção de programas de desenvolvimento de competências individuais e coletivas para os docentes envolvidos neste cotidiano, buscando focar nestas cinco questões como as principais estratégias de

				Brasil.			prevenção a serem aprofundadas no enfrentamento ao estresse ocupacional dos educadores do ensino superior privado.
04	Histórias de ser e fazer-se educador: desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias	Maria Vilani Cosme de Carvalho	2004	Tem como objetivo analisar o processo de construção da identidade do professor universitário e o sentido que atribuem à carreira docente, de modo que possamos compreender quem são os professores que estão hoje nas IFES, o que pensam acerca das atividades que desenvolvem como docentes, o que sentem em relação à profissão e se os caminhos que estão percorrendo podem ser considerados possibilidades emancipatórias.	Habermas, Berger e Luckmann e na tese de Ciampa	Não define palavras-chave.	Os resultados revelaram que esse grupo de professores construiu e vive a carreira em contextos socio-histórico e político-institucional marcados por mudanças e paradoxos que, de fato limita o ser e fazer-se professor universitário, porque têm inviabilizado o desenvolvimento das atividades docentes em toda sua amplitude e gerado sentimentos que os levam a um profundo mal-estar. Entretanto, esse mesmo contexto tem lhes dado oportunidades de trilhar caminhos que podem ser

							transformados em possibilidades emancipatórias para o ser e fazer-se professor como indivíduo e profissional.
05	Flexibilidade: impactos nas relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo.	Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida	2005	O objetivo do estudo é analisar as relações de trabalho dos professores do ensino superior da rede privada em São Paulo, sob uma política de ensino de cariz neoliberal, afetadas pelo fenômeno da flexibilização cujos principais efeitos são a degradação e a precarização do trabalho dos docentes.	Não cita autores	Não divulga as palavras-chave.	As conclusões deste estudo mostram que a política atual de cariz neoliberal não resolve a crise que aflige não só aos docentes, mas a todos os trabalhadores. É preciso romper com as reformas neoliberais que degradam e precarizam o trabalho em uma trajetória que poderá levar à barbárie.
06	Aprender e ensinar na idade média: quando os jovens ocupam as duas dimensões do processo	Marta Lúcia de Souza Celino	2012	Este trabalho teve como objetivo geral investigar dimensões dos processos de ensino-aprendizagem utilizados na contemporaneidade e protagonizados por jovens, estudantes do	Amorim (2002; 2004), Jobim e Souza (1995; 2011) Bakhtin (1981; 2003), Levy (1993; 1996; 1999), Lemos (2007; 2011), Primo (2008), Santela	Aprender e ensinar; idade média, TIC, jovens, professores.	Tais achados permitem discernir, para além da especificidade do estudo realizado, que o mal-estar de professores e alunos na escola pode ser superado pela transformação das relações que se baseiam

				ensino médio integrado ao profissionalizante, de uma escola pública da cidade de Campina Grande (PB) e seus professores, estudantes do Curso de Informática da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).	(2003; 2004), Cavalcanti e Nepomuceno (2007), Veen e Vrankking (2009), Bonilla (2009; 2011), Pretto (1996; 1999; 2002; 2008).		na superioridade da experiência dos primeiros sobre a dos segundos.
07	Formação de professores de história, práticas e discursos de si	Rodrigo Lemos Simões	2013	Objetivo central: analisar o processo formativo de estudantes de Licenciatura em História de um Centro Universitário do Rio Grande do Sul, especialmente a forma como são entendidas e realizadas as disciplinas de Estágio Supervisionado. Interessamos buscar, através dos relatórios de estágio, a fala dos sujeitos em meio a todo o tipo de circunstância a que são	Não cita autores.	Educação Superior, Ensino de História, Estágios Supervisionados, Mal-estar/bem-estar docente	Assim, identificamos que não será possível avançarmos e superarmos os sintomas de mal-estar na docência até que tenhamos um redimensionamento da formação inicial dos futuros profissionais da educação. Para cumprir plenamente sua função formativa, as Instituições de Ensino Superior devem ser capazes de, ao mesmo tempo, suprir as necessidades dos estudantes em relação à área es-

				submetidos ao longo deste processo.			pecífica de atuação, conciliando a isso uma maior ênfase na docência, através de programas de ensino que formem o professor em sua plenitude. É nas IESs que deve ser dado início à revalorização da profissão docente. É nela que serão formados os futuros quadros do magistério. E é nela que são identificadas as 13 profundas defasagens na relação teoria X prática. Longe de ser entendido como um processo tranquilo e livre de traumas, a iniciação na docência nos é apresentada pelos estagiários como um local de dúvidas e dificuldades. Ainda assim reafirmam a crença na educação como o principal meio de crescimento pessoal e de
--	--	--	--	-------------------------------------	--	--	--

								transformação da sociedade. Aliados de instrumentos capazes de reorganizar e dar novos sentidos ao entendimento daquilo que por eles mesmos é identificado como o “real” da profissão, retornam ao discurso fundante de uma educação redentora.
--	--	--	--	--	--	--	--	---

Fonte: BDTD (2013).

Nota: acesso em junho a novembro de 2013.

Quadro 9: Mapeamento das teses registradas na Capes (2011-2012). Descritor: Mal-Estar Docente

ORD	TITULO	AUTOR	ANO	OBJETIVOS	AUTORES REFERENCIADOS	PALAVRAS-CHAVE	CONCLUSÃO
01	O trabalho representado do professor de pós-graduação de uma universidade pública	Siderlene Muniz Oliveira	2011 (D) LING APL.	Contribuir para uma reflexão sobre o trabalho do professor de pós-graduação <i>stricto sensu</i> por meio da análise e interpretação das representações construídas sobre o	Não referenciaram no resumo.	Trabalho docente, pós-graduação, representações	Esta tese consiste, de modo geral, na ideia de que a multiplicidade de tarefas desenvolvidas pelo professor de pós-graduação da área de estudos da linguagem prejudica o desenvolvimento das atividades de pesquisa e de ensino prescritas em documentos oficiais que regem sua profissão, sobretudo aqueles

				trabalho docente em um texto produzido por uma professora que atua em uma universidade pública, a fim de trazer à tona o real da atividade que ela desenvolve.			que se dizem avaliativos. Esse fato nos obriga a refletir sobre alternativas para sanar os problemas identificados.
--	--	--	--	--	--	--	---

Fonte: Capes (2014).

Nota: acesso em maio de 2014.